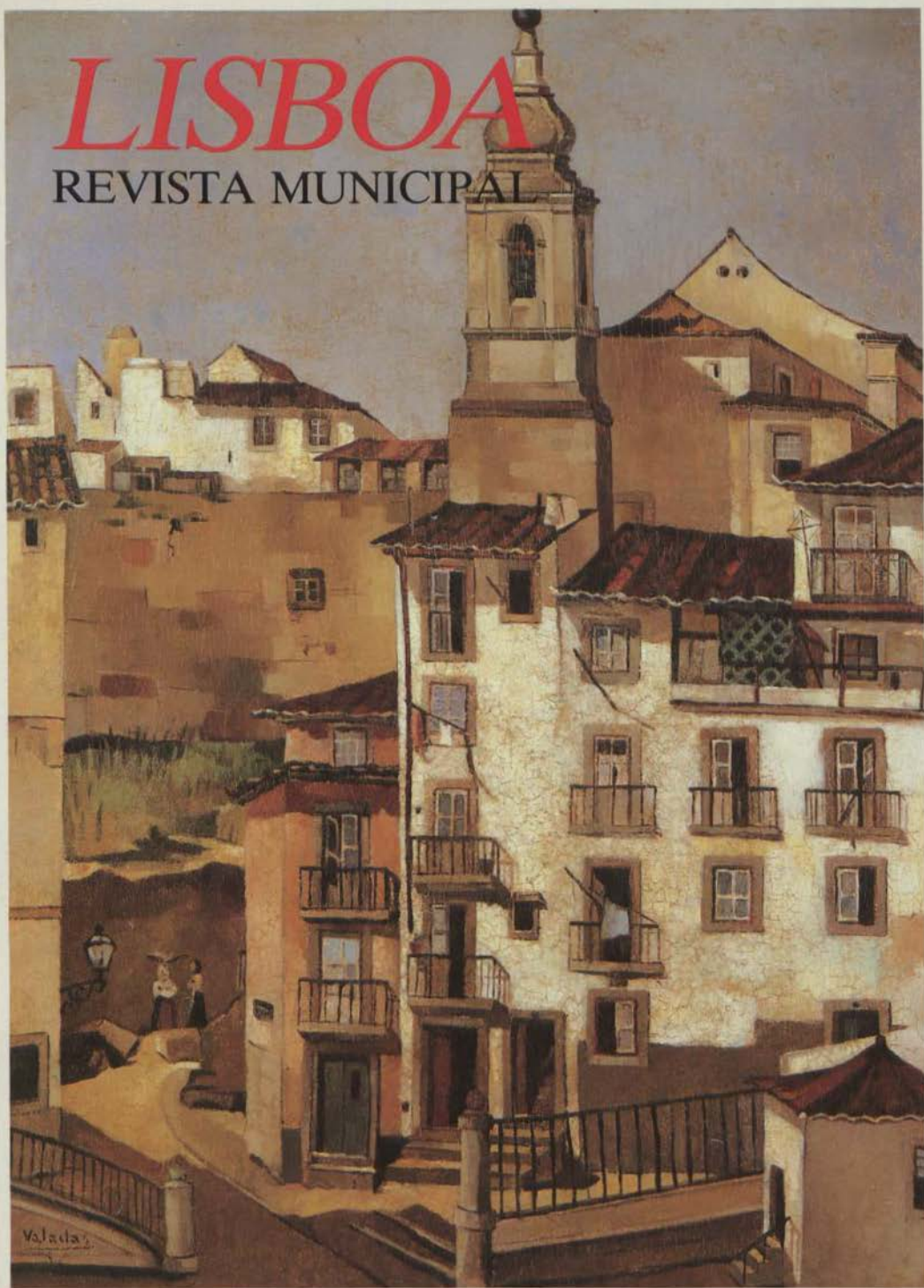


LISBOA

REVISTA MUNICIPAL



Oferia

BIBLIOTECA MUNICIPAL DOS OLIVAIS

412. JUL. 1990



LISBOA

REVISTA MUNICIPAL

ANO XLIX — 2.ª SÉRIE — N.º 26 — 4.º TRIMESTRE DE 1988 — NÚMERO AVULSO: 500\$00

DIRECTOR: ORLANDO
MARTINS CAPITÃO
SUBDIRECTOR: MARIA
SALETE SALVADO
ASSISTENTE TÉCNICO:
ALFREDO THEODORO

sumário

TRÊS ESTAÇÕES PALEOLÍTICAS
DA SERRA DE MONSANTO • A FREGUESIA
DO SOCORRO-II • A CASA VEVA DE LIMA
— UM PROJECTO CULTURAL • NOTICIÁRIO

EDIÇÃO DA C. M. L. - D. S. C. C. - REPARTIÇÃO DE ACÇÃO CULTURAL
PALÁCIO DOS CORUCHEUS - RUA ALBERTO DE OLIVEIRA - 1700 LISBOA - TELEFONE 76 62 68

Tiragem: 2000 exemplares - Depósito Legal n.º 18 112/87

Composição e impressão: Heska Portuguesa - Rua Elias Garcia, 27-A - Venda Nova - Amadora



NA CAPA:

-A Calçada do Menino Deus-
Óleo de Jorge Valadas
Coleção da C.M.L.

TRÊS ESTAÇÕES PALEOLÍTICAS DA SERRA DE MONSANTO

- TAPADA DA AJUDA
- MOINHO DA CARRASQUEIRA
- MOINHO DAS CRUZES

1 — INTRODUÇÃO: ASPECTOS METODOLÓGICOS

As descobertas paleolíticas de Monsanto podem considerar-se as precursoras das que viriam a efectuar-se ulteriormente nos arredores de Lisboa, mercê da actividade de investigadores de que se salientam Fonseca Cardoso, F. Alves Pereira, J. Leite de Vasconcelos, Joaquim Fontes, Vergílio Correia e, na região da Amadora, Jean Ollivier e Alves Costa. A sua actividade, desenvolvida sobretudo no primeiro quartel deste século conduziu, a breve trecho, à descoberta de numerosas estações ficando, desta forma, demonstrada a intensidade da ocupação paleolítica dos arredores da capital. Esta revela-se particularmente nítida nas áreas ocupadas pelos afloramentos de tufo e rochas basálticas, pertencentes ao «Complexo Vulcânico de Lisboa», de idade neocretácica, ou dos solos deles derivados. A razão para tão grande concentração de materiais paleolíticos nestes terrenos, por oposição ao verificado nos afloramentos calcários, levou a considerar aquelas zonas como preferencialmente ocupadas pelo homem paleolítico. Sendo tribos de caçadores, instalavam-se, preferencialmente,

nos locais onde a água e, por conseguinte, a caça, abundavam. Aquela é escassa nas regiões calcárias, à superfície, sendo mais abundante nos domínios basálticos. Por outro lado, homens e animais evitariam, naturalmente, os acidentados relevos calcários, cobertos por densa vegetação arbustiva, por vezes espinhosa, preferindo os afloramentos basálticos, caracterizados por relevos ondulados suaves, cobertos por vegetação de menor densidade, oferecendo, por conseguinte, acessibilidade muito mais favorável (ZBYSZEWSKI 1943; CARDOSO 1987). Os afloramentos basálticos seriam, ainda, preferidos por oferecerem maiores recursos em matéria-prima, sob a forma de nódulos de sílex e de seixos rolados, derivados de antigas coberturas detriticas hoje quase totalmente desaparecidas, por erosão.

A aludida preferência pelos terrenos basálticos, encontra-se, de facto, bem evidenciada na «Carta paleolítica e epipaleolítica dos arredores de Lisboa», da autoria de A. do PAÇO (1940), na qual se referem noventa e sete estações, todas de superfície, algumas com material abundantíssimo. Uma das que agora se estuda — o Moinho das Cruzes — possui o número de inventário 153; as duas

outras — Tapada da Ajuda e Moinho da Carrasqueira — encontravam-se inéditas até ao presente, embora a primeira venha assinalada na «Carta geológica dos arredores de Lisboa» na escala de 1/20 000, editada em 1940 pelos Serviços Geológicos de Portugal.

Tendo em consideração a distribuição de jazidas apresentada por A. do Paço, as três que agora se estudam situam-se na periferia da zona de maior concentração, na região da Amadora, assinalada, aliás, em carta ulterior, da autoria de J. OLLIVIER (1951). A situação geológica reforça tal facto, pois embora ainda se integrem na mancha basáltica, os calcários cretácicos afloram nas proximidades.

Muito embora se trate, em todos os casos, de materiais de superfície — de muito desigual importância em número e qualidade — correspondem, por certo, a vestígios de acampamentos temporários de pequenos grupos humanos de caçadores. A sua dispersão e profusão — que levou alguns investigadores a não os considerarem como integrando verdadeiras estações, mas tão-somente constituindo uma «mancha de ocupação» mais extensa, coincidindo com a própria unidade geológica em que assentam, é, porém, mais aparente que real. De facto, tanto as causas naturais como a acção humana, actuando durante milénios, não conseguiram apagar a evidência de certas concentrações. Isto mesmo foi confirmado por um de nós (J. L. C.) em jazida do Paleolítico médio do concelho de Cascais. Procedendo ao levantamento rigoroso de todos os artefactos dispersos no terreno e apesar deste se apresentar identicamente agricultado (agricultura de sequeiro, cereali-fera, em extensão), foi possível demonstrar que a distribuição dos objectivos não era aleatória, antes revelava concentração em determinada área do campo agrícola (CARDOSO 1981).

Demonstrado o carácter intencional de tais concentrações (ou, pelo menos, das mais importantes), correspondendo a verdadeiras estações, impunha-se o seu estudo sistemático. Com efeito, apenas a estação de Casal do Monte havia sido estudada exaustivamente na década de 1940 por BREUIL *et. al.* (1942), apesar do primeiro destes investigadores ter observado e classificado o material proveniente de outras jazidas, o qual se manteve inédito até à actualidade.

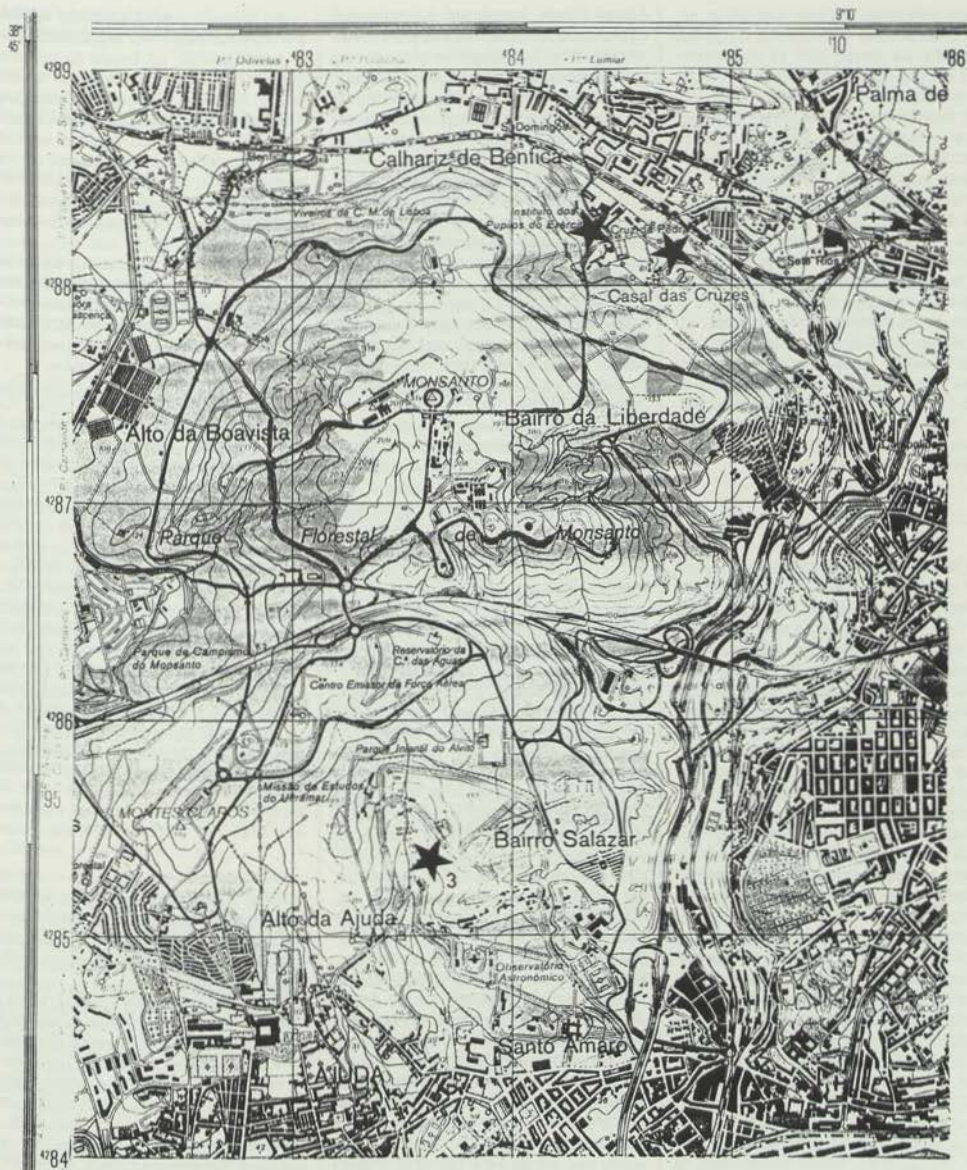
Embora sejam estações de superfície, nos casos em que se possa assegurar

que a recolha tenha sido numerosa e, sobretudo, completa, não sujeita a critérios de selecção, isto é, que se tenha procedido à colheita de *todos* os materiais existentes no terreno, justificar-se-á o seu estudo. Mesmo que a segunda condição não se possa assegurar, por serem na maioria recolhas antigas, ficando por demonstrar a sua representatividade face à impossibilidade de proceder a novas colheitas, será possível, através da caracterização morfo-técnica e tipológica dos materiais disponíveis, definir, ao menos, os traços gerais das indústrias, desde que estudadas um número suficiente de jazidas. Tal estudo, a ser conduzido de forma metódica, possibilitará, talvez, a resposta a diferentes questões, a saber:

— todas as jazidas evidenciarão idênticas sucessões industriais? E, nesse caso, qual o significado que se deveria atribuir a eventuais variações percentuais entre grupos assim isolados? (Por exemplo, ao nível do aumento ou diminuição das populações);

— ou, pelo contrário, evidenciar-se-ão variações industriais de jazida para jazida ou grupos de jazidas e, nessa eventualidade, qual o significado de tais diferenças? Por exemplo, admitindo a coexistência de grupos humanos de tradição diferente no talhe da pedra, ou atribuindo tais diferenças a actividades diferentes, sazonais, do mesmo grupo? (Trata-se, de certo modo, da transposição para o nosso país da problemática existente em França para explicar os diferentes Mustierenses definidos por BORDES (1981). Torna-se evidente que a resposta a esta questão deparará com a dificuldade de não se dispor de indicações estratigráficas para qualquer destas jazidas.

Para ultrapassar a falta de indicações estratigráficas, tem-se recorrido ao denominado «método das séries», prática divulgada no nosso país aquando da estadia de H. Breuil, no início da década de 1940. Porém, a constituição de séries de litologia e estado físico homogêneas, aplicada a materiais de superfície, não é suficiente para assegurar a absoluta contemporaneidade dos materiais integráveis em cada uma delas. Com efeito, demonstrou-se que o mesmo objecto pode apresentar uma eolização diferente nas suas faces, conforme a exposição aos ventos carregados de areia. Também se verificou que fragmentos do mesmo objecto, acidentalmente transportados para



Localização das três jazidas paleolíticas estudadas na Carta Militar de Portugal na escala de 1/25 000.
 1 – Moinha da Carrasqueira (seg. informação de O. da Veiga Ferreira); 2 – Moinho das Cruzes; 3 – Tapada da Ajuda.

locais diferentes, podem apresentar aspecto superficial (coloração e desgaste) distintos, de acordo com as características físico-químicas do ambiente em que foram depositados. ZILHÃO (1987, fig. 14) exemplifica este caso com peça solutrense de Rio Maior. Por outro lado, ao contrário do material de quartzito, geralmente homogêneo, no de silix — que constitui a grande maioria da matéria-prima das indústrias dos arredores de Lisboa — a separação é mais difícil, visto a rocha apresentar, por vezes, variações na sua constituição e estrutura, com enclaves e inclusões diversas, que a transformam em material não homogêneo, dificultando a aplicação do método das séries baseado no estado físico; daí que este método não dispense a classificação tipológica do material, que confirmará, ou não, a seriação estabelecida, conduzindo, em qualquer caso, a maior precisão.

2 — ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Os primeiros achados arqueológicos em Monsanto devem-se a A. Mendes, colector da então «Comissão Geológica de Portugal». Trata-se de uma bela lâmina de silix, recolhida em Santana e reproduzida por J. Leite de VASCONCELOS (1922). Conserva-se no Museu Etnológico Português, actualmente Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

Este achado isolado foi, talvez, motivo para o prosseguimento das prospeções, facilitadas pela proximidade de Lisboa, embora feitas sempre ao sabor das circunstâncias e do acaso. Em 1895, Fonseca CARDOSO publica a primeira notícia sobre as importantes indústrias paleolíticas do vale da ribeira de Alcântara, que tanto iriam atrair outros investigadores, declarando que «muitos mais *coup-de-poiring* se devem colher não só nas aluviões quaternárias, como também à superfície do solo, nos arredores de Campolide e pelas encostas do vale de Alcântara». Porém, a autenticidade do artefacto paleolítico publicado na referida notícia, mercearia de Leite de VASCONCELOS (*op. cit.*) as mais profundas reservas. Apenas em 1909 as prospeções foram retomadas, pela iniciativa do padre Bovier-Lapierre. Tendo encontrado na cerca do Colégio de Campolide diversos artefactos líticos, estendeu as prospeções à serra que lhe fica fronteira e, em local que Mesquita de FIGUEIREDO (1922) situa a poente do aqueduto das

Águas Livres, encontrou muitos mais, que classificou como paleolíticos. F. Alves Pereira, ao tempo funcionário do Museu Etnológico Português, ocorreu logo ao local das descobertas, tendo para aquele Museu transportado muitos materiais, para o que concorreram, ulteriormente, muitos investigadores, entre os quais Vergílio Correia e o próprio Leite de Vasconcelos. A sua tipologia indicava, ao menos em parte, idade paleolítica; sobressaíam os bifaces, instrumentos «que são inquestionavelmente, por ora, os melhores do país» (CORREIA 1912 a, p. 61). No mesmo ano, aquele autor designa por Monsanto I o local em questão, situado na encosta direita do vale da ribeira de Alcântara, «uma chapada sanguínea que o aqueduto corta ao meio» (CORREIA 1912 b, p. 276), correspondendo Monsanto II à estação de Vila Pouca, situada mais a Oeste. Este autor localizou entre 1909 e 1912 avultado número de estações paleolíticas nos arredores de Lisboa. Nesse último ano, J. FONTES publica alguns materiais do Moinho das Cruzes, no mesmo ano referida por CORREIA (1912 a, p. 61). Em 1922, Mesquita de FIGUEIREDO (*op. cit.*) menciona o Alto dos Sete Moinhos, junto do encontro esquerdo do aqueduto, como tendo-lhe fornecido materiais paleolíticos, entre estes uma bela «limande», que figura. Deste modo, o topónimo «Monsanto» passou a designar um conjunto de estações: além das já citadas — poente do aqueduto das Águas Livres, Santana, Vila Pouca, Sete Moinhos e Moinho das Cruzes — A. do PAÇO (1932) acrescenta Cruz da Pedra ao aludido conjunto. Ulteriormente, outros investigadores também se interessaram pelo Paleolítico da serra de Monsanto. Há referência a prospeções que o padre E. Jalhay teria feito nos finais da década de 1930 (MOITA 1951). Em 1953, Bandeira Ferreira, ocupando-se do estudo de materiais paleolíticos daqui provenientes, notícia materiais na Av. 24 de Janeiro, no Alto da Serra (FERREIRA 1953) e, depois, «a 500 m a SO da estação pré-histórica do Moinho das Cruzes, podendo ser um prolongamento dessa estação» (FERREIRA *et al.* 1956, p. 263).

Os trabalhos mais recentes sobre as estações paleolíticas da Serra de Monsanto são os de ROCHE *et al.* (1959) sobre Vila Pouca e o de RAPOSO *et al.* (1985) baseado nos materiais das antigas colheitas em Monsanto, guardados no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

No primeiro destes trabalhos, foi possível, pela primeira vez, estabelecer corte estratigráfico, no bordo da pedra que limita a nascente a jazida de Vila Pouca. As peças foram classificadas pela sua posição estratigráfica e pelo estado físico. Foi, deste modo, possível estabelecer sete séries, as mais antigas do Paleolítico médio (Ia, Ib), as intermédias do Paleolítico superior (II, III) e Epipaleolítico (IV), sendo as mais recentes neocalcolíticas (V e VI).

O trabalho mais recente constitui tentativa de revisão e de classificação dos abundantes materiais recolhidos desde finais do século passado em Monsanto. Os autores atribuem aos materiais idade predominantemente mustierense.

Com a estadia de H. Breuil em Portugal nos anos de 1941-1942, a região volta a ser prospectada com intensidade. Aliás, H. Breuil pode inscrever-se entre os precursores do estudo das jazidas paleolíticas da Serra de Monsanto, por um seu estudo de 1918, onde analisa os materiais recolhidos. Os materiais estudados neste trabalho resultaram de colheitas efectuadas nessa altura por H. Breuil e G. Zbyszewski na Tapada da Ajuda, estação já indicada na Carta Geológica dos Arredores de Lisboa, editada pelos Serviços Geológicos de Portugal em 1940, na estação do Moinho das Cruzes, a qual, como se disse, foi assinalada por V. Correia e J. Fontes e nas vizinhanças do Moinho da Carrasqueira, situado também na Serra de Monsanto, de localização vaga (BREUIL *et al.*, 1942).

3 — ANÁLISE DOS MATERIAIS

Os materiais estudados no presente trabalho foram recolhidos, como se referiu antes, por H. Breuil e G. Zbyszewski em 1942 e oferecidos ao Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, onde hoje se conservam.

Nas páginas seguintes apresenta-se a lista de todos os materiais estudados, distribuídos, respectivamente por cada uma das jazidas e agrupados por séries de acordo com a tipologia e estado físico. Tendo todas as peças sido colhidas por especialistas, encontra-se assegurada a representatividade dos resultados: as colheitas foram numerosas e, sobretudo, exaustivas, isto é, interessaram todo o material lascado visível no terreno, condição anteriormente apontada como essencial à validade dos estudos estatísticos da distribuição da utensilagem.

JAZIDA PALEOLÍTICA DO MOINHO DA CARRASQUEIRA

SÉRIE I — ACHEULENSE
ANTIGO-PEÇAS EOLIZADAS,
ÀS VEZES COM LIGEIRO ROLAMENTO

Núcleos poliédricos

Dois núcleos poliédricos de sílex. O maior, com vestígios de cortex, está retocado num dos bordos em raspadeira nucleiforme, com bico.

Dimensões do maior:

71 mm × 53 mm × 57 mm.

Dimensões do menor:

43 mm × 37 mm × 23 mm.

Raspadeiras e raspadores

— Três lascas de sílex afeiçãoadas em raspadeiras na extremidade superior e em raspadores nos bordos laterais.

Dimensões da maior, afeiçãoada em raspador duplo, convexo, nos bordos laterais e em raspadeira na extremidade superior:

39 mm × 31 mm × 19 mm.

Dimensões da segunda, afeiçãoada em raspador duplo, convexo no bordo direito do anverso e côncavo no bordo esquerdo. Extremidade superior transversal sub-retilínea. Reverso de plano de separação com pequenos retoques no bordo esquerdo e na base:

33 mm × 28 mm × 16 mm.

Dimensões da menor, afeiçãoada em raspador duplo convexo nos bordos laterais e em raspadeira arredondada na extremidade superior. Reverso do plano de separação:

33 mm × 24 mm × 14 mm.

Raspadores simples convexos

— Duas lascas de sílex com um dos bordos laterais espesso e outro afeiçãoado em raspador simples convexo. A mais pequena, de forma subpentagonal, apresenta pequenos retoques na base e na parte superior.

Dimensões da maior, tayacense:

73 mm × 41 mm × 21 mm.

Dimensões da menor:

54 mm × 50 mm × 22 mm.

Raspadores duplos convergentes

— Uma lasca subpentagonal com reverso de plano de separação, com dois ou três retoques num bordo. Anverso separado em duas partes por uma aresta longitudinal ao longo do bordo esquerdo.

Retoques nos dois bordos laterais do anverso e na extremidade superior terminada em ponta triangular. O objecto tem aspecto de raspador duplo convergente, irregular. Base truncada inclinada para a esquerda (Est. 1, fig. 1).

Dimensões: 42 mm × 41 mm × 24 mm.

Lascas atípicas retocadas com bico na extremidade superior

— Uma lasca alongada atípica com bordos laterais ligeiramente convexos. Cortex ocupando a quase totalidade do anverso. Retocada na parte superior em época mais moderna e terminada em pequeno bico triangular. Reverso de plano de separação com dois negativos na base.

Dimensões: 56 mm × 37 mm × 20 mm.

SÉRIE II — ACHEULENSE SUPERIOR — PEÇAS EOLIZADAS

Peças aparentadas aos bifaces

— Um núcleo de quartzo, de tipo Levallois, aparentado aos «coups-de-poing» bifaciais. Base truncada, inclinada da esquerda para a direita. Bordo lateral direito convexo. Bordo lateral esquerdo côncavo, com pequena saliência triangular na metade superior. Extremidade superior do exemplar imperfeita, de forma triangular. Reverso dividido em duas partes por aresta longitudinal central.

Anverso trabalhado na base e nos dois bordos laterais por negativos inclinados. Parte central do anverso formando uma faixa longitudinal plana. (Est. 1, fig. 3).

Dimensões: 98 mm × 76 mm × 46 mm.

Núcleos e fragmentos, utilizados como raspadores ou raspadeiras nucleiformes

— Um poliedro de quartzo com um dos bordos apresentando um gume um pouco ziguezagueado.

Dimensões: 90 mm × 83 mm × 58 mm.

— Cinco núcleos, dos quais 3 de quartzo e dois de sílex, com uma das faces achatada e outra saliente. Bordo esquerdo do anverso apresentando um gume convexo destinado a servir de raspador, completado nos dois exemplares de sílex por alguns retoques.

Dimensões do maior em sílex (Est. 2, fig. 1):

60 mm × 45 mm × 23 mm.

Dimensões do menor em quartzo:

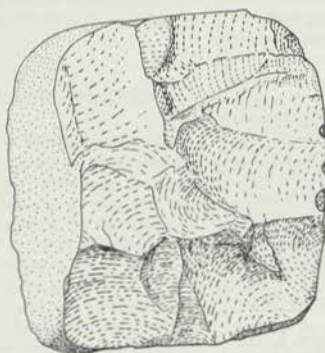
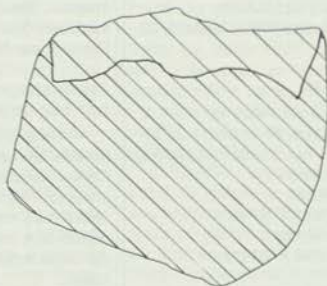
40 mm × 33 mm × 26 mm.

Est. 1 – MOINHO DA CARRASQUEIRA

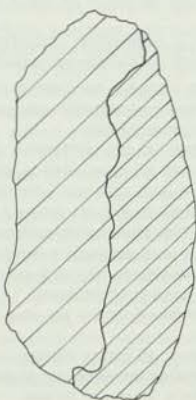
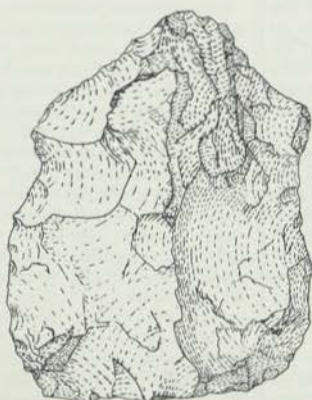
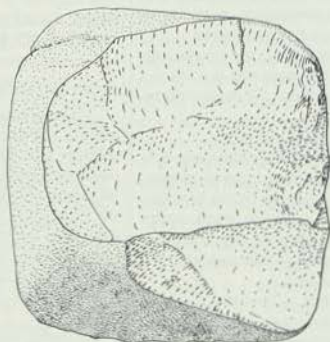
1 – Raspador duplo convergente (Acheulense antigo)

2 – Raspador sub-rectilíneo (Acheulense superior)

3 – Peça aparentada aos bifaces (Acheulense superior)



2



3

— Um fragmento de núcleo de sílex. Reverso de plano de separação. Anverso atravessado por aresta longitudinal central. Trabalhado nos bordos por lascas muito inclinadas e por alguns pequenos retoques. Extremidade superior com indícios de ter servido de raspadeira. Dimensões: 61 mm × 51 mm × 35 mm.

Calotes de seixo

— Metade de uma calote de seixo, alongada, em quartzito, com reverso de superfície primitiva. Anverso trabalhado a partir dos bordos laterais e separado em duas metades por aresta longitudinal inclinada. Base truncada transversalmente. Dimensões: 67 mm × 47 mm × 29 mm.

Raspadeiras

— Sete lascas, das quais 2 de quartzo e 5 de sílex, afeiçoadas em raspadeiras de formas muito irregulares.

Dimensões da maior:

37 mm × 36 mm × 18 mm.

Dimensões da menor:

26 mm × 22 mm × 8 mm.

Seixo raspador

— Um seixo raspador achatado, com reverso de superfície primitiva, com exceção de 2 pequenos negativos no bordo direito. Anverso coberto na maior parte pela superfície primitiva do seixo com exceção de um negativo mais antigo, truncando a base, e outro mais recente, da série III ou IV, no bordo esquerdo, com forte saliência triangular. Dimensões: 60 mm × 51 mm × 18 mm.

Raspador transversal inclinado

— Um raspador transversal inclinado. Reverso de plano de separação com bolbo e plano de percussão na base. Bordo esquerdo com pequenos retoques. Anverso dividido em três partes por arestas que se juntam na parte esquerda. Bordo superior transversal, sub-rectilíneo, denticulado, ligeiramente inclinado da direita para esquerda. Dimensões: 35 mm × 25 mm × 12 mm.

Raspador simples sub-rectilíneo

— Um fragmento de seixo de quartzito, afeiçoado no bordo esquerdo do anverso em raspador sub-rectilíneo. Base do anverso truncada obliquamente, inclinada da direita para a esquerda. Reverso de superfície primitiva, com pequeno

negativo de fractura na parte mais saliente.

Dimensões: 45 mm × 36 mm × 31 mm.

Raspadores duplos convergentes

— Nove lascas afeiçoadas em raspadores duplos convergentes, das quais uma de quartzo, uma de quartzito e as outras de sílex, todas com reverso aplanado e anverso saliente.

A maior (Est. 2, fig. 2) tem extremidade superior torcida para a esquerda.

Dimensões: 58 mm × 40 mm × 23 mm.

A lasca de quartzito, de técnica tayacense, tem reverso de plano de separação com bolbo e plano de percussão num dos bordos.

Dimensões: 53 mm × 50 mm × 19 mm (Est. 2, fig. 3).

A mais pequena é de quartzo.

Dimensões: 25 mm × 20 mm × 8 mm.

Raspadores duplos convexos

— Duas lascas retocadas em raspadores duplos convexos, a maior em quartzo branco e a menor, alongada e achatada, em sílex.

Dimensões da maior:

43 mm × 33 mm × 17 mm.

Dimensões da menor:

42 mm × 29 mm × 11 mm.

Raspadores duplos convexos e rectilíneos

— Uma lasca retocada em raspador duplo, convexo, esmagado no bordo direito e rectilíneo no bordo esquerdo do anverso.

Dimensões: 62 mm × 37 mm × 22 mm.

Raspadores duplos convexos e côncavos

— Seis lascas retocadas, das quais duas tayacenses, afeiçoadas em raspadores duplos, convexos num dos bordos laterais e côncavos no outro.

Dimensões da maior, alongada (Est. 2, fig. 4; Fot. 1):

59 mm × 34 mm × 17 mm.

Dimensões de uma de quartzo, com extremidade superior triangular (Est. 2, fig. 5):

57 mm × 36 mm × 14 mm.

Dimensões da menor:

35 mm × 22 mm × 14 mm.

Lascas atípicas retocadas

— Quatro lascas atípicas retocadas, das quais duas de quartzo e as outras de sílex.

Dimensões da maior:

41 mm × 35 mm × 10 mm.

Dimensões da menor:

40 mm × 33 mm × 15 mm.

— Uma «fatia» de seixo, truncado, de quartzo, de cor castanho-avermelhada escura. Bordos laterais de superfície primitiva de seixo; face superior trabalhada a partir dos bordos laterais por lascas inclinadas. Gume terminal largo, ligeiramente convexo. Face inferior truncada por lascas inclinadas, sobretudo a partir de um dos bordos formando um gume transversal sub-rectilíneo (Est. 1, fig. 2). Dimensões: 79 mm × 70 mm × 58 mm.

SÉRIE III-IV — ACHEULENSE SUPERIOR E MUSTIERENSE

Bifaces atípicos

Um biface cordiforme sobre calote de seixo de quartzo. Reverso convexo, na sua maior parte de superfície primitiva. Trabalhado apenas na metade superior do bordo direito convexo e na extremidade superior, por um conjunto de pequenas lascas inclinadas. Anverso de plano de separação com bolbo e plano de percussão de superfície primitiva na base. Trabalhado nos dois bordos laterais e na extremidade superior por lascas pouco inclinadas e muitas vezes sub-horizontais (Est. 2, fig. 6; Fot. 2). Dimensões: 81 mm × 62 mm × 38 mm.

Seixos truncados

— Um pequeno seixo de quartzo de tipo «pebble culture» com superfície primitiva ocupando o reverso e a maior parte do anverso. Trabalhado na extremidade superior do anverso por pequenas lascas inclinadas. Uma delas, maior, foi tirada da parte superior do bordo direito (Est. 3, fig. 1). Dimensões: 42 mm × 33 mm × 18 mm.

Núcleos poliédricos

— Vinte e nove núcleos poliédricos e fragmentos, dos quais 2 de quartzo e os outros de sílex, alguns com gumes utilizados como raspadeiras ou raspadores nucleiformes.

Dimensões do maior:

68 mm × 60 mm × 41 mm.

Dimensões do menor:

31 mm × 24 mm × 19 mm.

— Um núcleo mustierense arredondado com reverso côncavo. Anverso sa-

liente com pequenos retoques nos bordos e cortex ocupando a parte central. Dimensões: 37 mm × 35 mm × 17 mm.

Calotes de seixo

— Duas calotes de seixo de quartzo, tendo um dos bordos aproveitado como raspadeira.

Dimensões da maior:

75 mm × 51 mm × 29 mm.

Dimensões da menor:

74 mm × 66 mm × 40 mm.

Raspadeiras

— Uma lasca arredondada com reverso de plano de separação e com anverso saliente, retocado em três bordos para servir de raspadeira.

Dimensões: 28 mm × 31 mm × 14 mm.

Raspadeiras e raspadores

— Uma lasca subangular alongada de quartzo. Reverso de plano de separação com bolbo na base. Bordos laterais com ligeiros retoques na metade superior. Extremidade superior com retoques em raspadeira.

Dimensões: 59 mm × 49 mm × 13 mm.

— Uma lasca atípica com reverso de plano de separação. Anverso com cortex na parte superior. Bordos laterais com gumes sub-rectilíneos. Extremidade superior retocada em raspadeira sub-rectilínea, inclinada para a esquerda.

Dimensões: 42 mm × 29 mm × 15 mm.

— Uma lasca alongada com reverso de plano de separação. Anverso saliente com truncatura longitudinal ao longo do bordo direito. Bordo esquerdo retocado em raspador subrectilíneo e extremidade superior em pequena raspadeira.

Dimensões: 41 mm × 28 mm × 19 mm.

— Uma lasca de sílex com reverso de plano de separação. Anverso dividido em duas partes por um aresta longitudinal central. Bordos laterais afeiçãoados em raspadores côncavos e extremidade superior em raspadeira arredondada. Base inclinada da direita para a esquerda (Est. 3, fig. 7).

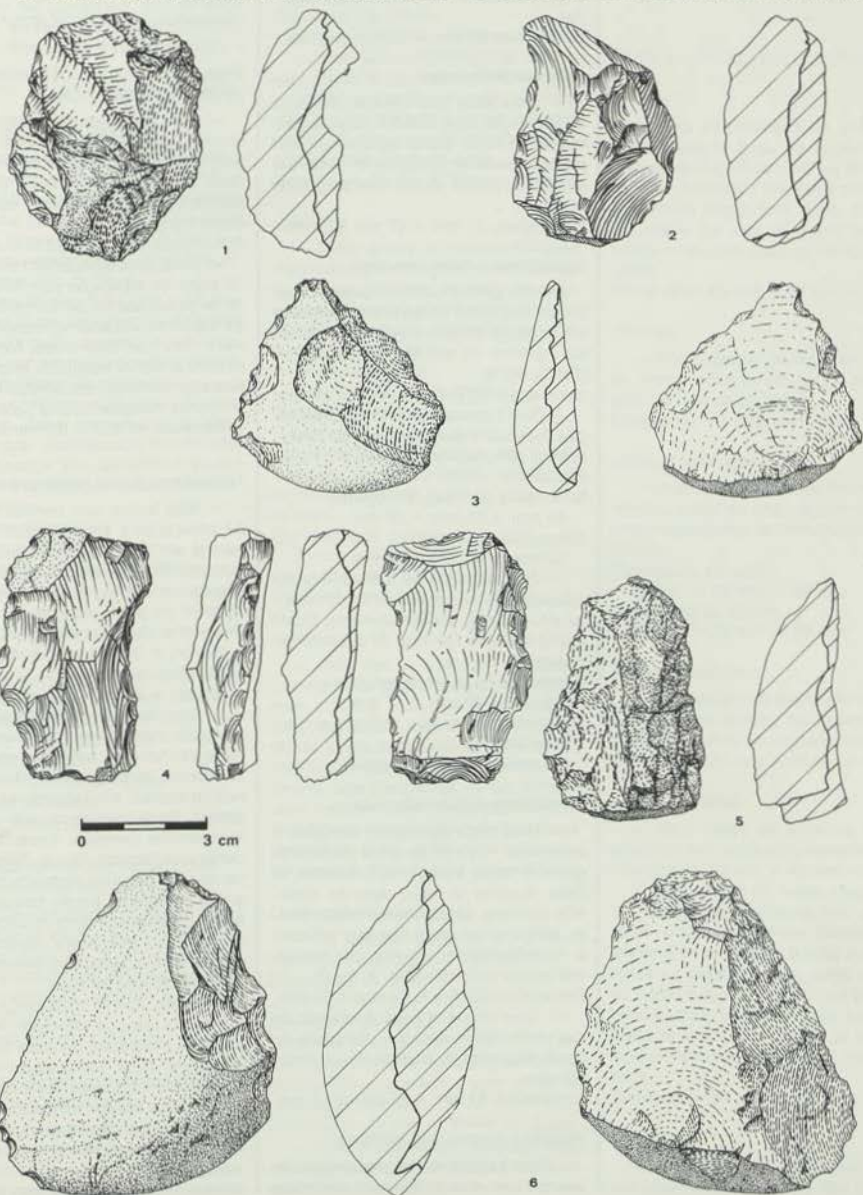
Dimensões: 61 mm × 44 mm × 20 mm.

— Uma lasca retocada em quase toda a periferia, em raspador côncavo num dos bordos, convexo no outro e em raspadeira no terceiro.

Dimensões: 38 mm × 35 mm × 13 mm.

— Uma lasca com reverso côncavo de plano de separação com retoques na parte inferior dos dois bordos laterais, afeiçãoados em raspadores duplos cõ-

- 1 – Núcleo mustierense (Acheulense superior) • 2 – Raspador duplo convergente (Acheulense superior)
 3 – Raspador duplo convergente (Acheulense superior) • 4 – Raspador duplo convexo e côncavo (Acheulense superior)
 5 – Raspador duplo convexo e côncavo (Acheulense superior) • 6 – Biface atípico sobre lasca (Acheulense superior-Mustierense)



cavos. Anverso com forte saliência central, retocado em raspador duplo convexo na parte superior dos bordos laterais e em raspadeira na extremidade superior.

Dimensões: 55 mm × 43 mm × 22 mm.

Raspador transversal

— Uma lasca com reverso de plano de separação, com bolbo e plano de percussão na base. Bordo superior em raspador transversal ligeiramente denticulado. Bordo lateral direito com pequenos retoques.

Dimensões: 37 mm × 27 mm × 9 mm.

Raspadores simples convexos

— Uma grande placa de quartzo, com bordo esquerdo do anverso afeiçãoado em raspador simples convexo e terminado em bico na extremidade superior. (Est. 3, fig. 9).

Dimensões: 96 mm × 78 mm × 29 mm.

— Dois fragmentos, com um dos bordos laterais espesso e bordo lateral oposto afeiçãoado em raspador simples convexo.

Dimensões do maior, em quartzo:

67 mm × 55 mm × 30 mm.

Dimensões do menor:

50 mm × 38 mm × 20 mm.

— Quatro lascas de formas diversas retocadas no bordo esquerdo do anverso em raspador simples convexo. Bordo direito espesso. Reverso de plano de separação.

Dimensões da maior, mustierense:

46 mm × 40 mm × 17 mm.

Dimensões da menor, retocada em todos os bordos:

40 mm × 34 mm × 9 mm.

Raspadores simples côncavos

— Uma lasca tayacense, alongada e encurvada. Reverso de plano de separação com bolbo e plano de percussão na base. Anverso na maior parte de superfície primitiva, trabalhado no bordo direito, afeiçãoado em largo raspador côncavo e na extremidade superior, por pequenas lascas inclinadas (Est. 3, fig. 5).

Dimensões: 57 mm × 26 mm × 12 mm.

— Uma pequena lasca fracturada na sua extremidade superior. Afeiçãoada no bordo esquerdo do anverso em raspador côncavo.

Dimensões: 34 mm × 25 mm × 12 mm.

Raspador simples sub-rectilíneo

— Um fragmento subquadrangular de quartzo com reverso aplanado por lascas

tiradas dos bordos. Anverso convexo, retocado na extremidade superior em raspador sub-rectilíneo, ligeiramente côncavo.

Dimensões: 41 mm × 37 mm × 21 mm.

Raspadores simples com ponta triangular na extremidade superior

— Uma lasca estreita e alongada de quartzito com bordo lateral esquerdo espesso, acompanhado por aresta longitudinal. Bordo direito retocado em raspador rectilíneo. Extremidade superior em ponta triangular.

Dimensões: 40 mm × 25 mm × 9 mm.

— Uma lasca de quartzo com reverso de plano de separação com bolbo e plano de percussão na parte inferior do bordo esquerdo, retocado em raspador côncavo. Anverso com aresta longitudinal central e bordo esquerdo retocado em raspador convexo. Extremidade superior em ponta triangular torcida para a direita.

Dimensões: 41 mm × 32 mm × 15 mm.

Raspadores duplos convergentes

— Seis lascas com reverso de plano de separação e anverso com saliência central em duas. Uma das lascas é de quartzito. Bordos laterais afeiçãoados em raspadores convergentes e extremidade superior em ponta triangular.

Dimensões da maior (Est. 3, fig. 4):

62 mm × 39 mm × 20 mm.

Dimensões da menor:

48 mm × 38 mm × 18 mm.

— Uma lasca de grande formato, sub-triangular, com reverso de plano de separação. Anverso saliente com secção transversal subtrapezoidal. Bordos laterais retocados em raspadores convergentes. Base transversal sub-rectilínea, ligeiramente convexa. Extremidade superior arredondada. Bordo direito do anverso com negativo alongado ocupando a sua totalidade. Bordo esquerdo com grande negativo de lasca na parte inferior e outro na extremidade superior. Faixa central com duas facetas planas no prolongamento uma da outra.

Dimensões: 73 mm × 60 mm × 24 mm.

— Uma lasca de sílex com reverso de plano de separação, retocada na sua extremidade, larga, em raspador convexo. Anverso com retoques em todos os bordos. Bordos laterais afeiçãoados em raspadores duplos convergentes, sendo o bordo direito rectilíneo e bordo esquerdo côncavo.

Dimensões: 38 mm × 32 mm × 13 mm.

Raspadores duplos sub-rectilíneos

— Um fragmento de seixo alongado, retocado nos bordos laterais em raspador duplo sub-rectilíneo. Extremidade superior arredondada e denticulada. Base inclinada da esquerda para a direita.
Dimensões: 47 mm × 32 mm × 19 mm.

Raspadores duplos convexos

— Uma placa com reverso de plano de separação e anverso com secção transversal subtrapezoidal. Afeiçãoada nos bordos laterais em raspador duplo convexo. Extremidade superior com pequena concavidade central entre dois bicos salientes (Est. 3, fig. 6).

Dimensões: 48 mm × 31 mm × 12 mm.

— Uma lasca de quartzito afeiçãoada em raspador duplo convexo, no anverso, recortado por aresta longitudinal central. Reverso de plano de separação.

Dimensões: 49 mm × 39 mm × 16 mm.

— Duas lascas com reverso de plano de separação. Anverso com bordos laterais afeiçãoados em raspadores duplos convexos e o maior com base transversal rectilínea.

Dimensões da maior:

40 mm × 32 mm × 12 mm.

Dimensões da menor, tayacense:

26 mm × 20 mm × 8 mm.

Raspadores duplos convexos e côncavos

— Duas lascas retocadas no anverso, em raspador duplo convexo num dos bordos laterais e côncavo no outro. Ambas são de técnica tayacense.

Dimensões da maior:

39 mm × 29 mm × 16 mm.

Dimensões da menor:

36 mm × 26 mm × 9 mm.

Raspadores duplos com extremidade superior em ponta aburilada

— Uma lasca sublosangular com reverso de plano de separação. Anverso convexo, percorrido por aresta longitudinal central, retocado nos dois bordos laterais. Extremidade superior em ponta aburilada (Est. 3, fig. 3).

Dimensões: 51 mm × 25 mm × 18 mm.

Raspadores duplos com extremidade superior em ponta triangular

— Duas pequenas lascas ovais, com reverso de plano de separação côncavo. Anverso um pouco saliente, com bordos laterais convexos, ligeiramente reto-

cados. Extremidade superior em ponta triangular larga.

Dimensões da maior:

36 mm × 25 mm × 11 mm.

Dimensões da menor:

31 mm × 23 mm × 10 mm.

— Uma lasca subpentagonal com reverso de plano de separação, com bolbo no bordo esquerdo. Anverso convexo, retocado na metade superior dos dois bordos laterais e com extremidade superior em ponta triangular larga.

Dimensões: 34 mm × 30 mm × 10 mm.

Furadores

— Nove lascas de formas diversas, afeiçãoadas em furadores, sendo quatro tayacenses. Reverso de plano de separação e anverso saliente com retoques nos bordos laterais. Extremidade superior em ponta saliente.

Dimensões da maior:

45 mm × 33 mm × 20 mm.

Dimensões da menor:

24 mm × 20 mm × 8 mm.

— Seis lascas afeiçãoadas em furadores numa das extremidades, sendo uma de quartzito, uma de quartzito e as outras de sílex.

Dimensões da maior:

38 mm × 35 mm × 13 mm.

Dimensões da menor, triangular:

27 mm × 18 mm × 11 mm.

Lâminas

— Uma lâmina estreita e alongada, torcida. Reverso de plano de separação com bolbo e plano de percussão na base. Anverso convexo, percorrido por aresta longitudinal central. Bordo direito côncavo na parte central e convexo, inclinado para a esquerda, na sua extremidade superior. Bordo esquerdo convexo, nos 2/3 inferiores e côncavo na parte superior (Est. 3, fig. 2; Fot. 3).

Dimensões: 42 mm × 21 mm × 10 mm.

Lascas retocadas diversas

— 16 lascas retocadas de técnica tayacense, das quais três de quartzito.

Dimensões da maior:

64 mm × 42 mm × 19 mm.

Dimensões da menor:

20 mm × 18 mm × 5 mm.

— Uma lasca de quartzito de técnica mustierense, retocada e com plano de percussão facetado.

Dimensões: 42 mm × 38 mm × 12 mm.

— Vinte e oito lascas retocadas atípicas, das quais uma de quartzito e três de quartzito.

Dimensões da maior:

60 mm × 31 mm × 19 mm.

Dimensões da menor:

16 mm × 16 mm × 11 mm.

SÉRIE V – PALEOLÍTICO SUPERIOR (?)

Uniface

— Uma extremidade de uniface de forma triangular larga, em quartzito, com reverso de superfície primitiva de seixo e anverso separado em duas partes por uma aresta longitudinal. Bordo esquerdo trabalhado por três ou quatro negativos pouco inclinados. Base de fractura transversal.

Dimensões: 65 mm × 64 mm × 35 mm.

Percutor

— Um pequeno percutor de quartzito de forma redonda, um pouco achatado, com indícios de utilização.

Dimensões: 42 mm × 41 mm × 27 mm.

Núcleos poliédricos

— Dezoito núcleos poliédricos e fragmentos, todos de sílex, alguns utilizados como raspadeiras ou raspadores nucleiformes.

Dimensões do maior:

60 mm × 49 mm × 38 mm.

Dimensões do menor:

29 mm × 25 mm × 20 mm.

Núcleos diversos

— Um núcleo arredondado de sílex, com um dos bordos apresentados em gume que serviu de raspador rectilíneo.

Dimensões: 72 mm × 67 mm × 47 mm.

Calotes de seixo

— Uma calote de seixo de quartzito, afeiçãoada em raspadeira nucleiforme.

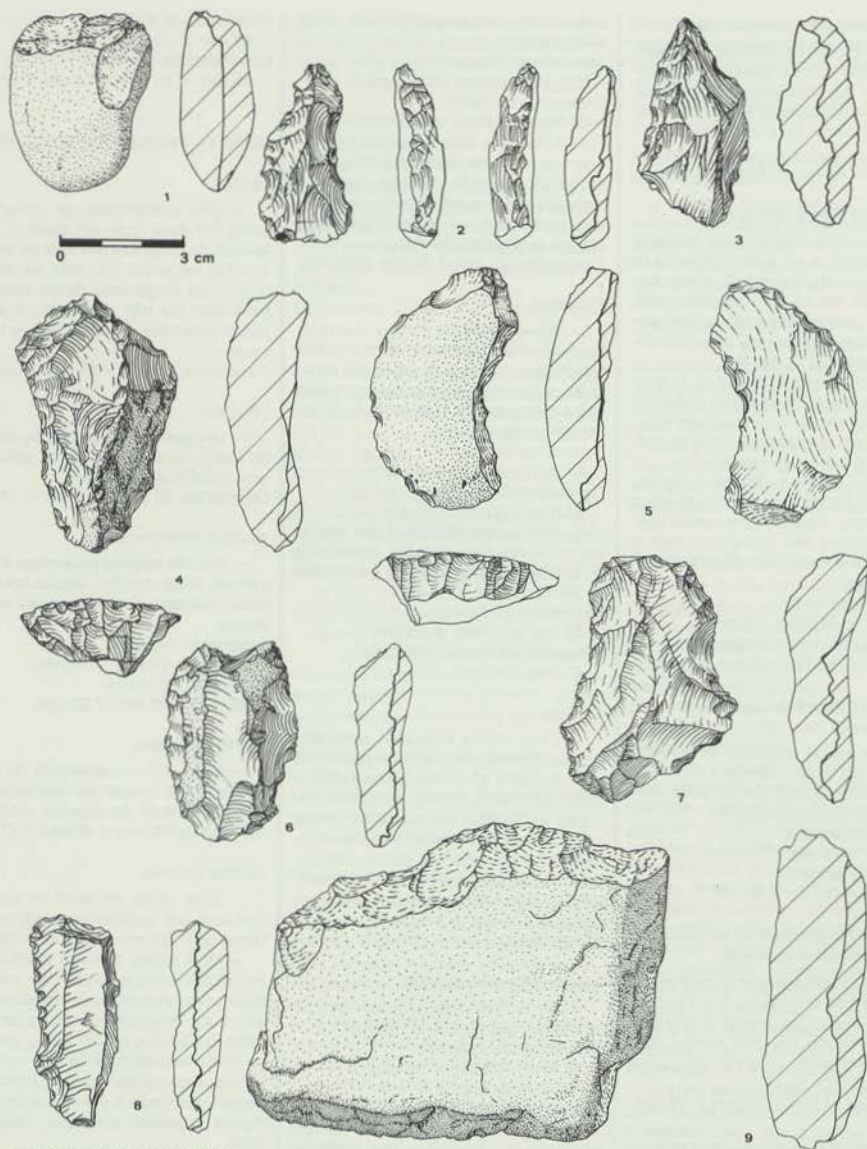
Dimensões: 65 mm × 48 mm × 54 mm.

— Uma calote de seixo arredondada de calcário esbranquiçado, com uma das faces relativamente plana, trabalhada por lascas sub-horizontais tiradas a partir de todos os bordos e com gume convexo no bordo esquerdo. Outra face com bordo esquerdo cortado por uma trancadura bastante inclinada e o resto da face com alguns negativos apagados, tirados da base.

Dimensões: 88 mm × 75 mm × 39 mm.

Raspadeiras

— Duas lascas retocadas em pequenas raspadeiras, com uma das faces re-



Est. 3 - MOINHO DA CARRASQUEIRA

1 - Seixo truncado (Acheulense superior-Mustierense) • 2 - Lâmina denticulada (Acheulense superior-Mustierense)

3 - Raspador duplo com extremidade superior em ponta aburilada (Acheulense superior-Mustierense)

4 - Raspador duplo convergente (Acheulense superior-Mustierense) • 5 - Raspador simples côncavo (Acheulense superior-Mustierense)

6 - Raspador duplo convexo (Acheulense superior-Mustierense) • 7 - Peça composta-raspadeira e raspador (Acheulense superior-Mustierense).

8 - Lâmina (Paleolítico superior) • 9 - Raspador simples convexo (Acheulense superior-Mustierense)

lativamente plana ou ligeiramente côncava e outra face saliente. Estas duas lascas possuem estilo do Paleolítico superior (Est. 4, fig. 3).

Dimensões da maior:

37 mm × 28 mm × 16 mm.

Dimensões da menor:

26 mm × 22 mm × 8 mm.

— Uma lasca espessa com reverso relativamente plano e anverso de plano de separação com vestígios de bolbo e de plano de percussão mustierense numa das extremidades, utilizada como raspadeira. Extremidade oposta de fratura transversal recente.

Dimensões: 46 mm × 38 mm × 18 mm.

Raspadores e raspadeiras

— Uma lasca espessa com reverso de plano de separação. Anverso coberto na sua parte central, na base e na parte inferior do bordo direito pelo cortex. Bordo esquerdo afeiçãoado em raspador com pequena saliência na parte central. Extremidade superior retocada em pequena raspadeira.

Dimensões: 47 mm × 32 mm × 16 mm.

Raspadores simples convexos

— Uma lasca de sílex de técnica tayacense com reverso de plano de separação com bolbo e plano de percussão na base. Anverso trabalhado por diversas lascas. Bordo direito espesso e bordo esquerdo afeiçãoado em raspador ligeiramente convexo, quase rectilíneo.

Dimensões: 58 mm × 42 mm × 20 mm.

— Uma lasca piriforme com bordo direito do anverso espesso, convexo e bordo esquerdo trabalhado por 4 ou 5 lascas, afeiçãoando um raspador simples convexo. Extremidade superior em bico triangular inclinado para a esquerda. Reverso trabalhado por diversas lascas tiradas sobretudo da base, convexa e arredondada e do bordo direito (Est. 4, fig. 1).

Dimensões: 49 mm × 38 mm × 18 mm.

— Três fragmentos de sílex de formas irregulares, afeiçãoados em raspadores simples convexos nos bordos laterais esquelidos do anverso.

Um deles é tayacense com reverso de plano de separação com bolbo e plano de percussão liso. Bordo direito espesso e bordo esquerdo em raspador convexo. Dimensões: 62 mm × 44 mm × 21 mm.

Os outros dois, muito irregulares, apresentam o bordo lateral esquerdo afeiçãoado em raspador simples convexo e bordo direito espesso com bico triangular saliente devido a retoque.

Dimensões do maior:

68 mm × 52 mm × 27 mm.

Dimensões do menor:

58 mm × 52 mm × 28 mm.

Raspadores simples côncavos

— Uma lasca de sílex com bordo direito espesso e bordo esquerdo afeiçãoado em raspador simples côncavo.

Dimensões: 37 mm × 3 mm × 18 mm.

Raspadores duplos convergentes

— Uma lasca de quartzito de técnica tayacense, retocada nos bordos laterais e sobretudo no bordo direito, para servir de raspador duplo convergente. Base transversal inclinada para a direita.

Dimensões: 44 mm × 37 mm × 20 mm.

Furadores

— Cinco lascas retocadas em furadores em uma das extremidades, com reverso plano e anverso saliente. Duas são de forma triangular e três losangulares.

Dimensões da maior:

47 mm × 33 mm × 20 mm.

Dimensões da menor em quartzito:

31 mm × 24 mm × 15 mm.

Lascas retocadas

— Três lascas retocadas de técnica tayacense.

Dimensões da maior:

46 mm × 39 mm × 15 mm.

Dimensões da menor:

20 mm × 16 mm × 5 mm.

— Sete lascas retocadas atípicas de formas diversas.

Dimensões da maior:

60 mm × 31 mm × 13 mm.

Dimensões da menor:

23 mm × 19 mm × 7 mm.

SÉRIE VI — PALEOLÍTICO SUPERIOR E PÓS-PALEOLÍTICO

Núcleos poliédricos

— Vinte núcleos poliédricos ou fragmentos de núcleos, às vezes com gumes apresentando alguns retoques.

Dimensões do maior, retocado em raspadeira nucleiforme (Est. 4, fig. 4):

58 mm × 48 mm × 26 mm.

Dimensões do menor:

29 mm × 20 mm × 19 mm.

Raspadores simples convexos

— Dois raspadores convexos sobre grandes lascas com reverso de plano de

separação e anverso atravessado por aresta longitudinal central. O maior apresenta pequenos retoques nos dois bordos laterais. Bordo esquerdo em raspador convexo. O menor de forma triangular tem o bordo esquerdo do anverso também retocado em raspador convexo.

Dimensões do maior:

70 mm × 50 mm × 28 mm.

Dimensões do menor:

68 mm × 50 mm × 15 mm.

— Uma lasca de quartzito com reverso de plano de separação. Anverso com bordo direito espesso e bordo esquerdo com pequenos retoques em raspador simples convexo.

Dimensões:

54 mm × 37 mm × 18 mm.

— Uma lasca sublosangular com reverso de plano de separação. Anverso dividido por aresta longitudinal central e por outra transversal, menos acentuada. Bordos laterais convergentes, convexos, com pequenos retoques.

Dimensões:

53 mm × 42 mm × 16 mm.

Raspadores simples côncavos

— Uma lasca de sílex com bordo direito espesso e bordo esquerdo afeiçãoado em raspador côncavo.

Dimensões:

48 mm × 39 mm × 17 mm.

Raspadores duplos sub-rectilíneos e convexos

— Duas lascas achatadas com reverso de plano de separação. Anverso saliente com aresta longitudinal central, afeiçãoado em raspador duplo, convexo no bordo esquerdo e sub-rectilíneo no bordo direito. Extremidade superior com pequeno bico terminal virado para a direita.

Dimensões da maior:

42 mm × 30 mm × 10 mm.

Dimensões da menor (Est. 4, fig. 2):

31 mm × 23 mm × 13 mm.

— Duas lascas de técnica tayacense com reverso de plano de separação, retocadas nos bordos laterais do anverso em raspadores duplos rectilíneos e convexos.

Dimensões da maior: 43 mm × 30 mm × 14 mm.

Dimensões da menor: 26 mm × 18 mm × 8 mm.

Raspadores duplos sub-rectilíneos e côncavos

— Uma lasca subtriangular com reverso de plano de separação. Anverso com

parte central plana e três bordos retoçados, dois em raspadores sub-rectilíneos e um ligeiramente côncavo.

Dimensões:

45 mm × 45 mm × 17 mm

Raspadores duplos convexos

— Uma lasca tayacense com reverso de plano de separação, bolbo e plano de percussão na base, transversal, rectilínea. Anverso com bordo esquerdo convexo, retoçado e bordo direito convexo com alguns retoques e com forte saliência triangular central. Extremidade superior em ponta ligeiramente inclinada para a direita. Trata-se de um raspador duplo convexo. (Est. 4, fig. 5; Fot. 4)

Dimensões:

69 mm × 45 mm × 16 mm

Raspadores duplos convexos e côncavos

— Uma grande lasca subtriangular com reverso de plano de separação e vestígios de bolbo na base. Anverso de secção transversal subtrapezoidal. Bordos laterais retoçados em raspadores duplos, ligeiramente convexo no bordo direito e côncavo no bordo esquerdo. Extremidade superior em ponta triangular arredondada. Base transversal ligeiramente convexa.

Dimensões: 72 mm × 59 mm × 24 mm.

Lascas retoçadas em toda a periferia

— Uma lasca achatada, arredondada, com retoques em toda a periferia do anverso. Reverso de plano de separação com bolbo e plano de percussão tayacense na base.

Dimensões:

36 mm × 37 mm × 9 mm.

Pontas

— Uma lasca estreita e alongada, terminada em ponta na extremidade superior e com vestígios de retoques na parte superior do bordo esquerdo.

Dimensões:

45 mm × 20 mm × 9 mm.

Lâminas

— Uma lâmina estreita e alongada com extremidade inferior terminada em ponta e extremidade superior mais larga, afeiçoada em raspadeira. Bordo lateral direito em cortex e bordo esquerdo afeiçoado em raspador rectilíneo. (Est. 3, fig. 8).

Dimensões:

51 mm × 21 mm × 12 mm.

— Quatro pequenas lâminas de formas diversas, uma delas com vestígios de retoques e extremidade superior em ponta. Outra com metade direita do anverso e extremidade superior convexa, cobertas pelo cortex.

Dimensões da maior:

45 mm × 20 mm × 9 mm.

Dimensões da menor:

36 mm × 12 mm × 10 mm.

Percutores

— Um percutor arredondado de sílex com uma face aplanada.

Dimensões:

68 mm × 61 mm × 58 mm.

Lascas retoçadas

— Dez lascas atípicas retoçadas.

Dimensões da maior:

49 mm × 30 mm × 18 mm.

Dimensões da menor:

19 mm × 16 mm × 6 mm.

Lascas não retoçadas

— Onze lascas não retoçadas de técnica tayacense.

Dimensões da maior em quartzo:

51 mm × 35 mm × 13 mm.

Dimensões da menor:

28 mm × 14 mm × 8 mm.

— Vinte e seis lascas atípicas não retoçadas.

Dimensões da maior:

55 mm × 39 mm × 22 mm.

Dimensões da menor:

10 mm × 8 mm × 2 mm.

PEÇAS COM TRABALHO DAS SÉRIES II E III — IV

Raspadeiras

— Uma lasca alongada com reverso de plano de separação, bolbo e plano de percussão na base, ligeiramente retoçada. Anverso convexo, afeiçoado na extremidade superior em raspadeira arredondada. Retocada na série III por 2 ou 3 lascas tiradas da parte inferior do bordo direito.

Dimensões:

48 mm × 35 mm × 16 mm.

Raspadores transversais

— Um raspador transversal com reverso de plano de separação, com bolbo de percussão na base. Anverso conve-

xo. Extremidade superior em forte bico triangular.

Dimensões:

54 mm × 39 mm × 15 mm.

Raspadores e raspadeiras

— Uma pequena lasca tayacense com reverso de plano de separação. Parte central do anverso ocupada pelo cortex. Retocada nos bordos laterais e na extremidade superior para servir de raspador convexo e de raspadeira.

Dimensões:

33 mm × 24 mm × 12 mm

Raspadores duplos convergentes

— Uma lasca afeiçãoada nos bordos laterais em raspador duplo convergente. Extremidade superior do anverso com pequena ponta denticulada. Parte central do anverso coberta pelo cortex. Reverso de plano de separação com bolbo e plano de percussão à direita, na base. Retoques no bordo esquerdo e na extremidade superior.

Dimensões:

41 mm × 27 mm × 13 mm.

Raspadores duplos convexos

— Uma lasca sublosangular com bordos laterais do anverso retocados em raspadores duplos convexos e extremidade superior com bico saliente. Reverso de plano de separação (Est. 4, fig. 7).

Dimensões:

43 mm × 39 mm × 15 mm.

Raspadores duplos convexos e rectilíneos

— Uma pequena lasca tayacense com reverso de plano de separação. Parte central do anverso de cortex. Bordos laterais retocados em raspador duplo convexo e rectilíneo. Extremidade superior com pequeno bico.

Raspadores duplos convexos e côncavos

— Uma lasca da série II, retocada na série III-IV. Reverso de plano de separação com vestígios de bolbo de percussão na base do bordo esquerdo. Parte superior do mesmo bordo com alguns retoques de regularização. Anverso retocado em raspador duplo, convexo no bordo esquerdo e côncavo nos 2/3 inferiores do bordo direito. Base sub-rectilínea. Extremidade superior terminada em bico ligeiramente torcido para a esquerda (Est. 4, fig. 5).

Dimensões:

47 mm × 32 mm × 14 mm.

PEÇAS COM TRABALHO DAS SÉRIES II E IV

Raspadores transversais

— Uma lasca tayacense afeiçãoada em raspador transversal. Reverso de plano de separação com bolbo e plano de percussão na base. Anverso retocado em todos os bordos.

Dimensões:

38 mm × 33 mm × 11 mm.

Raspadores simples convexos

— Uma lasca com reverso de plano de separação. Anverso com bordo direito espesso. Bordo esquerdo afeiçãoado em raspador simples convexo. Extremidade superior em ponta torcida para a direita.

Dimensões:

46 mm × 34 mm × 20 mm.

— Uma lasca da série II retocada na parte superior do bordo esquerdo do anverso, de cortex, em raspador convexo da série IV. Reverso de plano de separação da série II, com grande negativo da série IV nos 2/3 inferiores do bordo direito.

Dimensões:

58 mm × 45 mm × 19 mm.

— Uma lasca sublosangular com reverso de plano de separação e com negativo da série IV ao longo do bordo esquerdo. Anverso retocado sobretudo ao longo do bordo direito convexo.

Dimensões:

53 mm × 35 mm × 15 mm.

— Três pequenas lascas atípicas, das quais a maior, de quartzo, retocada em raspador convexo e as outras em sílex, também retocadas.

Dimensões da maior:

43 mm × 26 mm × 18 mm.

Dimensões da menor:

22 mm × 18 mm × 16 mm.

Raspadores duplos sub-rectilíneos e convexos

— Uma pequena lasca tayacense, achatada, com retoques nos dois bordos laterais, um deles afeiçãoado em raspador convexo e outro em raspador sub-rectilíneo. Extremidade superior em pequeno bico triangular.

Dimensões:

33 mm × 22 mm × 7 mm.

PEÇAS COM TRABALHO DAS SÉRIES II E V

Raspador nucleiforme

— Um fragmento espesso de sílex com uma das faces plana e outra proeminente com bordos abruptos apresentando retoques, afeiçãoando o objecto em raspador nucleiforme.

Dimensões:

49 mm × 41 mm × 38 mm.

Raspador simples convexo

— Uma lasca suboval, com bordo direito espesso e bordo esquerdo afeiçãoado em raspador simples convexo.

Dimensões:

39 mm × 25 mm × 15 mm.

Raspador simples côncavo

— Um fragmento de sílex, retocado em raspador côncavo num dos bordos.

Dimensões:

41 mm × 32 mm × 27 mm.

PEÇAS COM TRABALHO DAS SÉRIES III E IV

Raspadeiras

— Uma pequena lasca subpentagonal com reverso de plano de separação achatado. Anverso com parte central saliente e com retoques em todos os bordos afeiçãoando o objecto numa espécie de raspadeira.

Dimensões:

28 mm × 30 mm × 13 mm.

— Uma lasca com reverso de plano de separação, com dois bolbos gémeos e plano de percussão na base. Anverso convexo, retocado em três bordos para servir de raspadeira arredondada dissimétrica.

Dimensões:

38 mm × 31 mm × 18 mm.

Lascas retocadas em toda a periferia

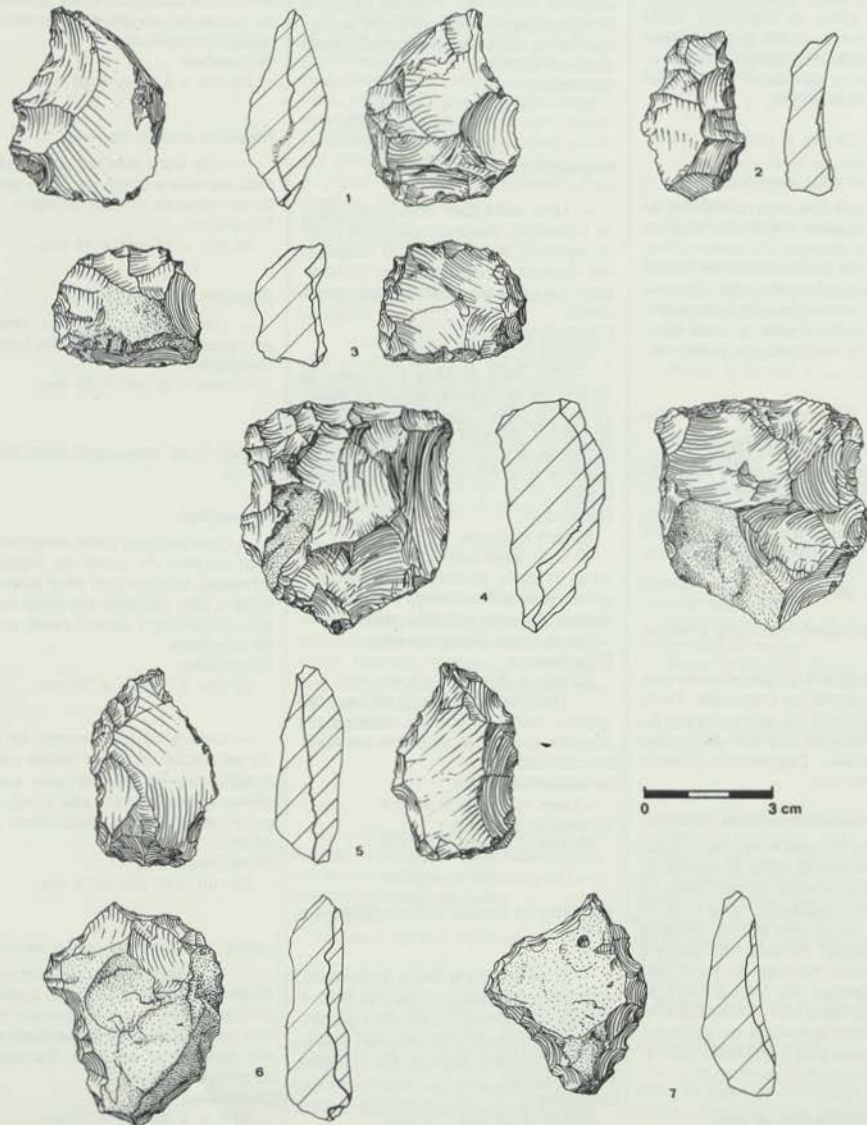
— Uma lasca tayacense com reverso de plano de separação, bolbo e plano de percussão liso. Anverso retocado em todos os bordos e com extremidade superior terminando em bico, ligeiramente torcido para a direita.

Dimensões:

39 mm × 36 mm × 10 mm.

Est. 4 – MOINHO DA CARRASQUEIRA

- 1 – Raspador simples convexo (Paleolítico superior) • 2 – Raspador duplo sub-rectilíneo e convexo (Paleolítico superior)
3 – Raspadeira subcircular (Paleolítico superior) • 4 – Núcleo poliédrico (Paleolítico superior) • 5 – Raspador duplo convergente, convexo e côncavo (Peça com trabalho de duas épocas; Acheulense superior e Acheulense superior-Mustierense – S. II e III-IV).
6 – Raspador duplo convexo e côncavo com extremidade superior em raspadeira (Peça com trabalho de duas épocas; Acheulense superior-Mustierense e Paleolítico superior – S. III-IV e V).
7 – Raspador duplo convexo (Peça com trabalho de duas épocas; Acheulense superior e Acheulense superior-Mustierense – S. II e III-IV).



PEÇAS COM TRABALHO DAS SÉRIES III E V

Núcleos poliédricos

— Um núcleo poliédrico trabalhado na série III e apresentando certo brilho. Uma das faces, relativamente plana, foi retocada na série V.

Dimensões:

45 mm × 35 mm × 28 mm.

Raspadeiras

— Uma lasca com reverso de plano de separação. Anverso percorrido por aresta longitudinal, deslocada para o lado direito. Bordos laterais retocados e extremidade superior afeiçãoada em raspadeira arredondada.

Dimensões:

37 mm × 24 mm × 13 mm.

— Outra lasca de sílex, afeiçãoada também em raspadeira, embora com menos retoques.

Dimensões:

26 mm × 22 mm × 12 mm.

Raspadores simples côncavos

— Três pequenas lascas, das quais uma tayacense, com pequenos retoques em um dos bordos, afeiçãoado em pequeno raspador côncavo.

Dimensões da maior:

31 mm × 27 mm × 12 mm.

Dimensões da menor:

25 mm × 22 mm × 9 mm.

Raspadores duplos convexos e sub-rectilíneos

— Uma lasca em forma de «D» com um dos bordos convexo, retocado em raspador e bordo oposto sub-rectilíneo, mais espesso, truncado verticalmente por 3 ou 4 negativos.

Dimensões:

47 mm × 37 mm × 13 mm.

— Uma lasca achatada, com reverso de plano de separação. Anverso retocado nos dois bordos laterais, em raspador sub-rectilíneo no bordo esquerdo e convexo no bordo direito. Base fortemente inclinada da esquerda para a direita devido a fractura da série mais recente. Extremidade superior com pequena concavidade entre dois bicos salientes. A peça tem a forma de ponta foliácea, de tipo solutróide. Os dois retoques da extremidade são da série mais recente.

Dimensões:

65 mm × 33 mm × 10 mm.

Raspadores duplos convexos e côncavos com extremidade em raspadeira

— Uma lasca com reverso de plano de separação. Anverso com parte central de cortex. Retocado na série V em raspador convexo no bordo direito e côncavo com saliência na parte superior do bordo esquerdo. Extremidade superior afeiçãoada em raspadeira (Est. 4, fig. 6).

Dimensões:

50 mm × 42 mm × 15 mm.

Lascas retocadas atípicas

— Seis lascas retocadas atípicas.

Dimensões da maior: 42 mm × 32 mm × 13 mm.

Dimensões da menor:

26 mm × 19 mm × 6 mm.

PEÇAS COM TRABALHO DAS SÉRIES IV E V

— Um fragmento triangular de sílex com base transversal ligeiramente côncava. Um bordo lateral é retocado no anverso e outro no reverso. Extremidade superior em ponta triangular, irregular devido a natureza da rocha.

Dimensões:

43 mm × 39 mm × 17 mm



1 – Raspador duplo convexo e côncavo. Acheulense superior, Moinho da Carrasqueira.

2 – Biface atípico sobre lasca. Acheulense superior – Mustierense. Moinho da Carrasqueira.



3 – Lâmina denticulada. Acheulense superior-Mustierense. Moinho da Carrasqueira.

4 – Raspador duplo convergente, convexo e côncavo. Peça com trabalho de duas épocas. Acheulense superior e Acheulense superior-Mustierense. Moinho da Carrasqueira.





5 – Raspadeira sobre lasca. Mustierense.
Moinho das Cruzes.

6 – Raspador simples convexo
retocado em mais de metade da periferia. Mustierense.
Moinho das Cruzes.



7 – Núcleo mustierense. Mustierense.
Moinho das Cruzes.

8 – Ponta assimétrica mustierense, retocada
em ambos os bordos laterais. Mustierense.
Moinho das Cruzes.



ESTAÇÃO PALEOLÍTICA DO MOINHO DAS CRUZES (SERRA DE MONSANTO)

SÉRIE I-II ACHEULENSE SUPERIOR
— PEÇAS COM LIGEIRA
EOLIZAÇÃO E BRILHO

Bifaces

— Um biface cordiforme em quartzito. Reverso de superfície primitiva na base e na parte inferior do bordo esquerdo. Trabalho de modo irregular devido à natureza da rocha. Anverso com parte central plana, oval, ligeiramente inclinada para a esquerda. Retocado em todos os bordos por lascas mais ou menos inclinadas, afeiçoando gumes convexos (Est. 5, fig. 3)

Dimensões:

84 mm × 69 mm × 32 mm.

Núcleos poliédricos

— Seis núcleos poliédricos, às vezes com pequenos retoques nos bordos.

Dimensões do maior em quartzito:

51 mm × 48 mm × 34 mm.

Dimensões do menor em sílex:

27 mm × 23 mm × 18 mm.

Núcleos poliédricos com bordos em raspadores ou raspadeiras

— Três núcleos poliédricos com bordos esquerdos do anverso afeiçoados em raspadores ou raspadeiras nucleiformes.

Dimensões do maior:

65 mm × 11 mm × 44 mm.

Dimensões do menor:

40 mm × 35 mm × 28 mm.

Calotes de seixo

— Duas calotes de seixos com reverso de superfície primitiva e anverso com alguns retoques.

Dimensões do maior em quartzito:

46 mm × 42 mm × 16 mm.

Dimensões do menor em quartzito:

38 mm × 35 mm × 18 mm.

Raspadores simples rectilíneos

— Um grande fragmento de seixo de quartzito, com reverso de superfície primitiva, com excepção de um negativo de lasca na parte superior do bordo esquerdo. Anverso trabalhado de modo irregular, na base e no bordo esquerdo, afeiçoando em raspador simples rectilíneo.

Dimensões:

83 mm × 73 mm × 5 mm.

Raspadores simples convexos

— Oito lascas com um dos bordos laterais espesso e bordo oposto afeiçoado em raspador simples convexo. Cinco são de quartzito e três de sílex.

Dimensões da maior em quartzito (Est. 5, fig. 4):

62 mm × 44 mm × 21 mm.

Dimensões de outra em sílex:

61 mm × 40 mm × 30 mm.

Dimensões da menor em quartzito:

32 mm × 18 mm × 10 mm.

Raspadores simples convexos com extremidade superior em ponta

— Uma lasca alongada, irregular, com reverso de plano de separação. Anverso percorrido por aresta longitudinal ao longo do bordo direito espesso, coberto pelo cortex. Bordo esquerdo retocado em raspador convexo irregular, com forte saliência central. Extremidade superior em ponta, parcialmente afeiçoada em pequena raspadeira (Est. 5, fig. 6).

Dimensões:

58 mm × 29 mm × 18 mm.

— Uma lasca sublosangular de quartzito, irregular devido à natureza da rocha. Reverso de plano de separação com bolbo e plano de percussão no bordo direito, com retoques em raspador convexo. Anverso retocado no bordo direito em raspador convexo com forte saliência central entre duas concavidades e na extremidade superior, afeiçoada em ponta proeminente, ligeiramente inclinada para a direita.

Dimensões:

46 mm × 40 mm × 19 mm.

Raspadores transversais

— Uma lasca sublosangular de quartzito, irregular devido à natureza da rocha. Reverso de plano de separação com bolbo e plano de percussão facetado. Anverso trabalhado por três lascas principais no bordo direito e um grande negativo na metade esquerda. Bordo superior formando um gume convexo inclinado para a esquerda.

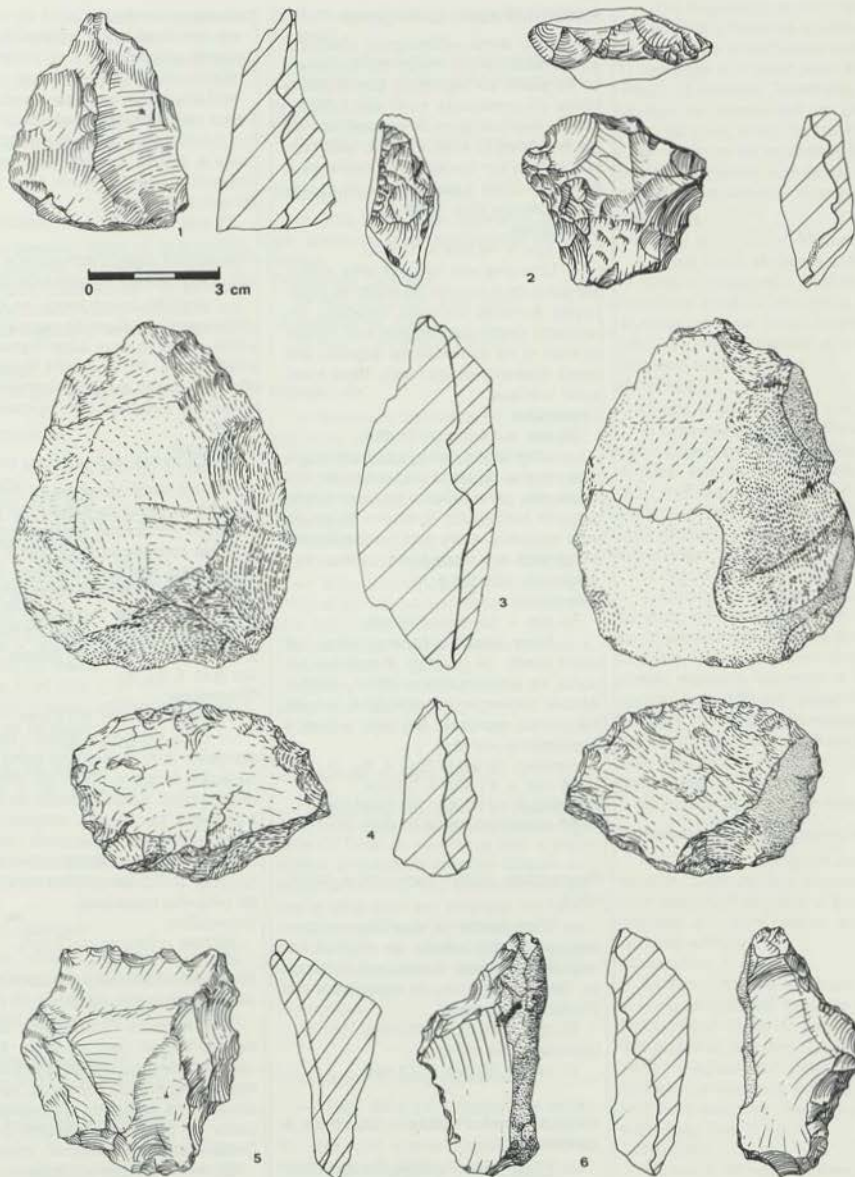
Dimensões:

45 mm × 38 mm × 21 mm.

— Uma lasca tayacense com reverso de plano de separação, com bolbo e plano de percussão na base. Bordo direito retocado em raspadeira. Anverso ligeiramente côncavo.

Dimensões:

45 mm × 31 mm × 12 mm.



Est. 5 – MOINHO DAS CRUZES

- 1 – Fragmento de biface cordiforme (Acheulense superior) • 2 – Raspador duplo convergente dissimétrico (Acheulense superior)
 3 – Raspador duplo convergente convexo (Acheulense superior) • 4 – Raspador simples convexo transversal (Acheulense superior)
 5 – Raspador duplo convergente denticulado (Acheulense superior) • 6 – Raspador simples convexo denticulado
 com extremidade superior em ponta (Acheulense superior).

Raspadores duplos convergentes

— Uma lasca subtriangular afeioada em raspador duplo convergente. Reverso de plano de separação com bolbo e plano de percussão num dos bordos. Bordo superior com dois negativos de lascas. Anverso retocado nos dois bordos laterais por lascas muito inclinadas e na extremidade superior em gume triangular convexo (Est. 5, fig. 2).

Dimensões:

43 mm × 44 mm × 16 mm.

— Uma pequena lasca de sílex, subtriangular, com reverso de plano de separação. Anverso convexo, retocado em raspador duplo-convergente nos bordos laterais e na extremidade superior em ponta ligeiramente aburilada. Base triangular retocada.

Dimensões:

38 mm × 26 mm × 11 mm.

— Uma lasca subpentagonal larga, com reverso de plano de separação. Anverso com parte saliente na extremidade superior pontiaguda, ligeiramente torcida para esquerda, entre dois bordos laterais afeioados em raspadores duplos convergentes (Est. 5, fig. 5).

Dimensões:

58 mm × 58 mm × 19 mm.

— Nove lascas subtriangulares, das quais quatro de quartzo, afeioadas em ponta na extremidade superior. Bordos laterais convergentes, retocados, e base transversal rectilínea. Em três, a base é ligeiramente convexa.

Dimensões da maior (Est. 5, fig. 1):

56 mm × 43 mm × 30 mm.

Dimensões da menor, em quartzo:

27 mm × 21 mm × 8 mm.

Raspadores duplos convexos e rectilíneos

— Duas lascas de quartzito, afeioadas nos bordos laterais do anverso em raspadores duplos, convexos e rectilíneos. Reverso de plano de separação.

Dimensões da maior:

55 mm × 40 mm × 17 mm.

Dimensões da menor:

51 mm × 30 mm × 12 mm.

Raspadores duplos convexos e côncavos

— Duas lascas alongadas de sílex, com reverso de plano de separação. Anverso retocado no bordo esquerdo, espesso, em raspador côncavo e no bordo direito em raspador ligeiramente convexo.

Dimensões do maior:

55 mm × 36 mm × 15 mm.

Dimensões do menor:

50 mm × 33 mm × 29 mm.

— Uma lasca espessa de sílex com patina castanho-avermelhada, com um dos bordos afeioado em raspador côncavo e bordo oposto em raspador convexo.

Dimensões:

31 mm × 29 mm × 13 mm.

Raspadores duplos convexos e côncavos com ponta na extremidade superior

— Uma pequena lasca de quartzo com reverso de plano de separação. Anverso convexo com base ligeiramente arredondada. Bordo direito ligeiramente côncavo. Bordo esquerdo convexo e extremidade superior com pequeno bico central.

Dimensões:

35 mm × 26 mm × 12 mm.

— Uma lasca alongada de sílex, com reverso de plano de separação, bolbo e plano de percussão facetado na base. Anverso com aresta longitudinal, retocado na base, nos bordos laterais denticulados e na extremidade superior afeioada em bico. Parte central dos dois bordos laterais côncava. Partes inferiores e superiores dos mesmos bordos, convexas (Est. 6, fig. 4).

Dimensões:

51 mm × 30 mm × 13 mm.

— Uma pequena lasca espessa e alongada, com reverso de plano de separação, bolbo e plano de percussão mustierense. Bordos laterais do anverso trunçados por lascas subverticais ou muito inclinadas, o esquerdo convexo e o direito convexo-côncavo. Extremidade superior afeioada em bico com aspecto de pequena raspadeira.

Dimensões:

40 mm × 22 mm × 16 mm.

Raspador duplo convexo com extremidade superior em ponta

— Uma lasca com reverso de plano de separação com retoque. Anverso com dois bordos laterais afeioados em raspadores duplos convexos, sendo espesso o da esquerda. Extremidade superior em ponta aburilada (Est. 6, fig. 3).

Dimensões:

55 mm × 39 mm × 16 mm.

Raspadores duplos convexos com extremidade superior em raspadeira

— Uma lasca espessa com reverso de plano de separação, bolbo e plano de

percussão na base. Bordos laterais do anverso afeiçãoados em raspadores duplos convexos, de forma irregular devido à natureza da rocha. Extremidade superior larga, afeiçãoada em raspadeira irregular com bico central. Bordo direito com aresta longitudinal.

Dimensões:

56 mm × 48 mm × 22 mm.

Raspadeiras

— Uma pequena lasca de quartzo de técnica tayacense, com reverso de plano de separação, bolbo e plano de percussão. Anverso convexo, retocado em quase toda a periferia para servir de raspadeira.

Dimensões:

28 mm × 32 mm × 14 mm.

Lasca retocada

— Duas lascas tayacenses retocadas, em quartzo.

Dimensões da maior:

41 mm × 31 mm × 15 mm.

Dimensões da menor:

40 mm × 30 mm × 16 mm.

— Duas lascas retocadas de técnica mustierense.

Dimensões da maior:

32 mm × 30 mm × 11 mm.

Dimensões da menor:

25 mm × 21 mm × 11 mm.

— Catorze lascas retocadas atípicas.

Dimensões da maior:

39 mm × 31 mm × 16 mm.

Dimensões da menor:

21 mm × 18 mm × 9 mm.

SÉRIE III — MUSTIERENSE

— PEÇAS COM BRILHO

Núcleos poliédricos

— Seis núcleos poliédricos ou fragmentos, dos quais o maior de quartzito e os outros de sílex.

Dimensões do maior: 80 mm × 75 mm × 41 mm.

Dimensões do menor:

36 mm × 21 mm × 19 mm.

Núcleos levalloiso-mustierenses

— Quatro núcleos levalloiso-mustierenses com planos de percussão preparados.

Dimensões do maior:

66 mm × 60 mm × 32 mm.

Dimensões do menor:

55 mm × 45 mm × 25 mm.

Núcleos com bordo em raspador simples convexo

— Um núcleo de sílex retocado num dos bordos em raspador simples convexo. (Est. 6, fig. 6).

Dimensões:

70 mm × 62 mm × 40 mm.

Raspadeiras nucleiformes

— Dois fragmentos espessos de sílex, afeiçãoados em raspadeiras nucleiformes.

Dimensões da maior:

53 mm × 40 mm × 30 mm.

Dimensões da menor:

35 mm × 30 mm × 23 mm.

Raspadeiras

— Uma lasca com plano de percussão retocado. Anverso com metade esquerda acompanhada por aresta longitudinal; extremidade superior afeiçãoada em raspadeira convexa. Reverso de plano de separação.

Dimensões:

34 mm × 31 mm × 14 mm (Fot. 5)

— Sete lascas de formas diversas, afeiçãoadas em raspadeiras, das quais três são mustieróides.

Dimensões da maior, retocada em toda a periferia (Est. 7, fig. 2):

43 mm × 35 mm × 16 mm.

Dimensões da menor:

31 mm × 20 mm × 16 mm.

Raspadores nucleiformes

— Um fragmento de seixo de quartzo com superfície primitiva ocupando uma faixa na base do reverso e toda a parte inferior convexa do anverso. Metade superior do bordo direito e extremidade superior afeiçãoados em raspador nucleiforme convexo. Reverso relativamente plano, dividido em duas partes por uma aresta transversal inclinada da direita para a esquerda.

Dimensões:

56 mm × 58 mm × 37 mm.

Raspadores simples convexos

— Uma lasca com reverso de plano de separação. Anverso convexo irregular, com forte aresta longitudinal encostada ao bordo direito e basé transversal estreita. Retocado no bordo lateral esquerdo e na extremidade superior, mais larga, em raspador simples convexo.

Dimensões:

44 mm × 35 mm × 17 mm.

— Um fragmento de seixo de quartzo com superfície primitiva ocupando a metade direita do anverso bem como o bordo esquerdo e a maior parte da metade inferior do reverso. Trabalhado na parte superior do reverso por um grande negativo de lasca, tirado do bordo superior e por retoques de regularização no bordo direito. Anverso com bordo esquerdo afeiçãoado em raspador simples convexo.

Dimensões:

71 mm × 51 mm × 40 mm.

— Uma lasca achatada com reverso de plano de separação. Anverso com extremidade superior afeiçãoada em largo raspador convexo. Bordo esquerdo truncado no sentido longitudinal e bordo direito com raros retoques.

Dimensões:

47 mm × 43 mm × 13 mm.

— Uma lasca de sílex com reverso de plano de separação e vestígios de bolbo na base, estreita. Anverso com bordo direito truncado, ligeiramente côncavo. Bordo esquerdo e extremidade superior retocados em raspador convexo.

Dimensões:

32 mm × 26 mm × 10 mm.

— Uma lasca de quartzo com reverso de plano de separação e com uma faixa de superfície primitiva na extremidade superior, triangular. Anverso com bordo direito espesso, convexo, e bordo esquerdo afeiçãoado em raspador de forma irregular, convexa. Extremidade superior em ponta triangular ligeiramente torcida para a esquerda.

Dimensões:

46 mm × 28 mm × 14 mm.

Raspadores simples convexo-côncavos

— Uma fatia alongada de seixo de quartzo, com um dos bordos espesso, com superfície primitiva, e bordo oposto retocado por talhe bifacial, em raspador convexo-côncavo.

Dimensões:

64 mm × 45 mm × 32 mm.

— Uma pequena lasca de sílex, com bordo lateral direito do anverso retocado em raspador convexo. Extremidade superior afeiçãoada em pequeno raspador côncavo, encastrado entre dois pequenos bicos salientes. Reverso de plano de separação (Est. 7, fig. 4).

Dimensões:

65 mm × 32 mm × 12 mm.

Raspadores simples com extremidade superior em raspadeira

— Uma lasca de quartzito com reverso de plano de separação, bolbo e plano

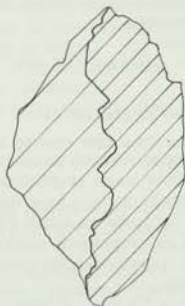
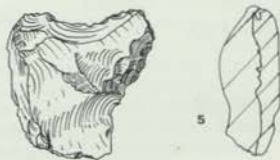
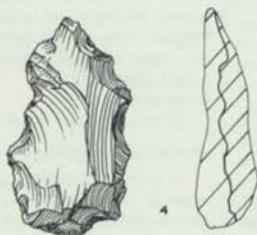
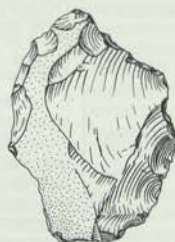
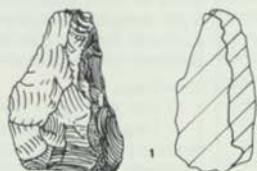
Est. 6 - MOINHO DAS CRUZES

1 - Ponta (Mustierense) • 2 - Ponta assimétrica (Mustierense)

3 - Raspador duplo convexo com extremidade superior em ponta (Acheulense superior)

4 - Raspador duplo convexo e côncavo, denticulado com ponta na extremidade superior (Acheulense superior)

5 - Ponta assimétrica e raspador côncavo transversal (Mustierense) • 6 - Núcleo com bordo em raspador simples convexo (Mustierense)



de percussão na extremidade inferior. Bordo esquerdo do reverso com retoque de regularização. Anverso com faixa de superfície primitiva ao longo do bordo esquerdo, retocado em raspador convexo. Extremidade superior com retoques em raspadeira sub-rectilínea.

Dimensões:

57 mm × 41 mm × 16 mm.

— Uma lasca espessa de sílex com reverso de plano de separação. Anverso com forte saliência central e com três arestas, dividindo-o em três faixas triangulares. Base espessa e bordos laterais em gumes irregulares, o esquerdo convexo, o direito e a base um pouco côncavos e a extremidade superior afeiçoada em raspadeira convexa.

Dimensões:

45 mm × 40 mm × 22 mm.

Raspadores duplos convergentes

— Três raspadores duplos convergentes, dos quais um de quartzo e dois de sílex.

Dimensões do maior:

46 mm × 31 mm × 10 mm.

Dimensões do menor:

45 mm × 32 mm × 16 mm.

Raspadores duplos sub-rectilíneos com extremidade superior em raspador ou raspadeira transversal

— Uma lasca de quartzo com reverso de plano de separação, bolbo e plano de percussão retocado. Anverso convexo, com bordos laterais retocados em raspadores sub-rectilíneos, ligeiramente convexos. Extremidade superior transversal, em raspadeira ou raspador ligeiramente convexo.

Dimensões:

37 mm × 34 mm × 15 mm.

Raspadores duplos convexos

— Uma lasca com reverso de plano de separação, bolbo e plano de percussão facetado na base. Retocado no bordo direito, convexo. Anverso dividido em duas partes por aresta longitudinal acompanhando o bordo esquerdo. Bordos laterais afeiçoados em raspadores duplos convexos: extremidade superior com pequenos retoques em raspador no reverso.

Dimensões:

31 mm × 26 mm × 13 mm.

Raspadores duplos convexos e côncavos

— Uma lasca de quartzo com reverso de plano de separação, com bolbo na

base. Anverso com superfície primitiva na base do bordo direito, convexo. Parte superior do mesmo bordo retocado em raspador convexo e bordo esquerdo em raspador irregular ligeiramente côncavo. O objecto tem o aspecto de raspador convergente duplo convexo e côncavo.

Dimensões:

53 mm × 34 mm × 10 mm.

Raspadores duplos convexos e côncavos com extremidade superior em raspadeira

— Uma lasca de sílex com reverso de plano de separação, bolbo e plano de percussão na base. Anverso saliente, com aresta longitudinal ao longo do bordo direito, retocado em raspador ligeiramente côncavo. Bordo esquerdo afeiçoado em raspador convexo e extremidade superior em forma de larga raspadeira convexa (Est. 7, fig. 1)

Dimensões:

50 mm × 35 mm × 19 mm.

Raspadores duplos convexo-côncavos e côncavos

— Uma lasca alongada de secção transversal triangular na sua metade superior. Reverso de plano de separação com bolbo na base. Anverso com aresta longitudinal ao longo do bordo esquerdo, retocado em raspador ligeiramente côncavo na parte superior e bordo direito em raspador ligeiramente côncavo na parte central e convexo na parte superior. Extremidade superior ligeiramente inclinada para a esquerda e extremidade inferior para a direita.

Dimensões:

49 mm × 26 mm × 14 mm.

Raspadores duplos côncavos com extremidade superior em raspadeira ou raspador convexo

— Uma lasca de certo modo espessa, com reverso de plano de separação, com bolbo e plano de percussão tayacense na base. Retocada nos dois bordos laterais com concavidade central e na parte superior, com gume convexo. Anverso dividido em três partes por arestas com dispositivo em «V», cuja ponta atinge a base. Retoques na parte superior larga, convexa, retocada em raspador com pequeno bico central. Trata-se de um raspador duplo côncavo, com extremidade superior em raspadeira ou raspador convexo.

Dimensões:

45 mm × 35 mm × 27 mm.

Lasclas retocadas em bico num dos bordos

— Dezasseis lascas, das quais quatro de quartzo, retocadas com pequeno bico num dos bordos.

Dimensões da maior:

40 mm × 25 mm × 11 mm.

Dimensões da menor:

19 mm × 16 mm × 6 mm.

Pontas

— Doze lascas retocadas em ponta nos bordos laterais e em uma das extremidades do anverso algumas das quais assimétricas, das quais três de quartzo e as outras de sílex. Uma é de técnica tayacense.

Dimensões da maior:

44 mm × 37 mm × 12 mm (Fot. 8)

Dimensões da menor:

30 mm × 20 mm × 10 mm.

Dimensões da lasca, Est. 6, fig. 1:

39 mm × 30 mm × 16 mm.

Dimensões da lasca, Est. 6, fig. 2:

38 mm × 28 mm × 10 mm.

Dimensões da lasca, Est. 6, fig. 5:

41 mm × 39 mm × 12 mm.

Lâminas

— Uma lâmina de secção transversal triangular. Reverso de plano de separação com alguns retoques nos bordos laterais. Anverso com aresta longitudinal ao longo do bordo direito. Bordos laterais retocados, em raspador, rectilíneo, no bordo esquerdo e ligeiramente convexo no bordo direito. Extremidade superior com ligeiros retoques (Est. 7, fig. 5)

Dimensões:

53 mm × 25 mm × 18 mm.

Lasclas retocadas em mais de metade da periferia

— Uma lasca tayacense de sílex, com reverso de plano de separação, bolbo e plano de percussão na base estreita. Trabalhada em mais de metade da periferia, em raspador largo convexo.

Dimensões:

38 mm × 28 mm × 12 mm (Fot. 6)

Lasclas retocadas em toda a periferia

— Cinco lascas de forma arredondada com reverso de plano de separação, das quais duas de técnica tayacense em quartzo. São retocadas em toda a periferia do anverso para servir de raspadeiras. Uma delas também com retoques no reverso.

Dimensões da maior em quartzo:

49 mm × 47 mm × 22 mm.

Dimensões da menor:

28 mm × 29 mm × 8 mm.

— Uma lasca com reverso de plano de separação e bolbo na base retocada. Anverso retocado em toda a periferia, em raspador convexo no bordo esquerdo e côncavo no bordo direito. Extremidade superior em raspadeira, torcida para a direita (Est. 7, fig. 3)

Dimensões:

41 mm × 26 mm × 7 mm.

Núcleos mustierenses

— Dois núcleos mustierenses de sílex.

Dimensões:

61 mm × 49 mm × 14 mm (Est. 7, fig. 6)

47 mm × 40 mm × 24 mm (Fot. 7)

Lasclas retocadas

— Cinco lascas retocadas de técnica tayacense.

Dimensões da maior:

36 mm × 28 mm × 13 mm.

Dimensões da menor:

28 mm × 20 mm × 9 mm.

— Quatro lascas de técnica mustierense.

Dimensões da maior:

42 mm × 44 mm × 17 mm.

Dimensões da menor:

25 mm × 20 mm × 7 mm.

Onze lascas retocadas atípicas, das quais uma de quartzo.

Dimensões da maior:

41 mm × 34 mm × 17 mm.

Dimensões da menor:

18 mm × 15 mm × 6 mm.

SÉRIE IV — MUSTIERENSE

— PEÇAS COM BRILHO MUITO FRACO

Bifaces

— Um biface sobre fragmento de seixo calcário, de forma oval, com base espessa. Reverso de plano de separação com pequenos negativos de lascas sub-horizontais, tiradas a partir dos bordos. Anverso saliente com bordos laterais e extremidade superior formando gumes convexos. Bordo esquerdo espesso e inclinado, acompanhado por saliência longitudinal. Bordo direito podendo ter servido de raspador convexo.

Dimensões:

104 mm × 74 mm × 39 mm.

Núcleos polidédricos

— Treze núcleos polidédricos de sílex, dos quais 3 ou 4 afeiçãoados em raspadeiras nucleiformes em um dos bordos.

Dimensões da maior:

66 mm × 48 mm × 45 mm.

Dimensões da menor:

36 mm × 23 mm × 24 mm.

Núcleos e fragmentos com bordos em raspadores ou raspadeiras

— Um fragmento de núcleo de sílex com reverso de plano de separação irregular devido à natureza da rocha e com alguns retoques no bordo direito. Bordo esquerdo espesso. Anverso com 2/3 inferiores do bordo direito, convexo, de cortex. Bordo esquerdo afeiçãoado em raspador côncavo e extremidade superior em raspadeira nucleiforme.

Dimensões:

61 mm × 40 mm × 30 mm.

Raspadeiras

— Uma lasca com reverso de plano de separação, trabalhado por dois negativos de lascas tiradas da base e do bordo esquerdo. Anverso convexo com retoques no bordo esquerdo e na extremidade superior larga e convexa, afeiçãoada em raspadeira. Base estreita e convexa.

Dimensões:

37 mm × 37 mm × 8 mm.

Raspadores simples convexos

— Uma placa de sílex, espessa e achatada, com reverso de cortex. Anverso com bordo esquerdo retocado por lascas muito inclinadas, em raspador convexo. Bordo direito triangular, largo, com forte saliência triangular central. Vestígios de utilização.

Dimensões:

98 mm × 85 mm × 35 mm.

Raspador simples convexo com extremidade em ponta

— Uma lasca oval lanceolada, muito imperfeita devido à natureza do sílex. Um dos bordos afeiçãoado em raspador convexo e outro muito irregular, muito fracturado, com alguns retoques na parte inferior. Extremidade superior em ponta triangular.

Dimensões:

54 mm × 35 mm × 10 mm.

Raspador simples côncavo com extremidade em ponta

— Uma lasca de sílex com base transversal sub-rectilínea. Reverso de plano

de separação. Extremidade superior do anverso afeiçãoada em forte ponta e bordo esquerdo em raspador simples, côncavo na sua parte superior.

Dimensões:

38 mm × 30 mm × 12 mm.

Raspador duplo convexo com extremidade superior em ponta

— Uma lasca de sílex, sublosangular arredondada, com reverso de plano de separação e pequeno, retoques nos bordos laterais. Anverso com faixa longitudinal central de cortex, retocado nos bordos laterais em raspador duplo convexo e na extremidade superior em larga ponta triangular, ligeiramente aburilada. Base com pequeno bico central.

Dimensões:

43 mm × 30 mm × 14 mm.

Raspadores duplos convexos com extremidade superior em raspadeira

— Uma lasca espessa de sílex com reverso de plano de separação e pequenos retoques irregulares nos dois bordos laterais. Bordo esquerdo do reverso afeiçãoado em raspador convexo. Anverso retocado nos bordos laterais em raspadores duplos convexos e na extremidade superior em raspadeira.

Dimensões:

66 mm × 34 mm × 21 mm.

— Uma lasca alongada com reverso de plano de separação e grande negativo na parte inferior do bordo esquerdo. Extremidade inferior aburilada com pequenos retoques. Anverso com aresta longitudinal central. Bordos laterais convexos e extremidade superior afeiçãoada em pequeno raspador ou raspadeira côncava entre dois pequenos bicos.

Dimensões:

66 mm × 41 mm × 20 mm.

Raspadores duplos convexos e sub-rectilíneos

— Uma lasca sublosangular, encurvada, com reverso de plano de separação. Anverso com aresta longitudinal central. Bordo direito retocado, convexo, e bordo esquerdo sub-rectilíneo, com alguns retoques. Extremidade superior em ponta, torcida para a esquerda. Base inclinada da esquerda para a direita.

Dimensões:

39 mm × 29 mm × 16 mm.

Raspadores duplos côncavo-convexos e sub-rectilíneos

— Uma grande lasca sublosangular, com reverso de plano de separação. An-

verso com aresta longitudinal central e extremidade superior em ponta saliente triangular. Bordo direito do anverso retocado, rectilíneo nos 2/3 superiores e, mais abaixo, com pequena saliência convexa, seguida por um negativo côncavo. Bordo esquerdo retocado, côncavo no terço superior e convexo nos 2/3 inferiores.

Dimensões:

76 mm × 45 mm × 26 mm.

Raspadores duplos convexos e côncavos

— Uma lasca de sílex sublosangular com reverso de plano de separação, recortado por lasca tirada do bordo direito. Vestígios de bolbo na base. Anverso retocado no bordo esquerdo espesso, convexo, denticulado, e no bordo direito ligeiramente côncavo na metade superior, com forte saliência triangular mais abaixo e inclinado para a esquerda na parte inferior. Extremidade superior em bico triangular, ligeiramente torcida para a direita.

Dimensões:

38 mm × 28 mm × 10 mm.

— Uma pequena lasca com reverso de plano de separação e anverso com aresta longitudinal, inclinada da esquerda para a direita. Bordo direito retocado, convexo, e bordo esquerdo retocado, côncavo.

Dimensões:

38 mm × 24 mm × 13 mm.

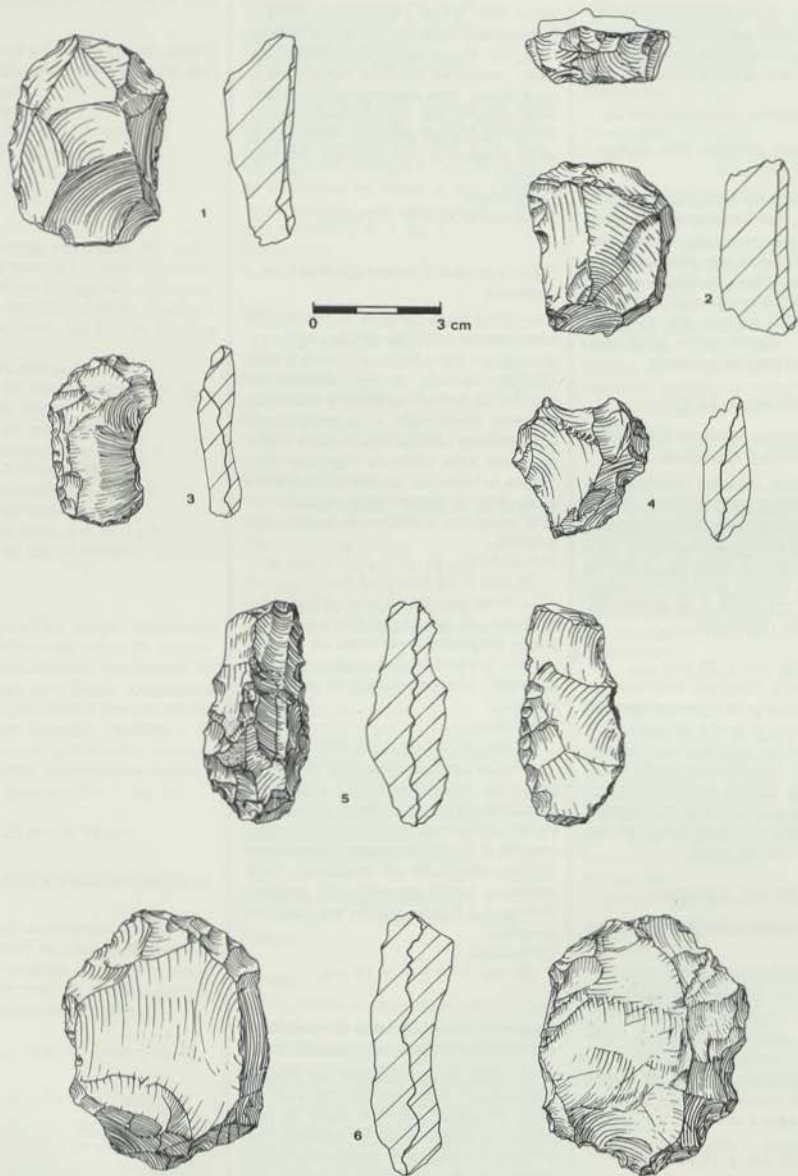
— Uma lasca de sílex com reverso de plano de separação, bolbo e plano de percussão facetado na base, estreita. Anverso com aresta longitudinal acompanhando o bordo esquerdo. Extremidade superior afeiçãoada em raspadeira, larga, convexa; bordo esquerdo em raspador côncavo e bordo direito em raspador convexo.

Dimensões:

55 mm × 44 mm × 19 mm.

Raspador duplo convexo-côncavo com extremidade superior em raspadeira

— Uma lasca espessa de secção transversal subtriangular. Reverso de plano de separação com plano de percussão de cortex na base, inclinada para a direita. Anverso com aresta longitudinal central. Metade esquerda de cortex com retoques no bordo, convexo-côncavo. Bordo direito com dois negativos de lascas e pequenos retoques, afeiçãoado também em raspador convexo-côncavo.



Est. 7 - MOINHO DAS CRUZES

- 1 - Raspador duplo convexo e côncavo com extremidade superior em raspadeira (Mustierense) • 2 - Raspadeira (Mustierense)
 3 - Lasca retocada em toda a periferia afelçoada em raspador côncavo-convexo e em raspadeira na extremidade superior (Mustierense)
 4 - Raspador convexo-côncavo (Mustierense) • 5 - Lâmina (Mustierense) • 6 - Núcleo mustierense (Mustierense)

Extremidade superior em raspadeira larga, denticulada.

Dimensões:

55 mm × 38 mm × 18 mm.

Raspador triplo retilíneo, convexo e convexo-côncavo

— Uma pequena lasca de sílex, triédrica, com reverso de plano de separação, com um dos bordos laterais retocado em raspador retilíneo, outro em raspador convexo e o terceiro em raspador convexo e côncavo.

Dimensões:

39 mm × 27 mm × 18 mm.

Lâminas

— Uma lâmina de quartzo de secção transversal subtriangular. Reverso de plano de separação com bolbo e plano de percussão à direita, na base. Anverso com aresta longitudinal central e vestígios de retoques nos bordos.

Dimensões:

57 mm × 29 mm × 16 mm.

— Uma pequena lamela de sílex, de secção transversal subtrapezoidal, sem retoques.

Dimensões:

21 mm × 11 mm × 5 mm.

Lasca retocadas diversas

— Dez lascas retocadas de técnica tayacense, das quais três de quartzo.

Dimensões da maior:

57 mm × 34 mm × 16 mm.

Dimensões da menor, em quartzo:

30 mm × 25 mm × 12 mm.

— Três lascas retocadas de técnica mustierense com planos de percussão facetados.

Dimensões da maior:

41 mm × 32 mm × 9 mm.

Dimensões da menor: 34 mm × 28 mm × 8 mm.

— 21 lascas atípicas retocadas, das quais 3 de quartzo.

Dimensões da maior:

49 mm × 22 mm × 10 mm.

Dimensões da menor: 24 mm × 20 mm × 7 mm.

SÉRIE V — PALEOLÍTICO SUPERIOR

— PEÇAS ACINZENTADAS, ALGUMAS COM BRILHO FRACO

Raspadeiras

— Uma lasca arredondada com reverso de plano de separação, bolbo e plano

de percussão na base. Anverso separado em duas metades por aresta longitudinal central. Extremidade superior larga, arredondada, afeiçãoada em raspadeira.

Dimensões:

47 mm × 40 mm × 18 mm.

— Uma pequena lasca arredondada de técnica tayacense com reverso de plano de separação, bolbo e plano de percussão na base. Anverso convexo, com extremidade superior convexa afeiçãoada em raspadeira.

Dimensões:

22 mm × 18 mm × 9 mm.

Raspadores e raspadeiras

— Uma lasca encurvada com reverso de plano de separação e com negativo de lasca tirada do bordo direito da base. Anverso com bordo direito côncavo. Bordo esquerdo retocado em raspador simples convexo e extremidade superior em raspadeira.

Dimensões:

33 mm × 27 mm × 9 mm.

Raspadores simples convexos

— Uma lasca alongada com reverso de plano de separação, com vestígios de plano de percussão no bordo direito. Anverso com truncatura longitudinal ao longo do bordo esquerdo. Bordo direito afeiçãoado em raspador convexo.

Dimensões:

52 mm × 28 mm × 16 mm.

Raspadores duplos convexos com bico na extremidade superior

— Uma lasca arredondada e achatada, com reverso de plano de separação. Anverso retocado nos dois bordos laterais em raspadores duplos convexos e com pequeno bico na extremidade superior.

Dimensões:

28 mm × 26 mm × 8 mm.

Raspadores duplos retilíneos e convexos

— Uma pequena lasca tayacense, alongada, com reverso de plano de separação, bolbo e plano de percussão inclinado na base, da esquerda para a direita. Anverso com pequenos retoques no bordo direito convexo e bordo esquerdo retilíneo. Extremidade superior triangular, ligeiramente aburilada.

Dimensões:

38 mm × 21 mm × 12 mm.

— Uma lasca alongada e encurvada. Reverso de plano de separação com al-

guns retoques nos bordos. Anverso com aresta longitudinal central. Bordo esquerdo retocado sub-retilíneo. Bordo direito convexo. Extremidade superior ligeiramente torcida para a esquerda.

Dimensões:

45 mm × 21 mm × 11 mm.

Furador

— Uma lasca de quartzo com reverso de plano de separação, com bolbo e plano de percussão na base. Anverso com uma das extremidades afeiçãoada em ponta triangular podendo servir de furador.

Dimensões:

25 mm × 23 mm × 8 mm.

Lâminas

— Uma lâmina alongada, sub-retangular, com reverso de plano de separação, bolbo e plano de percussão tayacense, na base. Anverso com alguns negativos de lascas tiradas sobretudo do bordo esquerdo e com faceta longitudinal até à base do bordo direito. Vestígios de pequenos retoques nos bordos.

Dimensões:

41 mm × 24 mm × 9 mm.

Lasca retocadas atípicas

— Duas lascas retocadas atípicas.

Dimensões da maior:

49 mm × 33 mm × 12 mm.

Dimensões da menor:

17 mm × 15 mm × 6 mm.

SÉRIE VI-PÓS-PALEOLÍTICO

— PEÇAS ACINZENTADAS QUASE SEM BRILHO

Núcleo poliédrico

— Um núcleo poliédrico de pequeno formato.

Dimensões:

28 mm × 21 mm × 20 mm.

Lasca e fragmentos retocados

— Oito lascas retocadas das quais a maior, mustierense, afeiçãoada em raspador transversal e uma de técnica tayacense com alguns retoques.

Dimensões da maior:

44 mm × 33 mm × 6 mm.

Dimensões da menor:

21 mm × 18 mm × 6 mm.

— Dois fragmentos alongados, sub-retangulares, de lascas de secção transversal subtriangular, com aspecto de fragmentos de lâminas e com vestígios de pequenos retoques no bordo esquerdo.

Dimensões do maior:

31 mm × 21 mm × 14 mm.

Dimensões do menor:

31 mm × 18 mm × 8 mm.

PEÇAS COM TRABALHO DAS SÉRIES I e III

— Um fragmento de seixo de quartzo com reverso da série I. Anverso na maior parte de superfície primitiva. Retocado em raspador convexo, num dos bordos, por lascas inclinadas da série III.

Dimensões:

56 mm × 54 mm × 37 mm.

PEÇAS COM TRABALHO DAS SÉRIES II e III

— Uma lasca de quartzo com reverso de plano de separação. Anverso com retoques da série III afeiçoando o bordo direito em raspador côncavo e o bordo esquerdo em raspador convexo. Extremidade superior em bico ligeiramente aburilado.

Dimensões:

42 mm × 29 mm × 10 mm.

PEÇAS COM TRABALHO DAS SÉRIES II e IV

— Dois fragmentos de sílex, um dos quais de certo modo triangular e outro sublosangular, retocados nos bordos laterais em raspadores duplos convergentes da série IV. A extremidade superior do mais largo, é afeiçoada em raspadeira. Reverso de plano de percussão.

Dimensões do primeiro:

50 mm × 47 mm × 19 mm.

Dimensões do segundo:

53 mm × 43 mm × 23 mm.

PEÇAS COM TRABALHO DAS SÉRIES II e V

— Uma lasca de quartzo de forma triangular afeiçoada na série V em ponta numa das extremidades. Reverso de pla-

no de separação e anverso com saliência longitudinal central, retocado nos bordos laterais para servir de raspador duplo convergente.

Dimensões:

30 mm × 21 mm × 10 mm.

PEÇAS COM TRABALHO DAS SÉRIES III e IV

— Uma lasca sublosangular da série III com bordos apresentando três bicos separados por concavidades da série IV.

Dimensões:

30 mm × 29 mm × 19 mm.

— Um raspador transversal com reverso de plano de separação e bolbo na base. Retocado na série IV nos bordos laterais do anverso e na extremidade superior, ligeiramente côncava na parte central.

Dimensões:

37 mm × 36 mm × 16 mm.

— Um pequeno núcleo polidédrico da série III com retoques da série IV.

Dimensões:

36 mm × 33 mm × 265 mm.

— Um fragmento triangular de lasca tayacense com reverso de plano de separação, bolbo e plano de percussão na base, em ponta estreita. Extremidade superior do anverso sub-rectilínea, fracturada e retocada na série IV em raspador transversal. Retoques da série III no bordo esquerdo convexo.

Dimensões:

34 mm × 31 mm × 14 mm.

— Uma lasca da série III retocada na série IV no bordo direito, convexo, do anverso, e afeiçoada em bico, inclinado para a direita, na extremidade superior. Bordo esquerdo espesso com truncatura da série IV e com alguns retoques mais antigos.

Dimensões:

36 mm × 25 mm × 12 mm.

— Uma lasca da série III com reverso de plano de separação. Anverso retocado em todos os bordos na série IV, para servir de raspador convexo no bordo direito, de raspador irregular, côncavo no bordo esquerdo e de raspadeira na base. Extremidade oposta afeiçoada em bico ligeiramente inclinado para a direita.

Dimensões:

50 mm × 40 mm × 21 mm.

— Uma lasca com reverso de plano de separação, bolbo e plano de percussão mustierense na base. Anverso percorrido por aresta longitudinal do lado

esquerdo e com pequenos retoques em mais de metade da periferia.

Dimensões:

37 mm × 37 mm × 15 mm.

PEÇAS COM TRABALHO DAS SÉRIES III e V

— Uma lasca alongada da série III com reverso de plano de separação, bolbo e plano de percussão liso na base. Bordo direito com forte negativo da série V e no bordo esquerdo com alguns retoques. Anverso retocado no bordo direito em raspador convexo e no bordo esquerdo em raspador ligeiramente côncavo, na parte central. Extremidade superior em pequena raspadeira.

Dimensões:

47 mm × 33 mm × 14 mm.

— Uma lasca da série III com reverso de plano de separação, bolbo e plano de percussão na base estreita. Anverso com aresta longitudinal central. Metade esquerda de cortex e bordo direito muito convexo com saliência triangular no terço superior. Extremidade superior em ponta triangular, desviada para a esquerda.

Dimensões:

54 mm × 38 mm × 21 mm.

— Uma lasca subpentagonal com reverso de plano de separação com alguns retoques no bordo esquerdo e na base. Anverso com forte relevo na parte superior do bordo esquerdo e com forte ponta triangular na extremidade superior.

Dimensões:

47 mm × 36 mm × 18 mm.

— Uma pequena lasca subpentagonal com extremidade superior em ponta triangular, retocada em dois bordos laterais do anverso em raspador duplo convexo. Reverso de plano de separação da série V.

Dimensões:

35 mm × 35 mm × 9 mm.

— Um pequena lasca da série III, com reverso de plano de separação, retocada em dois bordos laterais na série V.

Dimensões:

28 mm × 24 mm × 9 mm.

— Uma lasca mustierense da série III com reverso de plano de separação, com bolbo e plano de percussão facetado na base. Anverso com bordo superior retocado em raspador transversal denticulado na série V.

Dimensões: 45 mm × 30 mm × 10 mm.

JAZIDA PALEOLÍTICA DA TAPADA DA AJUDA

SÉRIE I — ACHEULENSE ANTIGO — PEÇAS COM COR ACASTANHADA, EOLIZAÇÃO E FRACO ROLAMENTO

Raspadeiras nucleiformes

— Um bloco espesso de sílex com uma das faces relativamente plana e com negativo de lasca tirada do bordo direito. Outra face espessa, com bordos laterais em forma de raspadeira nucleiforme.

Dimensões:

62 mm × 56 mm × 37 mm.

Raspadores transversais

— Um raspador transversal com reverso de plano de separação, bolbo e plano de percussão facetado na base. Trabalhado nos bordos laterais e na extremidade superior formando um gume transversal sub-rectilíneo. Anverso com metade direita de clivagem e o resto daquela face com diversos negativos de lascas, irregulares devido à natureza da rocha (Est. 8, fig. 1).

Dimensões:

48 mm × 37 mm × 19 mm.

Raspadores simples convexos

— Uma pequena lasca de sílex com reverso de plano de separação, com bolbo e plano de percussão de cortex na base. Bordo direito espesso com cortex. Bordo esquerdo retocado em raspador convexo, com pequeno bico central. Anverso com bordo esquerdo de cortex. Bordo direito e extremidade superior com 5 ou 6 facetas de talhe, afeioando um raspador simples convexo.

Dimensões: 38 mm × 29 mm × 16 mm.

Raspadores simples côncavos

— Um fragmento espesso de seixo de quartzo com reverso plano e anverso retocado no bordo esquerdo em raspador simples côncavo.

Dimensões:

46 mm × 37 mm × 15 mm.

Raspadores duplos convergentes-convexos

— Uma lasca de sílex com base inclinada da esquerda para a direita. Bordos laterais convexos. Reverso de plano de separação, com plano de percussão e negativo de lasca na parte superior. Anverso convexo, espesso, com aresta longitudinal encurvada, acompanhando o

bordo esquerdo. Bordos laterais afeioados em raspadores duplos convergentes e convexos. Extremidade superior em forte bico ligeiramente torcido para a direita.

Dimensões: 46 mm × 37 mm × 22 mm.

Raspadores duplos rectilíneos e convexos

— Um fragmento espesso em forma de «D» com uma das faces de plano de separação e outra face espessa, relativamente aplanada. Bordo direito do anverso, rectilíneo, com indícios de ter servido de raspador; bordo esquerdo afeioado em raspador convexo.

Dimensões:

63 mm × 47 mm × 25 mm.

Pontas

— Uma lasca de quartzo de forma subpentagonal, com reverso de plano de separação, com bolbo e plano de percussão num dos bordos. Anverso com extremidade superior afeioada em ponta triangular, entre dois negativos côncavos.

Dimensões:

36 mm × 32 mm × 13 mm.

SÉRIE II — ACHEULENSE SUPERIOR — PEÇAS COM COR ACASTANHADA E BRILHO

Núcleos poliédricos

— Seis núcleos, mais ou menos poliédricos, utilizados num dos bordos, convexos, como raspadores ou raspadeiras nucleiformes.

Dimensões do maior de técnica levallois:

59 mm × 46 mm × 31 mm.

Dimensões do menor:

35 mm × 26 mm × 18 mm.

Fragmentos de núcleos retocados

— Dois fragmentos de núcleos com reverso de plano de separação. Anverso formando relevo, com aresta longitudinal central. Bordos laterais e base com retoques subverticais ou muito inclinados. Extremidade inferior de um em forte ponta triédrica podendo servir de furador.

Dimensões do maior (Est. 8, fig. 2):

41 mm × 37 mm × 26 mm.

Dimensões do menor:

43 mm × 33 mm × 26 mm.

Raspadores transversais

— Dois raspadores transversais com reverso de plano de separação, com bolbo e plano de percussão na base. Extremidade superior retocada em raspador transversal côncavo no mais pequeno e em raspador com bico central triangular no maior. Bordos esquerdos do anverso retocados em raspadores côncavos e bordos direitos espessos não retocados.

Dimensões do maior, com bico:

40 mm × 42 mm × 13 mm.

Dimensões do menor, côncavo:

38 mm × 40 mm × 12 mm.

— Um raspador transversal ligeiramente inclinado. Anverso com plano de separação, com vestígios de bolbo na base, retocada em raspadeira. Extremidade superior transversal, sub-rectilínea, ligeiramente denticulada. Bordos laterais afeioados em raspadores. Reverso com aresta longitudinal oblíqua separando duas metades, ligeiramente côncavas.

Dimensões:

45 mm × 35 mm × 11 mm.

Raspadores simples côncavos

— Quatro lascas retocadas no bordo esquerdo em raspadores simples côncavos. Bordos direitos convexos com ligeiros retoques num deles. Base mais ou menos convexa, rectilínea numa delas, e extremidade superior em ponta irregular, torcida para esquerda.

Dimensões da maior:

48 mm × 27 mm × 11 mm.

Dimensões da menor:

38 mm × 24 mm × 14 mm.

Raspadores simples rectilíneos com extremidade superior em ponta

— Uma pequena lasca com reverso de plano de separação, com bolbo e pequeno plano de percussão na base. Anverso com aresta longitudinal central separando à esquerda uma faixa de cortex com 2 ou 3 retoques no bordo convexo, da metade direita inclinada, retocada no bordo lateral, em raspador rectilíneo. Extremidade superior em ponta triangular, ligeiramente inclinada para a direita.

Dimensões:

40 mm × 23 mm × 12 mm.

Raspadores duplos convergentes e convexos

— Três lascas de sílex com reverso de plano de separação, bolbo e plano de percussão tayacense numa delas. Retocadas nos bordos laterais do anverso em raspadores duplos convergentes e con-

vexos. Extremidade superior afeiçãoada em ponta triangular.

Dimensões da maior:

45 mm × 34 mm × 16 mm.

Dimensões da menor:

34 mm × 27 mm × 10 mm.

Raspadores duplos convexos

— Dois raspadores duplos convexos com reverso de plano de separação. Anverso com aresta longitudinal central. Bordos laterais retocados. Extremidade superior do maior em forma de bico e a do menor, em pequena ponta retocada arredondada.

Dimensões do maior:

41 mm × 29 mm × 19 mm.

Dimensões do menor:

29 mm × 24 mm × 10 mm.

— Uma lasca alongada de secção transversal subtriangular com reverso de plano de separação e vestígios de bolbo na extremidade superior. Anverso percorrido por aresta longitudinal ao longo do bordo esquerdo, abrupto. Ambos os bordos laterais são convexos, com ligeiras concavidades, retocados por pequenas lascas muito inclinadas (Est. 8, fig. 4)

Dimensões:

52 mm × 36 mm × 18 mm.

Raspadores e raspadeiras

— Duas lascas com reversos de plano de separação, retocadas em raspadores convexos num dos bordos e em raspadeiras na extremidade superior do anverso.

Dimensões da maior (Est. 8, fig. 3):

50 mm × 41 mm × 17 mm.

Dimensões da menor:

37 mm × 26 mm × 9 mm.

Lascas retocadas em mais de metade da periferia

— Uma lasca achatada com reverso de plano de separação, com bolbo na base, estreita.

Retocada em mais da metade da periferia e com aspecto de raspador transversal na extremidade superior.

Dimensões:

35 mm × 37 mm × 11 mm.

Lascas retocadas atípicas

— Um fragmento de seixo de quartzito, estreito e alongado, com um dos bordos de superfície primitiva e outro bordo com gume torcido em forma de raspador.

Dimensões:

48 mm × 24 mm × 23 mm.

SÉRIE III — MUSTIERENSE

— PEÇAS COM MENOS BRILHO

Núcleos poliédricos

— Quatro núcleos e fragmentos de pequenos núcleos poliédricos, com alguns retoques nos bordos, afeiçãoados para servir de raspador ou raspadeiras nucleiformes.

Dimensões do maior:

46 mm × 30 mm × 15 mm.

Dimensões do menor:

33 mm × 31 mm × 23 mm.

Raspadeiras nucleiformes

— Uma lasca espessa ou fragmento de núcleo, de secção transversal subtriangular. Reverso de plano de separação com pequenos negativos de lasca em cada bordo. Anverso saliente com aresta longitudinal central e outra mais pequena torcida para o lado do bordo direito. Periferia com negativos de lascas e alguns retoques muito inclinados. As duas extremidades do objecto têm a forma de raspadeiras nucleiformes convexas.

Dimensões:

65 mm × 47 mm × 32 mm.

Raspadores duplos convexos

— Um fragmento de seixo de quartzito. Reverso com aresta longitudinal central e outra, mais pequena, acompanhando o bordo direito. Metade esquerda de superfície primitiva, com excepção de uma faceta transversal inclinada na base. Metade direita afeiçãoada por duas facetas longitudinais, sendo mais estreita a que acompanha o bordo direito. Base espessa com facetas de regularização. Anverso com aresta longitudinal central e com diversos negativos de lascas pouco inclinados, sendo maior o da metade direita. Bordos laterais afeiçãoados em raspadores convexos, imperfeitos.

Dimensões:

63 mm × 53 mm × 32 mm.

Raspadores duplos convexos e rectilíneos-côncavos

— Uma lasca de quartzito de forma sublosangular, encurvada. Reverso de plano de separação, oblíquo na parte inferior. Parte superior apresentando, sobretudo, ao longo do bordo esquerdo, diversos pequenos negativos de regularização, afeiçãoando o bordo num raspador denticulado, sub-rectilíneo-côncavo. Anverso com bordo esquerdo afeiçãoado em raspador convexo, com pequena faixa de

superfície primitiva na parte superior e na quase totalidade do anverso, com pequenos negativos de lascas sub-horizontais ou pouco inclinados.

Extremidade superior em ponta triangular (Est. 8, fig. 5)

Dimensões:

70 mm × 50 mm × 8 mm.

Lascas com retoques em toda a periferia

— Uma lasca com reverso de plano de separação retocado na base e no bordo esquerdo. Anverso convexo, retocado em toda a periferia, com aresta longitudinal na metade esquerda.

Dimensões:

40 mm × 33 mm × 16 mm.

— Uma pequena lasca subtriangular com reverso de plano de separação. Anverso retocado em todos os bordos, dois deles em pequena raspadeira.

Dimensões:

40 mm × 27 mm × 10 mm.

— Uma lasca subpentagonal com reverso de plano de separação, recortado por largo negativo de lasca num dos bordos. Anverso com retoques em toda a periferia e com forte bico num dos bordos.

Dimensões:

29 mm × 24 mm × 10 mm.

— Duas lascas com reverso de plano de separação. Anverso convexo com retoques em toda a periferia, bordos laterais em raspadores e extremidade superior em bico ligeiramente aburilado. Base rectilínea no exemplar menor e ligeiramente convexa e afeiçãoada em raspador, no maior.

Dimensões do maior:

39 mm × 28 mm × 11 mm.

Dimensões do menor:

22 mm × 18 mm × 8 mm.

Lasca retocada

— Uma pequena lasca de técnica mustierense com plano de percussão facetado e com alguns retoques no anverso.

Dimensões:

33 mm × 22 mm × 8 mm.

SÉRIE IV — MUSTIERENSE

— PEÇAS QUASE SEM BRILHO

Núcleos poliédricos

— Seis núcleos poliédricos com indícios de utilização como raspadeiras ou

raspadores nucleiformes, dos quais um de quartzo.

Dimensões do maior:

55 mm × 40 mm × 42 mm.

Dimensões do menor:

33 mm × 29 mm × 25 mm.

Núcleos mustierenses

— Um disco mustierense trabalhado nas duas faces a partir dos bordos (Est. 8, fig. 7).

Dimensões:

48 mm × 41 mm × 21 mm.

Calotes de seixo

— Uma pequena calote de seixo de quartzo, com reverso de plano de separação. Anverso de superfície primitiva. Extremidade superior com retoques em raspadeira e com concavidade na parte superior do bordo esquerdo. Base com retoques, em raspadeira transversal.

Dimensões:

32 mm × 27 mm × 12 mm.

Percutor e bigorna

— Um fragmento de seixo de quartzo. Reverso convexo de superfície primitiva. Um dos bordos mostra ter servido de percutor. Na parte central uma covinha mostra utilização do objecto como bigorna. A outra face é plana. Os bordos mostram indícios de percussão. Um deles está cavado por largo negativo de fractura.

Dimensões:

92 mm × 84 mm × 48 mm.

Raspadores simples convexos

— Uma lasca de sílex com reverso de plano de separação. Anverso com metade direita espessa de cortex. Bordo esquerdo afeiçãoado por seis negativos de lascas em raspador simples convexo. (est. 8, fig. 6).

Dimensões:

55 mm × 45 mm × 20 mm.

— Uma lasca sublosangular de quartzo. Reverso de superfície primitiva ocupando toda a parte central até à extremidade superior. Bordos laterais convexos com retoques. Base inclinada, com pequenos retoques irregulares. Anverso de plano de separação. Bordo direito espesso. Base truncada obliquamente da direita para a esquerda. Bordo lateral esquerdo afeiçãoado em raspador simples convexo.

Dimensões:

72 mm × 53 mm × 21 mm.

Raspadores simples convexo-côncavos

— Uma lasca de sílex estreita e alongada, de secção transversal subtriangular. Bordo direito convexo, acompanhado por aresta longitudinal. Bordo esquerdo retocado em raspador côncavo na metade superior e convexo na metade inferior. Extremidade superior torcida para a esquerda.

Dimensões: 63 mm × 24 mm × 15 mm.

Raspadores duplos sub-rectilíneos e convexos

— Duas lascas de sílex com reverso de plano de separação. Anverso convexo, retocado nos dois bordos laterais por lascas inclinadas. Bordo direito com gume sub-rectilíneo e bordo esquerdo convexo. Extremidade superior em ponta torcida para a direita.

Dimensões do maior (Est. 9, fig. 2):

33 mm × 26 mm × 12 mm.

Dimensões do menor:

30 mm × 20 mm × 8 mm.

Raspadores duplos côncavos

— Uma lasca alongada com reverso de plano de separação, com bolbo e plano de percussão tayacense na base, estreita. Anverso com parte central convexa. Bordos laterais retocados em raspadores ligeiramente côncavos. Extremidade superior coberta pelo cortex, tendo servido de raspadeira.

Dimensões:

51 mm × 37 mm × 23 mm.

Raspadeira

— Uma pequena lasca com reverso de plano de separação. Anverso convexo com extremidade superior em raspadeira convexa e larga. Bordos laterais retocados côncavos (Est. 9, fig. 1).

Dimensões:

27 mm × 31 mm × 11 mm.

Raspadeira

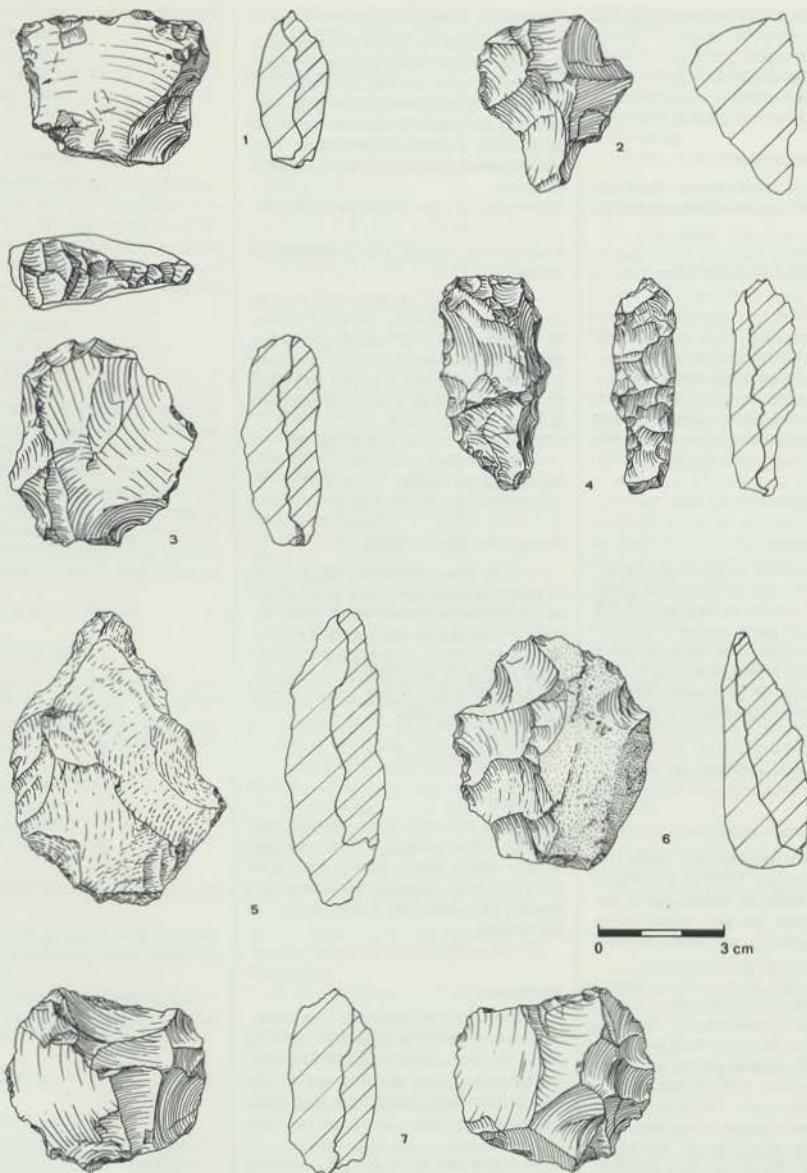
— Uma lasca arredondada com reverso de plano de separação, com bolbo e plano de percussão facetado na base. Anverso de cortex, retocado num bordo e na extremidade superior em raspadeira larga convexa.

Dimensões:

47 mm × 48 mm × 20 mm.

Raspador e furador

— Uma lasca com base e bordos laterais convexos. Base com alguns retoques em raspador convexo. Extremidade



Est. 8 – TAPADA DA AJUDA

- 1 – Raspador transversal (Acheulense antigo) • 2 – Fragmento de núcleo retocado (Acheulense superior)
 3 – Raspador duplo convexo com extremidade superior em raspadeira (Acheulense superior)
 4 – Raspador convexo e raspadeira (Acheulense superior) • 5 – Raspador duplo convergente terminando em ponta (Mustierense)
 6 – Raspador simples convexo denticulado (Mustierense) • 7 – Núcleo mustierense (Mustierense)

superior em ponta triangular afiada para servir de furador. Aresta longitudinal central.

Dimensões:

53 mm × 36 mm × 19 mm.

Lascas retocadas

— Sete lascas retocadas de técnica tayacense.

Dimensões da maior:

29 mm × 22 mm × 9 mm.

Dimensões da menor:

22 mm × 23 mm × 6 mm.

— Doze lascas retocadas mustienses.

Dimensões da maior:

31 mm × 27 mm × 8 mm.

Dimensões da menor:

27 mm × 24 mm × 5 mm.

— Nove lascas retocadas atípicas.

Dimensões da maior:

47 mm × 35 mm × 7 mm.

Dimensões da menor, em quartzo: 19 mm × 19 mm × 14 mm.

SÉRIE V — PALEOLÍTICO SUPERIOR (?) — PEÇAS COM ARESTAS VIVAS E SEM BRILHO OU BRILHO FRACO

Núcleos poliédricos

— 17 núcleos poliédricos e fragmentos de formas diversas, um dos quais de quartzo, alguns utilizados como raspadores ou raspadeiras nucleiformes. O maior é triédrico, alongado, aparentado aos bifaces.

Dimensões do maior:

95 mm × 67 mm × 55 mm.

Dimensões do menor:

26 mm × 20 mm × 18 mm.

Raspadeiras nucleiformes

— Uma raspadeira nucleiforme arredondada, com reverso aplanado por lascas tiradas de todos os bordos. Anverso convexo, com parte central plana e bordos retocados em toda a periferia por lascas subverticais ou muito inclinadas.

Dimensões:

51 mm × 40 mm × 22 mm.

Raspadeiras

— Duas lascas afeiçoadas numa das extremidades do anverso, em pequenas raspadeiras sub-rectilíneas.

Dimensões da maior sub-rectangular em quartzo:

35 mm × 22 mm × 17 mm.

Dimensões da menor em sílex:

30 mm × 22 mm × 13 mm.

Raspadores e raspadeiras

— Uma lasca com reverso de plano de separação e com vestígios de plano de percussão numa das extremidades. Anverso retocado para servir de raspador convexo no bordo esquerdo e de raspadeira na extremidade superior. Faixa de cortex ocupando os 2/3 inferiores (Est. 9, fig. 3).

Dimensões:

50 mm × 35 mm × 17 mm.

— Uma lasca com reverso de plano de separação. Anverso afeiçoado em raspador duplo convexo nos bordos laterais e em pequena raspadeira na extremidade superior. Parte central do anverso cortada por aresta oblíqua, inclinada para esquerda. Bordo direito espesso (Est. 9, fig. 4).

Dimensões:

55 mm × 43 mm × 16 mm.

Raspadores transversais

— Uma pequena lasca tayacense com reverso de plano de separação, com bolbo e plano de percussão na base, retocada em raspador convexo. Anverso com quatro negativos principais e alguns retoques na parte superior convexa, com saliência inclinada para esquerda. Trata-se de raspador transversal inclinado.

Dimensões: 38 mm × 27 mm × 14 mm.

— Um pequena lasca tayacense com reverso de plano de separação, com bolbo e plano de percussão na base, retocada em raspador convexo. Anverso com quatro negativos principais e alguns retoques na parte superior convexa, com saliência inclinada para a esquerda.

Dimensões:

38 mm × 27 mm × 14 mm.

Furadores

— Duas lascas achatadas, com reverso de plano de separação. A maior tem o bordo direito do anverso espesso. Bordo esquerdo retocado em raspador convexo-côncavo. Extremidade superior em ponta afiada que podia servir de furador ou plaina (Est. 9, fig. 6).

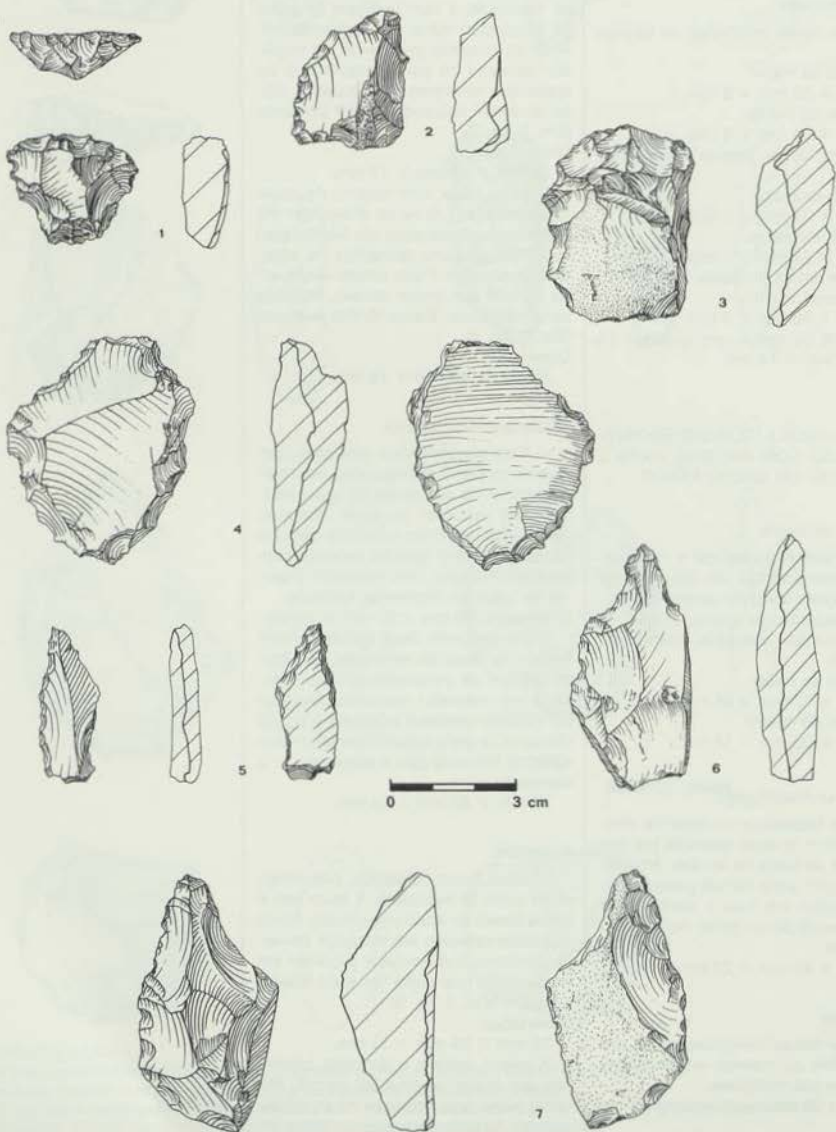
Dimensões:

55 mm × 28 mm × 15 mm.

A menor, estreita e alongada, percorrida por aresta longitudinal central. Reverso plano, com retoques no bordo esquerdo. Anverso retocado no bordo es-

Est. 9 – TAPADA DA AJUDA

- 1 – Raspadeira (Mustierense) • 2 – Raspador duplo sub-rectilíneo e convexo (Mustierense)
3 – Raspador e raspadeira (Paleolítico superior) • 4 – Raspador duplo convexo, com extremidade em raspadeira (Paleolítico superior) • 5 – Furador (Paleolítico superior) • 6 – Furador (Paleolítico superior)
7 – Raspador duplo convergente com extremidade em ponta (Paleolítico superior)



querdo em raspador ligeiramente convexo, quase sub-rectilíneo. Bordo direito com saliência central. Extremidade superior em ponta aburilada (Est. 9, fig. 5).
Dimensões:

43 mm × 28 mm × 13 mm.

— Uma lasca de sílex com reverso de plano de separação e com fractura oblíqua no bordo direito e na base. Anverso afiçoado em raspador convexo denticulado no bordo direito e em ponta triangular, com saliência central na extremidade superior.

Dimensões:

43 mm × 28 mm × 13 mm.

Raspadores simples côncavos

— Três lascas retocadas com bordo esquerdo convexo e bordo direito afiçoado em raspador côncavo. Extremidade superior torcida para a direita. Reverso de plano de separação.

Dimensões da maior:

44 mm × 27 mm × 13 mm.

Dimensões da menor:

33 mm × 20 mm × 17 mm.

Raspadores duplos convergentes com extremidade em ponta

— Três lascas alongadas, duas das quais sublosangulares, retocadas nos bordos laterais do anverso para servir de raspadores duplos convergentes. Parte central do anverso percorrida por aresta longitudinal. Extremidade superior em ponta afiada.

Dimensões da maior (Est. 9, fig. 7):

62 mm × 34 mm × 23 mm.

Dimensões da menor:

36 mm × 21 mm × 17 mm.

Lâminas

— Duas pequenas lâminas de técnica tayacense, com reverso de plano de separação. Anverso com aresta longitudinal central e com alguns retoques nos bordos laterais.

Dimensões da maior:

43 mm × 25 mm × 13 mm.

Dimensões da menor:

17 mm × 11 mm × 4 mm.

Lascas não retocadas

— Quatro lascas não retocadas, das quais uma de técnica tayacense e outra de quartzito, mustieróide.

Dimensões da maior em quartzito: 43 mm × 31 mm × 18 mm.

Dimensões da menor:

16 mm × 14 mm × 6 mm.

PEÇAS COM TRABALHO DAS SÉRIES I E V

— Um biface imperfeito sobre seixo, da série I, retocado na série V por três pequenas lascas no bordo direito do reverso e por três lascas grandes no bordo esquerdo do anverso. Forma geral lanceolada.

Dimensões:

123 mm × 75 mm × 52 mm.

PEÇAS COM TRABALHO DAS SÉRIES II E III

— Uma lasca atípica da série II, retocada nos bordos laterais de uma das faces, em raspador duplo convergente e na parte superior do anverso, na série III.

Dimensões:

40 mm × 27 mm × 13 mm.

— Uma lasca subrectangular, com bordos laterais do anverso afiçoados em raspadores convexo-côncavos e extremidade superior em raspador ligeiramente côncavo. Reverso de plano de separação com vestígios de plano de percussão na base. Retoques da série III no bordo direito e na extremidade superior.

Dimensões:

34 mm × 26 mm × 11 mm.

PEÇAS COM TRABALHO DAS SÉRIES II E IV

— Um núcleo levallois da série II com retoques da série IV em dois bordos.

Dimensões:

67 mm × 63 mm × 38 mm.

— Uma lasca da série II com reverso de plano de separação, com bolbo e plano de percussão na base estreita, retocada no bordo esquerdo e na parte superior larga do anverso para servir de raspador.

Dimensões:

54 mm × 47 mm × 23 mm.

— Um núcleo da série II, afiçoado em raspador num dos bordos e com um negativo da série IV, no mesmo bordo.

Dimensões:

69 mm × 60 mm × 38 mm.

— Uma lasca da série II, da secção transversal subtrapezoidal, com retoques da série IV no reverso e na parte superior do bordo esquerdo do anverso.

Dimensões:

40 mm × 22 mm × 12 mm.

— Uma lasca da série II retocada em raspador transversal, inclinado para a esquerda num dos bordos do anverso. Reverso de plano de separação com bolbo e plano de percussão na base.

Dimensões:

46 mm × 31 mm × 13 mm.

PEÇAS COM TRABALHO DAS SÉRIES III e V

— Uma pequena lasca triangular da série III retocada em dois bordos na série V.

Dimensões:

17 mm × 17 mm × 7 mm.

— Uma lasca oval da série III, afeioada no bordo esquerdo do anverso em raspador simples convexo e nas duas extremidades em raspadeiras. Retoques da série V na parte inferior da metade esquerda do reverso.

Dimensões:

39 mm × 28 mm × 14 mm.

4 — ESTATÍSTICAS

Considerando o número de peças estudadas, divididas por séries em cada uma das três jazidas, verifica-se a seguinte distribuição:

Total das peças das 3 jazidas paleolíticas: 689.

Total dos exemplares — Tapada da Ajuda, 130; Moinho da Carrasqueira, 303; Moinho das Cruzes, 256; da série I da Tapada da Ajuda, 7; da série I do Moinho da Carrasqueira, 9; da série I + II do Moinho das Cruzes, 66; da série II da Tapada da Ajuda, 26; da série II do Moinho da Carrasqueira, 42; da série III da Tapada da Ajuda, 13; da série III-IV do Moinho da Carrasqueira, 134; da série III do Moinho das Cruzes, 103; da série IV da Tapada da Ajuda, 45; da série IV do Moinho das Cruzes, 64; da série V da Tapada da Ajuda, 39; da série V do Moinho da Carrasqueira, 32; da série V do Moinho das Cruzes, 12; da série VI do Moinho da Carrasqueira, 86; da série VI do moinho das Cruzes, 11.

Os exemplares citados apresentam-se discriminados e divididos por séries nos seguintes quadros estatísticos:

QUADRO I — DISTRIBUIÇÃO DO MATERIAL DO MOINHO DA CARRASQUEIRA

	Séries:				
	I	II	III-IV	V	VI
Bifaces			1		
Unifaces				1	
Peças aparentadas aos bifaces		1			
Seixos truncados			1		
Seixos raspadores		1			
Núcleos poliédricos	2		29		20
Núcleos levalloiso-mustierenses			1		
Núcleos e fragmentos afeioados em raspadeiras e raspadores nucleiformes		7			
Núcleos diversos				1	
Calotes de seixo		1	2	2	
Raspadeiras		7	1	4	
Raspadeiras e raspadores	3		6	1	
Raspadores simples sub-rectilíneos		1	1		
Raspadores simples convexos	2		7	5	4
Raspadores simples côncavos			2	1	1
Raspadores transversal			1		
Raspadores transversais inclinados		1			
Raspadores simples com ponta triangular na extremidade superior			2		
Raspadores duplos convergentes	1	9	8	1	
Raspadores duplos sub-rectilíneos			1		
Raspadores duplos convexos e sub-rectilíneos		1		4	
Raspadores duplos côncavos e sub-rectilíneos					1
Raspadores duplos convexos		2	4		
Raspadores duplos convexos e côncavos		6	2		1
Raspadores duplos com extremidade superior em ponta aburilada				1	
Raspadores duplos com extremidade superior em ponta triangular			3		
Pontas					1
Furadores			15	5	
Lâminas			1		5
Lasca retocada em toda a periferia					1
Lasca retocada tayacenses			16	3	
Lasca retocada mustierenses			1		
Lasca retocada atípicas com bico na extremidade superior	1				
Lasca atípicas retocadas		5	28	7	10
Lasca tayacenses não retocadas					11
Lasca atípicas não retocadas					26
Percutores				1	1
Totais:	9	42	134	32	86

Conclusões do Quadro I:

Na jazida paleolítica do Moinho da Carrasqueira sobressai a presença de 1 biface na série III-IV, 1 uniface na série V, 1 seixo raspador na série II e 1 seixo truncado na série III-IV.

Os núcleos poliédricos são muito abundantes nas séries III-IV (29 exemplares) e na série VI (20 exemplares).

As raspadeiras foram encontradas em número de 7 na série II, 1 na série III-IV e 4 na série V. Por sua vez, as peças afeioadas em raspadeiras e raspadores são 3 na série I, 6 na série III-IV e 1 na série V.

Os raspadores duplos convergentes são 1 na série I, 9 na série II, 8 na série III-IV e 1 na série V.

Os elementos levalloiso-mustierenses aparecem apenas em número de 2 na série III-IV.

A jazida do Moinho da Carrasqueira deu 15 furadores na série III-IV e outros 5 na série V. Na série VI foi encontrada uma lasca retocada em toda a periferia.

O maior número de lascas retocadas tayacenses foi encontrada na série III-IV (16 exemplares) ao passo que a série V deu apenas 3.

QUADRO II — DISTRIBUIÇÃO DO MATERIAL
DO MOINHO DAS CRUZES

Séries:	I-II	III	IV	V	VI
Bifaces	1		1		
Núcleos polilétricos	6	6	13		1
Núcleos levalloíso-mustierenses		5			
Núcleos com bordos em raspadores ou raspadeiras	3	9	1		
Calotes de seixo	2				
Raspadores e raspadeiras nucleiformes		3			
Raspadores e raspadeiras				1	
Raspadeiras	1	7	1	2	
Raspadores simples sub-rectilíneos	1				
Raspadores simples convexos	8	5	1	1	
-id- com extremidade superior em ponta	2		1		
Raspadores simples com extremidade superior em raspadeira		2			
Raspadores simples convexo-côncavos		2			
Raspadores simples côncavos com extremidade em ponta				1	
Raspadores transversais	2				
Raspadores duplos rectilíneos com extremidade superior em raspador ou raspadeira transversal		1			
Raspadores duplos convergentes	12	3			
Raspadores duplos convexos		1			
Raspadores duplos convexos com bico na extremidade superior				1	
Raspadores duplos convexos e rectilíneos	2		1	2	
Raspadores duplos convexo-côncavos e com extremidade superior em raspadeira		1	1		
Raspadores duplos convexos e côncavos	3	1	3		
-id- com bico na extremidade superior	3				
Raspadores duplos convexos com extremidade em ponta	1		1		
Raspadores duplos com extremidade superior em raspadeira	1		2		
Raspadores duplos convexo-côncavos e côncavos		1			
Raspadores duplos côncavos com extremidade superior em raspadeira ou raspador convexo		1			
Raspadores duplos convexo-côncavos e sub-rectilíneos			1		
Raspadores triplos rectilíneos, convexos e convexo-côncavos			1		
Furadores				1	
Pontas		12			
Lâminas		1	2	1	
Lascas retocadas em bico num dos bordos		16			
Lascas retocadas em mais da metade da periferia		1			
Lascas retocadas em toda a periferia		5			
Lascas retocadas tayacenses	2	5	10		1
Lascas retocadas mustierenses	2	4	3		1
Lascas retocadas atípicas	14	11	21	2	8
Totais:	66	103	64	12	11

Conclusões do Quadro II:

Na jazida do Moinho das Cruzes observa-se a presença de 1 biface na série I-II e de outro na série IV.

Os núcleos poliédricos são em número de 6 na série I-II, 6 na série III e 13 na série IV, reduzindo-se para 1 na série VI.

Os elementos levalloiso-mustierenses foram encontrados em número de 2 na série I-II, 8 na série III, 3 na série IV e 1 na série VI.

As raspadeiras são em número de 1 na série I-II, 7 na série III, 1 na série IV e 2 na série V.

Os raspadores duplos convergentes apresentam certa abundância, aparecendo em número de 12 na série I-II e somente de 3 na série III.

Um único furador foi encontrado na série V.

As lascas retocadas em toda a periferia são 5 na série III.

As pontas estão representadas na série III por 12 exemplares.

As lascas retocadas tayacenses aparecem em número de 2 na série I-II, 5 na série III, 10 na série IV e 1 na série VI.

QUADRO III — DISTRIBUIÇÃO DO MATERIAL DA TAPADA DA AJUDA

Séries:	I	II	III	IV	V
Núcleos poliédricos		6	4	6	17
Núcleos levalloiso-mustierenses			2	1	
Fragmentos de núcleos retocados		2			
Calotes de seixo				1	
Raspadeiras nucleiformes	1		1		1
Raspadeiras				1	2
Raspadeiras e raspadores		2		1	2
Raspadores simples rectilíneos com extremidade em ponta			1		3
Raspadores simples convexos	1			2	
Raspadores simples côncavos	1	4			3
Raspadores simples convexo-côncavos				1	
Raspadores transversais	1	3			2
Raspadores duplos convergentes	1	3			3
Raspadores duplos convexos		3	1		
Raspadores duplos convexos e rectilíneos	1			2	
Raspadores duplos convexos e côncavos			1		
Raspadores duplos côncavos				1	
Raspadores e furadores				1	
Pontas	1				
Lâminas					2
Lascas retocadas em mais da metade da periferia		1			
Lascas retocadas em toda a periferia			5		
Lascas retocadas tayacenses				7	
Lascas retocadas, mustierenses			1	12	
Lascas retocadas atípicas		1		9	
Lascas retocadas (1 tayacense e 1 mustierense)					4
Totais:	7	26	15	45	39

Conclusões do Quadro III:

Considerando os objectos existentes nas diversas séries da jazida paleolítica da Tapada da Ajuda, verifica-se maior abundância de material lítico nas séries II (26 exemplares), IV (45 exemplares) e V (39 exemplares).

Na série V nota-se a presença de 17 núcleos poliédricos.

A série III é caracterizada pela presença de 5 lascas retocadas em toda a periferia e de 1 lasca retocada mustierense.

Outros elementos levalloiso-mustierenses, em número de 13, foram observados na série IV. A série V deu duas lâminas.

A maior abundância de lascas retocadas foi observada na série IV.

Considerando, agora, as *Peças com duplas patinas*, os resultados obtidos são os seguintes:

Tapada da Ajuda

Séries	I + V =	1
"	II + III =	2
"	II + IV =	5
"	III + V =	2
		15

Moinho da Carrasqueira

Séries	II + III =	5
"	II + IV =	6
"	II + V =	3
"	III + IV =	5
"	III + V =	15
"	IV + V =	1
		35

Moinho das Cruzes

Séries	I + III =	1
"	II + III =	1
"	II + IV =	2
"	III + V =	1
"	III + IV =	6
"	III + V =	5
		16

5 — CONCLUSÕES

Os materiais das três jazidas estudadas foram reunidos nos grupos referidos no quadro 4, por forma a tornar mais cómodas e sistemáticas as comparações a efectuar. Das análises destes quadros podem extrair-se as seguintes conclusões:

a — Nas três jazidas, a série mais escassa corresponde ao Acheulense antigo estando mesmo ausente no Moinho das Cruzes. Na Tapada da Ajuda e no Moinho da Carrasqueira, predominam, nesta série, os raspadores simples, seguidos dos raspadores duplos.

b — O Acheulense superior sucede-se nos locais em estudos ao Acheulense antigo, observando-se deste modo lacuna do Acheulense médio. Na Tapada da Ajuda e Moinho da Carrasqueira, corresponde, a seguir ao Acheulense antigo, à série menos numerosa, mas exceptua-se o Moinho das Cruzes.

Tal como já se havia observado na série anterior, predominam globalmente os raspadores simples e duplos; porém, no Moinho da Carrasqueira os primeiros são menos frequentes do que as raspadeiras.

Os núcleos poliédricos são o grupo de artefactos imediatamente mais numero-

so, embora não estejam representados no Moinho da Carrasqueira.

Os bifaces, «unifaces» e instrumentos aparentados ocorrem em percentagens modestas, não estando representados na Tapada da Ajuda; porém, é nesta série que são mais abundantes, no conjunto das duas restantes jazidas.

A série atribuída ao Mustierense ou, talvez mais propriamente, ao Paleolítico médio, é a mais numerosa no conjunto das três jazidas, sendo apenas ultrapassada na Tapada da Ajuda pela série mais recente, atribuída ao Paleolítico superior e/ou Pós-Paleolítico.

Nas três jazidas, predominam os núcleos polilétricos; os núcleos levalloiso-mustierenses, que surgem pela primeira vez nesta série, estão em todas as

jazidas representados por percentagens modestas.

Sucedem-se os raspadores duplos, percentualmente o grupo mais abundante nas três jazidas, a seguir aos núcleos polilétricos.

Os raspadores simples estão igualmente representados nas três jazidas, porém, em percentagens que não atingem 10%. Distribuição idêntica, embora ainda mais escassa, mostram as raspadeiras.

Os grupos correspondentes às pontas, furadores e lâminas, que nas séries anteriores não se encontravam representados, exibem nesta série distribuição muito irregular com realce para os furadores no Moinho da Carrasqueira.

Os bifaces são, nesta série, vestigiais.

A última série engloba materiais atribuíveis ao Paleolítico superior (embora sem materiais típicos de quaisquer das indústrias que o caracterizam) e a tempos pós-paleolíticos. Trata-se de conjunto bem representado na Tapada da Ajuda e no Moinho da Carrasqueira, onde constitui o segundo grupo mais numerosos. No Moinho das Cruzes, pelo contrário, a percentagem desta série é inferior às das anteriores. Naquelas duas jazidas, vistas globalmente, predominam os núcleos polilétricos, sucedendo-se os raspadores simples; pelo contrário, no Moinho das Cruzes, o grupo mais abundante corresponde ao dos raspadores duplos.

As raspadeiras ocorrem nas três jazidas de forma mais insistente da que se observava na série mustierense. Idêntico fenómeno se observa nos grupos das pontas, furadores e lâminas, denotando a diversificação natural da utensiliagem que se observou no decurso do Paleolítico superior e épocas ulteriores. Inversamente, os bifaces, unifaces e instrumentos aparentados característicos do Paleolítico inferior encontram-se praticamente ausentes, culminando o declínio que já se evidenciava na série mustierense.

QUADRO IV — DISTRIBUIÇÃO DOS PRINCIPAIS GRUPOS DE ARTEFACTOS PELAS TRÊS JAZIDAS ESTUDADAS

Tapada da Ajuda

	T	B	NP	NM	SA	RA	RS	RD	P	F	L
Acheul. antigo	5,4	—	—	—	—	—	42,9	28,6	14,3	—	—
Acheul. super.	20,0	—	23,0	—	—	—	30,7	23,0	—	—	—
Mustierense	36,9	—	20,3	2,1	—	2,1	6,2	10,4	—	—	—
Paleo. sup. e/ou Pós-Paleolítico	39,0	—	43,6	—	—	5,1	20,5	—	—	—	5,1

Moinho da Carrasqueira

	T	B	NP	NM	SA	RA	RS	RD	P	F	L
Acheul. antigo	3,0	—	22,2	—	—	—	22,2	11,1	—	—	—
Acheul. super.	13,9	2,4	—	—	2,4	16,7	4,8	42,9	—	—	—
Mustierense	44,2	0,7	21,6	0,7	—	0,7	9,6	14,1	—	11,2	0,7
Paleo. sup. e/ou Pós-Paleolítico	31,0	0,8	16,9	—	—	3,4	9,3	5,9	0,8	4,2	4,2

Moinho das Cruzes

	T	B	NP	NM	SA	RA	RS	RD	P	F	L
Acheul. antigo	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Acheul. super.	25,8	1,5	9,1	—	—	1,5	19,6	32,2	—	—	—
Mustierense	65,2	0,6	17,4	3,0	—	4,8	6,6	11,4	7,2	—	1,8
Paleo. sup. e/ou Pós-Paleolítico	9,0	—	4,3	—	—	8,7	13,0	—	4,3	4,3	—

T — Percentagens totais das séries

B — Bifaces, Unifaces e peças aparentadas

NP — Núcleos polilétricos

NM — Núcleos levalloiso-mustierenses

SA — Seixos afeioados (com exclusão das calotes de seixo)

RA — Raspadeira

RS — Raspadores simples

RD — Raspadores duplos

P — Pontas

F — Furadores

L — Lâminas

O estudo das três jazidas paleolíticas da Tapada da Ajuda, Moinho da Carrasqueira e Moinho das Cruzes, situadas na Serra de Monsanto, na periferia da Cidade de Lisboa, mostrou que existe analogia entre elas na distribuição do material ao longo do tempo, sendo mínima a percentagem do material no Acheulense antigo e máxima no Mustierense. Analisando mais pormenorizadamente a evolução da utensiliagem, no interior de cada série, verificam-se, porém, semelhanças mais estreitas entre a Tapada da Ajuda e o Moinho da Carrasqueira, relativamente ao Moinho das Cruzes. Os traços globais aparentemente mais significativos dessa distribuição são os seguintes:

— predominio dos núcleos polilétricos na maioria das séries das três jazidas;

— ocorrência dos núcleos levalloiso-mustierenses nas séries homónimas onde, aparentemente, estão confinados;

— máximo dos bifaces, unifaces e artefactos aparentados na série do Acheulense superior, com declínio na série mustierense e extinção quase total na série mais recente;

— desenvolvimento dos artefactos mais especializados-raspadeiras, pontas, furadores e lâminas a partir do Mustierense, generalizando-se a sua ocorrência na série mais recente. Comparando estes resultados com os obtidos noutras jazidas paleolíticas da região de Lisboa, obtiveram-se os seguintes resultados:

1 — As séries mustierenses apresentam, globalmente, afinidades com a série mais antiga da jazida do Campo de Aviação de Amadora (ZBYSZEWSKI *et al.* 1985), onde predominam, também, os raspadores simples e duplos. A série mais recente representada nesta jazida, igualmente atribuída ao Mustierense, é demasiado pobre (apenas 10 exemplares) para se poderem extrair comparações; não ocorrem materiais acheulenses, aspecto que diferencia esta jazida das agora estudadas;

2 — Na jazida de Linda-a-Pastora (Oeiras), verifica-se a ausência do Acheulense superior, embora o Acheulense antigo e médio se encontrem bem representados (ZBYSZEWSKI *et al.* 1987). Tal atribuição é muito diferente da observada nas presentes jazidas, onde falta quase totalmente o Acheulense antigo e totalmente o Acheulense médio sendo, pelo contrário, abundantes os materiais do Acheulense superior.

3 — Comparando a distribuição por épocas nas três jazidas estudadas com a observada na jazida de Borel-Horta, junto de Amadora (ZBYSZEWSKI *et al.* 1988) verifica-se que, nesta, a maioria dos materiais pertence ao Acheulense médio, que não está representado nas jazidas agora estudadas.

4 — Procurando estabelecer comparação entre as séries definidas nas três jazidas da Serra de Monsanto com as do Casal do Monte (Loures) — considerada a jazida-tipo do Paleolítico inferior e médio dos arredores de Lisboa (BREUIL *et al.* 1942) — verifica-se a seguinte correspondência:

	Séries	
	Serra de Monsanto (séries I, II, III e IV) (e geral)	Casal do Monte
Acheulense antigo	I	I e II
Acheulense superior e Mustierense	II	IV
Mustierense	III	V
Paleolítico superior e Pós-paleolítico	IV	VI e VII

A distribuição por séries do material de Casal do Monte evidencia também acentuadas diferenças relativamente às jazidas de Monsanto, salientando-se a predominância numérica, na primeira, das peças atribuíveis ao Acheulense antigo e médio sobre todas as outras, ao contrário do que se observa em Monsanto.

Deixamos para trabalho ulterior as comparações estatísticas no respeitante à variação tipológica da utilização nas diversas séries definidas em cada uma das jazidas referidas e, ainda, naquelas cujo estudo tencionamos levar a cabo, por forma a se dispor de um maior número de elementos. Só desta forma será possível definir as características gerais, e a evolução morfológica e tipológica, enfim, o estatuto arqueológico destas ricas mas estratigraficamente estéreis jazidas dos arredores de Lisboa, que a expansão urbana em torno da capital vem irremediavelmente destruindo.

BIBLIOGRAFIA

- BORDES, F. (1981) — Vingt-cinq ans après: le complexe moustérien revisité. *Bull. Soc. Pré-historique Fr.*, T. 78, fasc. 3.
- BREUIL, H. (1918) — Impressions de voyage paléolithique à Lisbonne. *Terra Portuguesa*, Vol. 3, Lisboa.
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1942) — Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. Vol. I. *Comun. Serv. Geol. Port.* T. 23, Lisboa.
- CARDOSO, J.L. (1981) — A jazida paleolítica do Cabecinho (Freguesia de S. Domingos de Rana, Concelho de Cascais). *Bol. Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, S. III, Vol. 88, fasc. 1, Lisboa.
- (1987) — No estuário do Tejo, do Paleolítico à Idade do Ferro. In *Arqueologia no vale do Tejo. Instituto Português do Património Cultural*, Lisboa.
- CARDOSO, FONSECA (1895) — Nota sobre uma estação cheleana do Vale de Alcântara. *Revista de Ciências Naturais e Sociais*, Vol. 3, Porto.
- CORREIA, V. (1912a) O Paleolítico em Portugal. Estado actual do seu estudo. *O Arqueólogo Português*, S. I, Vol. 17, Lisboa.
- (1912b) — Facas e raspadores da estação paleolítica de Monsanto I. *O Arqueólogo Português*, S. I, Vol. 17, Lisboa.

FERREIRA, F. BANDEIRA (1953) — Estação arqueológica da Serra de Monsanto. *O Arqueólogo Português*, S. II, Vol. 2, Lisboa.

FERREIRA, F. BANDEIRA; SANTOS, A. PAIVA & FERRÃO, J. (1956) — Novos achados de material paleolítico e post-paleolítico em Monsanto. *O Arqueólogo Português*, S. II, Vol. 3, Lisboa.

FIGUEIREDO, A. MESQUITA DE (1922) — Nota sobre duas estações paleolíticas. *Revista de Guimarães*, Vol. 32, fasc. 2, Guimarães.

FONTES, J. (1912) — Sobre três «coups-de-poing» do Casal do Monte e Moinho das Cruzes. *Revista de História*, Vol. I, fasc. 4, Porto.

MOITA, I. (1951) — O Padre Eugénio J. Ithay. *O Arqueólogo Português*, S. II, Vol. 1, Lisboa.

OLLIVIER, J. (1951) — Industries anciennes du Paléolithique d'Amadora. *Arqueólogo Português*, S. II, Vol. 1, Lisboa.

PAÇO, A. DO (1932) — Carta paleolítica e epipaleolítica de Portugal. *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Vol. 1, Lisboa. Reimpressão dos Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço, Vol. 1, Lisboa.

(1960) — Revisão dos problemas do Paleolítico, Mesolítico e Asturiense. *I Congresso do Mundo Português*, Vol. I, Lisboa.

RAPOSO, L.; CARREIRA, J.R. e PENALVA, C. (1985) — A indústria mustierense de Santana (Monsanto). *I Reunião do Quaternário Ibérico*, Vol. 2, Lisboa.

TAVOSO, (1976) — L'Acheuléen dans le bassin du Tarn. IX Congresso Internacional de Ciências Pré-Históricas e Proto-históricas, Nice.

VASCONCELOS, J. LEITE DE (1922) — Descobridores de Monsanto. *O Arqueólogo Português*, S. I, Vol. 25, Lisboa.

ZBYSZEWSKI, G. (1943) — La classification du Paléolithique ancien et la chronologie du Quaternaire de Portugal en 1942. *Instituto para a Alta Cultura*, Lisboa.

ZBYSZEWSKI, G. & CARDOSO J.L. (1985) — O Paleolítico do antigo Campo de Aviação de Amadora. *Arqueologia*, 12, Porto.

(1987) — O Paleolítico da jazida de Linda-a-Pastora. *Vol. de Homenagem a O. da Veiga Ferreira*. Editorial Delta, Lisboa.

(1988) — O Paleolítico de Borel Horta (Amadora). *Arqueologia*, 18, Porto.

ZILHÃO, J. (1987) — O Solutrense da Estremadura Portuguesa. *Trabalhos de Arqueologia*, n.º 4. Departamento de Arqueologia/Serviços regionais de Arqueologia do IPPC, Lisboa.

A FREGUESIA DO SOCORRO

— II

Concluída a precedente discriminação por grupos socioprofissionais, tentemos agora um escalonamento das diversas actividades de acordo com os rendimentos efectivos ou pelo fisco tidos por provados ou prováveis; este escalonamento utiliza só os limitados elementos fornecidos pelo livro de Maneios e é feito por ordem crescente do imposto a pagar:

\$200 — 2 barbeiros, com carvão, com fruta, com linhas, com louça (6), faz fundas, latoeiro, marceneiro, pedreiro, sapateiro.

\$300 — 2 barbeiros, 2 cabeleireiros, com celeiro, 2 marceneiros, 3 sapateiros, taberneiro, tecelão.

\$400 — alcaide, 3 alfaiates, amolador, armador, 4 barbeiros, bate-folha, bordador, brunidor de holandilhas, 3 cabeleireiros, 3 carpinteiros de segas, chapeleiro, chocolateiro, 3 cirurgiões, com fitas, com taberna (5), com vinho, confeiteiro, cordoeiro, curtidor, cutileiro, dentista, 2 douradores, escrivão da Chancelaria, escultor, 8 esparteiros, 2 espingardeiros, fundidor, funileiro, hortelão, inquiridor, 8 latoeiros, livreiro, 20 marceneiros, peneiro, 2 pintores, 15 procuradores, relojoeiro, ribeirinho, salteiro, 30 sapateiros, 7 serralheiros (e 1 «com loge de serralhr.»), 2 sombreireiros, 2 surradores, 5 taberneiros, 3 tendeiros (e 3 tendearas), 2 tintureiros, 5 torneiros, vidraceiro.

\$600 — advogado, 2 alfaiates, bordador, 2 boticários, cirurgião, com bebidas (3), com cavalos, «com fabrica de paõ», com lenha, com segas abertas,

com sola, cutileiro, escrivão do Cível, escrivão da Moeda, escrivão da Ouvidoria da Alfândega, esparteiro, espingardeiro, fabricante de sedas, ferreiro, hortelão, 2 latoeiros, marceneiro, pintor, procurador, 2 relojoeiros, 19 sapateiros, 2 serralheiros, surrador, tabelião, 2 taberneiros, 7 tendeiros.

\$800 — 2 advogados, bainheiro, cearieiro, com açogue, com bilhar, «com fabrica de paõ», contratador de sola, correeiro, escrivão das Capelas da Coroa, escrivão dos Contrabandos, escrivão dos Defuntos e Ausentes, 3 esparteiros, 2 marceneiros, 2 padeiros, 10 sapateiros, 2 serralheiros, 2 taberneiros, tanoeiro, 13 tendeiros.

1\$000 — sapateiro.

1\$200 — 2 advogados, boticário, carpinteiro de segas, cirurgião, «com fabrica de paõ», com segas de aluguer (2), com vinhos (2), contador, esparteiro, ferrador, latoeiro, mestre de obras, pasteleiro, relojoeiro, 2 sapateiros, tabelião, 2 tendeiros.

1\$500 — «com fabrica de paõ».

1\$600 — com estalagem (2), com segas, com sola, com vinhos.

2\$000 — com vinhos.

3\$200 — com bebidas.

4\$800 — com segas de aluguer.

8\$000 — chanceler.

A décima incidente sobre os empréstimos a juros tinha modesto valor para o fisco (2 737\$454 se cobravam sobre prédios, 212\$813 sobre os juros, 165\$800 produziam os maneios) e o li-

A legenda desta gravura, publicada no *Arquivo Pitoresco* em 1862, menciona a inscrição comemorativa da construção da Cerca Fernandina e esquece o Passo da Mouraria. A inscrição esteve primeiro colocada algures na Porta da Mouraria e quando, em 1674, esta foi transformada no arco que chegou a este século, passou para o muro ao lado do Passo. Foi daí tirada quando o muro foi demolido, em 1901, para o rasgamento das Escadinhas da Saúde, sendo depois colocado onde hoje se encontra. O Passo, construído por volta de 1702, substituiu o nicho datado de cerca de 1622. Arruinado pelo Terramoto, foi reconstruído em 1780 e demolido no início do nosso século.

vro em que era registada também é muito escassamente interessante para este nosso estudo.

Os empréstimos eram feitos normalmente ao juro de 5% (nem sempre, pois a 4% estavam os 3200\$000 devidos pelas religiosas da Esperança e os 3172\$000 que «O Reitor e mais P.^o do Colegio devem ao Reitor e mais P.^o do Colegio da Snr.^a do Populo de Braga») e sobre o juro cobrado é que incidiam 10% da décima (por exemplo, de um empréstimo de 600\$000 a 5% vinham à décima 3\$000). Os credores e, conseqüentemente, o fisco eram frequentemente defraudados, pois está longe de ser rara a menção de devedores ausentes ou mortos sem bens. Não há devedores ou credores com alguma notoriedade ou, ao menos, que se tornem notáveis pelo volume dos seus débitos ou créditos.

O livro de Arruamentos e, subsidiariamente, de Prédios, que indicações po-



dem facultar-nos? O número de prédios por arruamento, o valor das rendas, a determinação dos prédios de maior rendimento, o apuramento dos maiores proprietários da freguesia, o relacionamento dos prédios foreiros (e da importância dos foros e das entidades a que eram pagos), a identificação de alguma personalidade de destaque residente na freguesia.

A menção do número de prédios por arruamentos constará de um como que apêndice a este trabalho. Nele e sob o subtítulo de *O Socorro rua a rua* se enfeixarão, a respeito de cada uma das vias mencionadas na documentação, os dados que a mesma faculta e, eventualmente, outros mais.

Sobre que valores incidia a contribuição predial de 9%? Qual o montante das rendas pagas pelos inquilinos ou, no caso de instalações ocupadas pelos respectivos proprietários, que valor lhes era atribuído?

As rendas de 372 lojas tinham valores muito diversos, entre 1\$600 e 115\$200, sendo mais frequentes as de 6\$000 (36), 19\$200 (22) e 24\$000 (21) e situando-se o valor médio da renda anual em cerca de 15\$500.

As rendas dos andares atingiam valores um pouco mais elevados. Assim, os 821 andares arrendados oscilavam entre 1\$920 e 105\$600, sendo as rendas mais frequentes de 12\$000 (66), 24\$000 (63) e 16\$000 (57) e andando a média das rendas pelos 18\$100.

Há ainda a considerar outras instalações. Assim, um armário (em prédio da Irmandade da Senhora da Saúde na Rua Direita da Mouraria) estava arrendado por 8\$000, 1 «soto» por 3\$200, 2 barracas por 12\$000 e 40\$500, 3 casas nobres por 100\$000, 200\$000 e 240\$000, 3 hortas por 37\$600, 100\$000 e 121\$500, 4 sobrelojas por 8\$000, 12\$000, 19\$200 e 28\$000. As 44 águas-furtadas iam de 2\$000 a 28\$800, com uma maior frequência nas rendas de 14\$400 (7) e a média pouco excedendo os 12\$100. Inquilinos (ou proprietários) ocupando integralmente propriedades eram 56, variando os valores atribuídos às mesmas entre 4\$000 e 240\$000, sem que nenhum valor tenha frequência que possa considerar-se relevante e situando-se a média à volta de 52\$800.

Os rendimentos mais elevados eram, por prédios: 585\$600, 547\$200, 480\$000, 408\$200 e 396\$000. Obtinham-nos, respectivamente, os proprietários seguintes: o desembargador Antó-

nio Ribeiro, de uma sua propriedade na Rua Nova da Palma; o marquês de Penalva, de propriedade na Rua Direita da Mouraria; Leonardo José dos Santos, de prédio na Rua dos Cavaleiros; os herdeiros do desembargador Porciles de prédio no Beco do Barbaleda; de novo Leonardo José dos Santos, de outro prédio na Rua dos Cavaleiros.

Dos proprietários mencionados, só os herdeiros do desembargador António Bernardo Xavier Porciles enfileiram entre os mais grados da freguesia, situando-se em segundo lugar com um rendimento de 1 192\$200 obtido com 6 prédios (2 no Beco do Barbaleda, 2 na Rua de S. Lázaro, 2 no Pátio do Porciles). O primeiro lugar era ocupado por Jorge Luís Teixeira, que recebia 1 771\$200 de 9 prédios (1 na Rua do Passo do Benfornoso, 6 na Rua do Arco do Graça, 1 na Rua detrás do convento de S. Domingos e outro na Rua Nova da Palma). Com rendimentos superiores a 500\$000 e ocupando os terceiro a quinto lugares, encontramos João Rodrigues Caldas, com 697\$200 e 7 prédios (1 na Rua do Colégio, 6 na Calçada do Jogo da Pêla), Cristóvão de Sousa e Silva, com 562\$600 e 5 prédios (2 na Rua Direita da Mouraria, os restantes na Rua do Passo do Benfornoso, no Beco do Barbaleda, na Carreirinha do Socorro) e D. João de Almeida com 516\$900 e 5 prédios (na Carreirinha do Socorro, 3 na Rua de S. Vicente, na Rua das Atafonas).

Além dos proprietários particulares, outros havia na paróquia. Tratava-se, normalmente mas nem sempre, de entidades religiosas. De acordo com critérios que não são evidentes ou circunstâncias que não são expressas, as suas propriedades eram em alguns casos isentas de contribuição (não lhes sendo, portanto, indicado o rendimento) e em outras vezes não o eram.

Enumeremos esses proprietários, por ordem decrescente do número das suas propriedades: Misericórdia, com 5 propriedades isentas (2 na Rua de João do Outeiro, as restantes nas ruas Direita da Mouraria, das Atafonas e do Passo do Benfornoso), Irmandade do Santíssimo Sacramento da freguesia, com 5 propriedades isentas (2 na Rua Direita da Mouraria, 2 na Rua dos Cavaleiros, 1 na Rua do Capelão), Padres de S. Domingos, possuidores das 3 únicas propriedades do lado direito da «Rua detraz do Conv.^o de S. Dom.^o» (isentas), «P.^o Reitor do Coleginho», com 3 propriedades, tribu-

tadas, no Largo do Coleginho; Serenissi-

ma Casa do Infantado, com 3 propriedades isentas, 2 na Rua das Parreiras, outra na Rua Nova da Palma; Padres do Carmo, com 2 propriedades isentas, uma na Rua dos Cavaleiros, outra na Rua de João de Outeiro; Irmandade do Santíssimo Sacramento da Madalena, com 2 propriedades isentas, na Rua dos Cavaleiros e na Rua do Capelão; Irmandade da Senhora da Saúde, com propriedade, tributada, a 5.ª no lado esquerdo da Rua Direita da Mouraria, constituída por 1 loja, 3 quartos e «O Armario»; Irmandade da Vera Cruz de Santo André, com propriedade, tributada, na Rua dos Cavaleiros; Irmandade da Senhora da Pérsia, com propriedade tributada na Rua das Tendias; Irmandade da Senhora da Vitória, com propriedade, tributada, no Beco da Amendoeira; Recolhimento de Rilhafoles, com propriedade, tributada, na Rua de João do Outeiro; Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade, com propriedade, tributada, na Rua das Parreiras; Executoria Geral dos Contos, com propriedade, tributada, na Rua Suja; Hospital de S. José, com a única propriedade da Calçada do Colégio, isenta; Universidade de Coimbra, com propriedade isenta na Rua do Colégio; Irmandade dos Passos da Graça (no lado direito da Rua Direita da Mouraria, isenta, situada entre as 2.ª e 3.ª propriedades, «Huma loge ao Paço da Mouraria q he da Irm.ª dos Paços da Graça»; Meninos Órfãos, com propriedade isenta e demolida na Rua Direita da Mouraria.

Registemos casos que não são frequentes e que se assemelham à situação da propriedade horizontal: o 16.º prédio do lado esquerdo da Rua do Passo do Benfornoso pertence a Joaquim Flávio mas do 3.º andar «he Senr.ª Fran. Luis de Freitas» (a décima é calculada separadamente); à margem do lançamento respeitante a prédio de Catarina do Espírito Santo na Rua de João do Outeiro anota-se que «A loge e 1.º andar he do P.ª Elias Cust.ª Coimbra» (e o cálculo da décima é também feito em separado); na mesma rua se situava prédio de Helena da Cruz cujo 3.º andar se considerava «incluído na Prop.ª seguinte» que era, toda ela, ocupada por outro proprietário.

O rendimento de algumas destas propriedades era onerado com foros. Os 9% da décima eram calculados sobre o rendimento já com o foro deduzido; a importância recebida pelo foreiro podia também pagar 10% ao fisco.

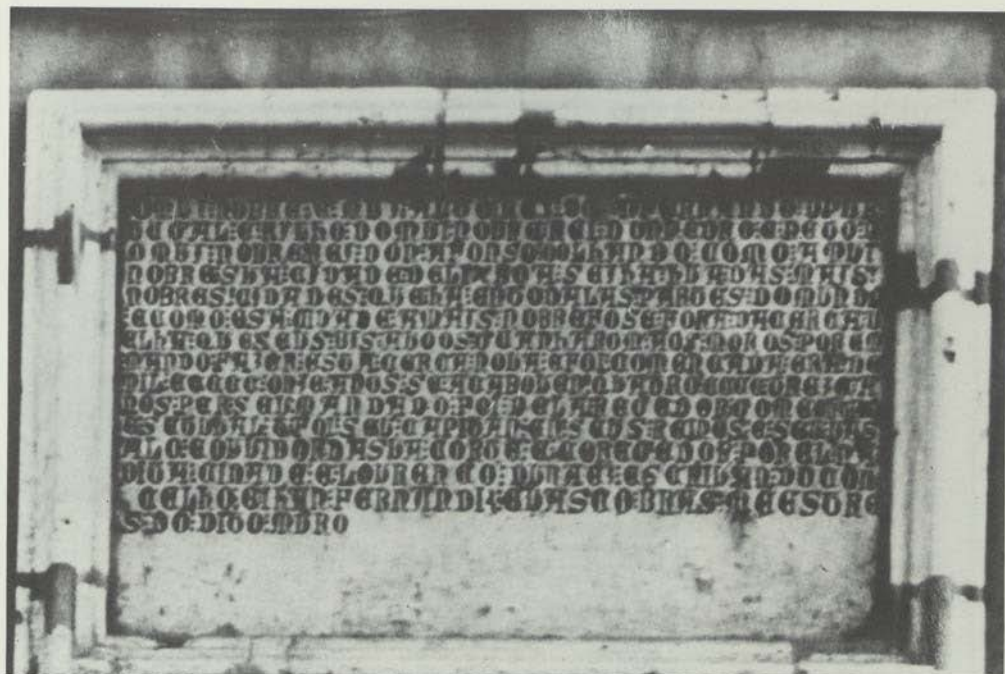
Será interessante vermos qual a importância destes foros, quais as entida-

des foreiras e quanto elas por essa via podiam arrecadar.

Encontramos 63 propriedades sujeitas a foro. Uma delas, situada no lado direito da Rua Direita da Mouraria, pagava foro a duas entidades, o Hospital dos Palmeiros e o conde de S. Tiago. As importâncias pagas iam de \$200 a 80\$000, situando-se em 6\$400 o seu valor médio.

Algumas destas imposições eram de natureza especial. Assim, duas verbas de 20\$000 respeitavam ao património dos eclesiásticos proprietários dos prédios (um deles era ainda foreiro em \$300 a pagar ao conde da Vidigueira); outra verba, mais elevada (57\$600), era também adstrita a património e onerava rendimento sujeito ainda a pagamento de \$200 aos Padres Vicentes; consideremos ainda uma propriedade na Rua do Capelão que era «For.ª p.ª Missas» em 13\$200.

Enumeremos agora os outros casos, por ordem decrescente da importância a receber: D. José de Noronha, com um foro de 80\$000 (incidente sobre o prédio n.º 8 do lado direito da Rua Direita da Mouraria, cujo rendimento era de 126\$000), está, de longe, à cabeça da lista; segue-se-lhe D. Inês Maria de Noronha, com 43\$200 e os Padres do Espírito Santo e de S. Domingos com as verbas ainda ponderáveis de 30\$000 e 24\$000; D. João de Almeida, que era proprietário de 3 prédios na Rua de S. Vicente, de foros sobre outros 3 no mesmo arruamento arrecadava 19\$400; os Padres Vicentes, de foros de prédios nas Ruas dos Canos, Nova da Palma e Direita da Mouraria, recebiam 16\$620; de foros de propriedades na Rua Direita da Mouraria auferia o Hospital 14\$873; 12\$000 recebiam os Padres do Carmo, 11\$000 a Irmandade do Santíssimo Sacramento de S. José, 10\$616 o conde da Vidigueira, 5\$200 o mosteiro de Santos (de 5 propriedades no lado esquerdo da Rua do Passo do Benfornoso), 5\$000 a Irmandade das Chagas de S. Francisco, 4\$120 o conde de S. Tiago, 4\$000 a Universidade de Coimbra, 3\$500 Santo Estêvão de Alfama, 3\$300 os Padres da Graça, 3\$200 a Basílica Patriarcal, 3\$000 o P.ª Manuel de Sousa Arruda, 2\$880 o marquês de Valença, 2\$400 o Hospital dos Palmeiros, 2\$360 os Padres Bernardos, 2\$300 o monteiro-mor, 2\$000 Rodrigo Ximenes, 1\$700 a Senhora do Paraíso, 1\$650 Santa Cruz do Castelo, 1\$200 D. Rodrigo de Azevedo e Melo e igual importância Francisco Xavier;



O MUJ | NOBRE | E | MUJ | ALTO | REJ | DON | FERNANDO | D'PUR
 TUGAL | E | FILHO | DO MUI | NOBRE | REI | DON PEDRO | E | NETO | D
 O MUJ | NOBRE | REI | DON | AFONSO | O OLHANDO | COMO | A MUJ
 NOBRE | SUA | CJDAD | DE LIXBOA | SEJA | HUA | DAS | MAJS
 NOBRES | CJDADES | QUE | HA | ENTODALAS | PARTES | DO MUNDO
 | E COMO | ESA | CJDAD | A MAJS | NOBRE | FOSE | FORA | DA CERCA | U
 ELHA | QUE SEUS | BJS | AUVOS | GUANHAROM | AOS | MOROS | POREM
 | MANDO | FAZER | ESTA | CERCA | NOUA | E FOI | COMENCADA | ERA | DE
 MIL | E CCCC | ONZE | ANOS | DE | ACABOU EN | QUATRO | CCCC | TREZE | A
 NOS | PER | SEU | MANDADO | FOI | DELA | REGEDOR | GOMEZ | MIZ | D
 E | SETUUAL | O | FOI | SEU | CAPITAN | EN | SEUS | REINOS | E | SEU | UAS
 ALO | E OUUIDOR | NA SUA | CORTE | E | COREGEDOR | POR EL | NA |
 DITA | CIDADE | E | LOURENCO | DURAEZ | ESCRUIAN | DO CON
 CELHO | E | IHAN | FERNANDEZ | E VASCO | BRAS | MEESTRE
 S | DO | DITO | MURO



A Ermita da Senhora da Saúde antes de ser demolido o quarteirão que, à sua direita, esquinava para a Rua de Martim Moniz.

1\$160 Manuel de Rego Quintanilha, 1\$000 a Misericórdia, \$450 o convento do Salvador.

Terminemos este árido enfeixar de dados com a busca de alguma personalidade mais destacada.

De entre os socialmente mais grados habitantes da freguesia lá se consegue apurar José António da Silva Freire, morador no primeiro prédio do lado direito da Rua Nova da Palma, o qual foi bacharel em Cânones, desembargador, juiz e promotor do Tribunal da Nunciatura Apostólica, advogado da Casa da Suplicação, e que escreveu várias prosas políticas de carácter polémico, anti-francesas.

É, na realidade, pouco. Mas chamamos a atenção um «P.º J.º Agost.º», pagando 31\$200 pelo 5.º andar de prédio na Rua Nova da Palma (o 4.º do lado esquerdo, vindo de S. Domingos), propriedade de Jacinto José de Moura.

Procurando em outros anos, os dados não acrescentarão grande coisa: em 1793 ainda ali não mora; o 5.º andar é designado como 4.º em 1795 e como água-furtada em 1794; em 1805 a renda passa a 36\$000 e em 1806 a 45\$600; talvez por isso em 1807 já aqui o não encontramos.

Mas confrontemos estes elementos com os fornecidos pelos biógrafos do P.º

José Agostinho de Macedo: secularizou-se em 1794; uma denúncia de 1804 Maio 10 dá-o como morador na Rua da Palma⁽¹⁹⁾; em 1806 ou 1807 vive no Forno do Tijolo.

Temos, portanto, que no Socorro e na Rua Nova da Palma foi a primeira morada do irrequieto ex-frade. E a Décima dos Anjos, em relação a 1807, ano em que já não nos aparece no Socorro, lá no-lo indica ocupando os dois últimos andares (pelos quais pagava 48\$000) de prédio pertencente a Manuel Fernandes Pires e situado na Calçada do Forno do Tijolo.

E com a não pequena nobilitação para o Socorro que é a de ter abrigado um dos mais pujantes cultores da Língua Portuguesa, um polemista talvez excessivo mas, sem dúvida, admirável, como o foi José Agostinho de Macedo, passemos à parte final deste trabalho.

O SOCORRO RUA A RUA

Amendoeira (Beco da)

Começando e terminando na Rua da Amendoeira, era constituído por 6 propriedades (1 das quais demolida).

Outro arruamento com a mesma denominação, com 1 e 2 propriedades nos lados indicados como direito e esquerdo, é mencionado após o Beco dos Três Engenheiros e antes do Beco do Jasmim.

Amendoeira (Rua da)

No lado indicado como direito e depois de 5 propriedades (2 das quais demolidas) abria-se o Beco da Amendoeira; seguiam-se 7 prédios. O lado esquerdo era constituído por 16 propriedades (3 das quais demolidas).

Arco da Graça (Rua do)

Gomes de Brito informa que este arruamento era, antes de 1657, chamado Rua Direita do Colégio e, em 1756, Rua do Colégio. Recorda também que o Roteiro dos 17 Distritos do Correio, de 1801, o indicava como Rua do Arco da Graça ou dos Livreiros e opina que esta denominação fosse devida a que «a vizinhança do Colégio dos Jesuítas, verdadeira Universidade em Lisboa», tivesse ali feito estabelecer os livreiros.

Pastor de Macedo lembra as mesmas denominações mas avança que elas se aplicaríam a zonas diversas do arruamento: «o nome oficial da serventia era rua Direita do Colégio ou simplesmente rua do Colégio, embora um autor pelo menos, tivesse apontado ao mesmo tempo a rua do Colégio e a dos Livreiros, o que quer dizer que parte da rua se denominaria duma maneira e parte doutra (...)». O mesmo Autor lembra que algum tempo depois do terramoto a serventia passou a ser chamada Rua do Arco da Graça, embora continuasse a ser conhecida também por Rua dos Livreiros.

O livro de Arruamentos regista as denominações de Rua do Colégio (7 propriedades do lado direito e 4 do esquerdo) e de Rua do Arco da Graça (7 pro-

priedades do lado direito e 12 do lado esquerdo).

Dado que a Rua do Colégio é indicada após a Calçada do mesmo nome e antes da Rua do Arco da Graça e esta precede a «Rua detraz do Convento de S. Domingos», parece que a primeira e mais antiga denominação era aplicada ao troço mais setentrional do arruamento, sendo a de Rua do Arco da Graça reservada à parte mais meridional.

Atafonas (Ruas das)

Refere-se-lhe Júlio de Castilho como «vetusta rua das Atafonas, que liga o antigo largo do Jogo da pela com o largo da igreja paroquial do Socorro» e Pastor de Macedo lembra: «Esta rua das Atafonas (...) foi também denominada rua de Baixo e rua do Socorro de Baixo».

São indicadas 12 propriedades no seu lado esquerdo e, no direito, uma horta e uma propriedade da Misericórdia.

Desapareceu com as demolições que originaram a zona de Martim Moniz.

Baixo (Rua de) — V. Atafonas (Rua das)

Barbaleda (Beco do)

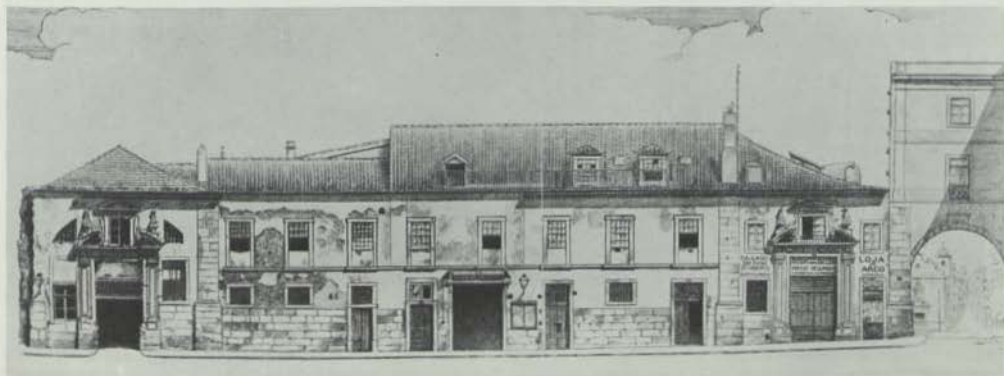
Abria-se no lado direito da Rua da Carreirinha do Socorro e era constituído por 8 (ou 10?) propriedades. Denomina-se hoje Beco da Barbaleda.

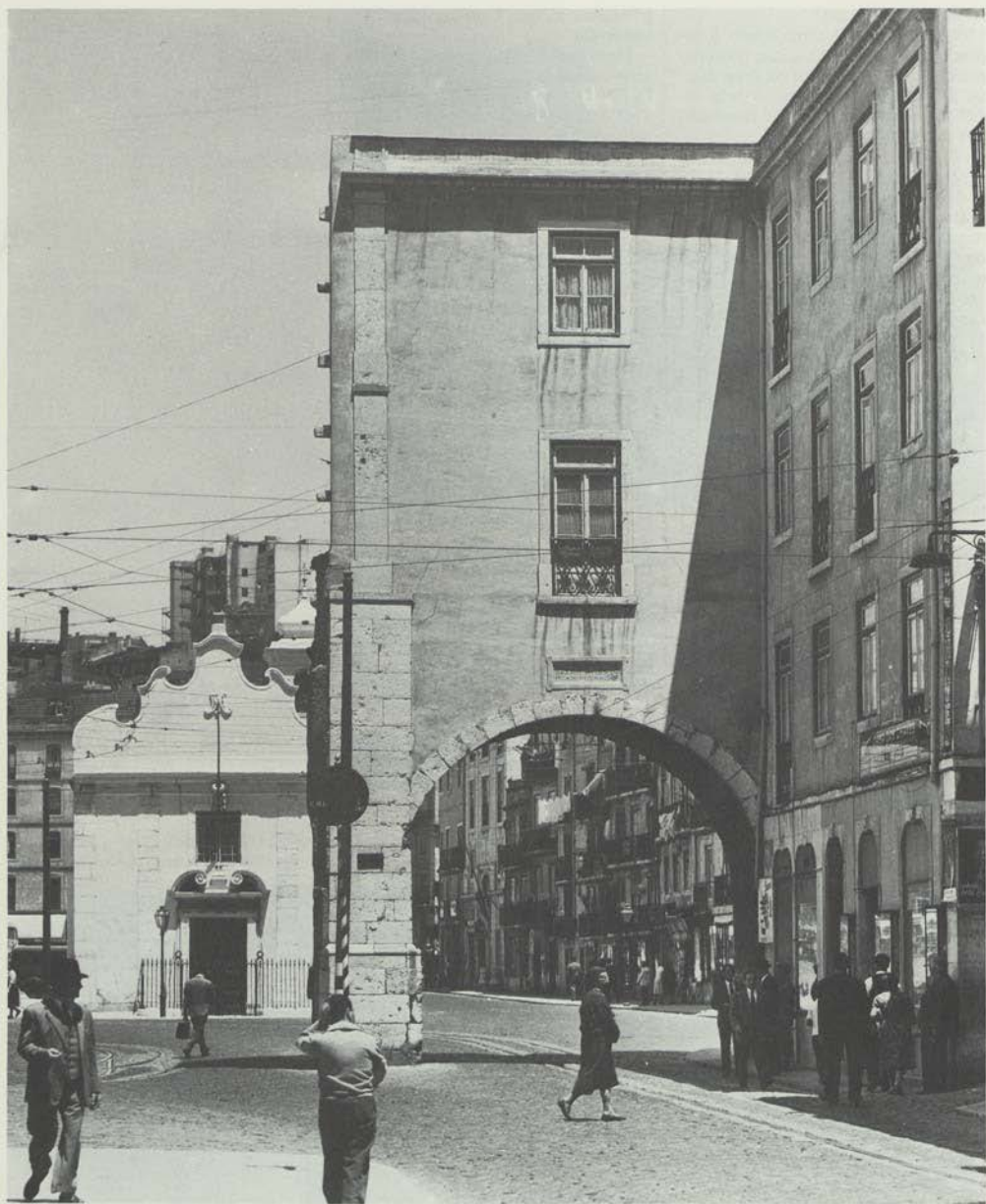
Barros Queirós (Rua de) — V. S. Domingos (Rua detráz do Convento de)

Benfornoso (Rua do Passo do)

Diz Pastor de Macedo que até meados do séc. XIX a parte superior deste arruamento estava incluída na denominação de R. Direita dos Anjos.

Palácio do Marquês de Alegrete — Fachada Sul, segundo desenho à pena de José Afonso Nogueira.





A Ermida da Senhora da Saúde, já isolada, defrontando o Arco do Marquês de Alegrete, privado também já do edifício a que devera esta designação. Através do Arco vê-se o edifício dos Meninos Órfãos.

No livro de Arruamentos registam-se 19 prédios no lado direito e 17 no esquerdo.

Cancela (Beco da)

Abria-se no lado esquerdo da Rua do Capelão, entre os 5.º e 12.º prédios desta, constituindo-o os 6.º a 11.º.

Canos (Rua dos)

Chamou-se mais tarde Rua Silva e Albuquerque. Diz Pastor de Macedo (*Lisboa de lés-a-lés*, II, 241) que José Maria da Silva e Albuquerque, um «dos grandes propagandistas do princípio associativo» e «também laborioso jornalista», «Tem o seu nome perpetuado no antigo largo e nas antigas rua e travessa dos Canos».

Era constituída por 11 e 14 propriedades, respectivamente, nos seus lados indicados como direito e esquerdo.

Desapareceu em virtude das demolições que abriram a zona de Martim Moniz.

Capelão (Rua do)

Júlio de Castilho chama à «turbulenta rua do Capelão» «a antiga *rua Suja* (v.), de torpe memória».

«É a primeira à direita, entrando na rua da Mouraria, vindo do arco do marquês de Alegrete e termina no princípio da rua da Guia», ensina o *Itinerário Lisbonense*, de 1818 e recorda Gomes de Brito.

No seu lado direito são indicadas 6 propriedades, sendo o esquerdo constituído por 19 (as 6.ª a 11.ª formavam o Beco da Cancela).

Carreirinha do Socorro (Rua da)

Para ela dava a frontaria da igreja paroquial. Era «uma rua rasgada entre hortas, que atravessava o vale entre a Rua de S. Lázaro e a Rua da Mouraria (...) a parte conservada é a Rua Fernandes da Fonseca» (Vieira da Silva, *As Freguesias de Lisboa*, pág. 58). A denominação actual resulta de edital de 1888 Julho 20.

O livro de Arruamentos indica-lhe, no lado direito, 2 propriedades, a que se acrescem as 8 que constituíam o lado direito do Beco do Barbaleda. São ainda indicadas duas propriedades no lado esquerdo (da Rua da Carreirinha ou do Beco do Barbaleda?).

Cavaleiros (Rua dos)

No seu lado direito são indicadas 15 propriedades e 28 no esquerdo (as 5.ª, 6.ª, e 7.ª das quais formavam o Pátio do Forno).

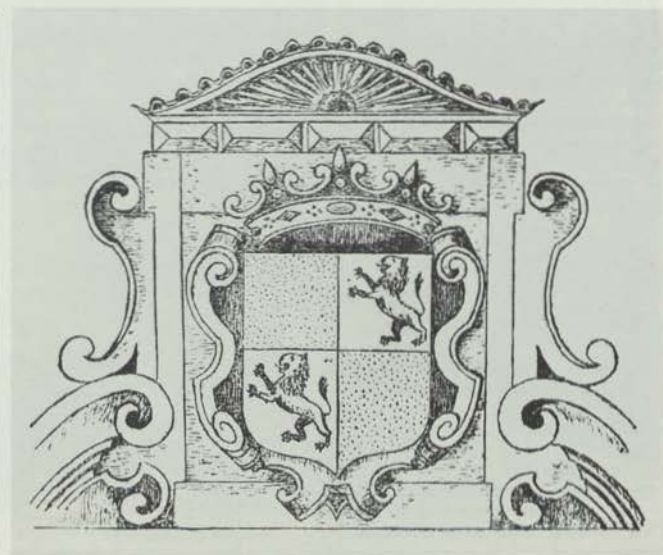


Fotografia do Arco do Marquês de Alegrete posterior à demolição do Palácio.

Arco e Palácio do Marquês de Alegrete. Fotografia do princípio do século.



Palácio do Marquês de Alegrete — Fachada leste, segundo desenho à pena de José Afonso Nogueira. Rematando o grande portal armoriado vê-se a Pedra de Armas da família Teles da Silva.



Brasão da Família Teles da Silva, outrora colocado sobre a porta da fachada Leste do Palácio do Marquês de Alegrete, conforme desenho publicado in *Pedras de Armas que ainda existem na algumas Casas de Lisboa e seus Arredores*, José de Mello (Sabugosa), apêndice da Revista Municipal, 1945 – 1946.

O que restava da torre que Vieira da Silva, quando publicou *A Cerca Fernandina de Lisboa*, chamou Torre do Jogo da Péla. Situa-se na Calçada do Jogo da Péla, no lado esquerdo, subindo.





A Torre do Jogo da Péla em 1988
(lado Nascente)

Cima (Rua de)

No seu lado direito estão indicadas 6 propriedades. Estarão nela indicados alguns prédios que pertenceriam à Calçada do Colégio (V.).

O seu espaço está integrado na zona de Martim Moniz em virtude das demolições efectuadas.

Coleginho (Largo do)

São indicadas 5 e 3 propriedades nos seus lados direito e esquerdo, respectivamente.

Colégio (Calçada do)

Diz Castilho (*Lisboa Antiga — Bairro Alto*, V, 25) que o colégio de Santo Antão «deixou nome à actual calçada do Colégio, que é a primeira à esquerda no largo do Socorro, indo da rua do Socorro de Cima, e finda na rua do Arco da Graça».

Deste arruamento consta que, no seu lado direito, era o «Hospital Real de S. Jozé» e que «Ditta rua ld.º esqrd.º vai descripta na rua de cima».

Denomina-se hoje Rua José António Serrano.

Colégio (Rua do) — V. Arco da Graça (Rua do)

Direita do Colégio (Rua) — V. Arco da Graça (Rua do)

Direita da Mouraria (Rua) — V. Mouraria (Rua Direita da)

D. Duarte (Rua de) — V. S. Domingos (Rua detrás do Convento de)

Fernandes da Fonseca (Rua) — V. Carreirinha do Socorro (Rua da)

Forno (Pátio do)

Abria-se na Rua dos Cavaleiros, sendo formado pelas 5.ª a 7.ª propriedades do lado esquerdo do arruamento.

Guia (Rua da) — V. Suja (Rua).

Jasmim (Beco do) — Era constituído por 6 propriedades em cada um dos seus lados.

João do Outeiro (Rua de)

«É a primeira à direita na rua do Capelão, vindo da Mouraria e termina no Coleginho, ensina o *Itinerário Lisbonense*, de 1818» (e nestes termos o lembra Gomes de Brito).

Tinha 17 propriedades no seu lado direito e 16 no esquerdo.

Jogo da Pela (Calçada do)

Gomes de Brito transcreve do *Itinerário Lisbonense*: «É a segunda à direita,

subindo pela rua do Arco da Graça e termina na rua Nova da Palma».

A indicação do número de propriedades nos livros de registo tem uma peculiaridade: são indicados 3 e 5 prédios nos lados direito e esquerdo, respectivamente, e, depois, mais 3 e 6.

As demolições efectuadas dela não deixaram muito mais que vestígio.

Jogo da Pela (Largo do) — V. Atafonas (Rua das)

José António Serrano (Rua) — V. Colégio (Calçada do)

Livreiros (Rua dos) — V. Arco da Graça (Rua do)

Marquês de Alegrete (Arco do) — V. Mouraria (Rua Direita da).

Marquês de Ponte de Lima (Rua do) — V. Tendas (Rua das).

A Torre do Jogo da Pela em 1988 (lados Nascente e Norte)





Na Rua do Arco da Graça abria-se uma das portas da Cerca Fernandina, o Postigo do Arco da Graça. Neste foi aberto um nicho, retirado em 1835, quando da demolição do Arco.

Admite Vieira da Silva ser o que estava «encravado, à altura do 1.º andar, na fachada do prédio, n.ºs 4 a 8 da Calçada do Jogo da Péla, por cima da janela entre as portas n.ºs 6 e 8. Hoje já não existe qualquer prédio na calçada.

Martim Moniz (Rua de) — V. S. Vicente (Rua de).

Mouraria (Rua Direita da)

Localiza-a Júlio de Castilho (*Ribeira de Lisboa*, I, 221): «Mouraria (título que ainda hoje se conserva na rua que segue desde o arco do Marquês de Alegrete, antiga porta de S. Vicente, até à rua dos Cavaleiros)».

Tinha 28 propriedades no lado direito e 23 no esquerdo.

Palma (Rua Nova da)

«É a primeira à esquerda na travessa de S. Domingos, vindo do Rocio e termina na rua de S. Vicente à Mouraria ensina o *Itinerário Lisbonense*, de 1818» (Gomes de Brito).

Foi posteriormente prolongada por um troço mais largo e com ele englobada na denominação de Rua da Palma «pelo edital do Governador Civil de 1 de Set.» de 1859 e da Câmara de 8 de Junho de 1899».

Tinha 12 propriedades no lado direito e 7 no esquerdo.

Palma (Travessa da) — V. Parreiras (Rua das).

Parreiras (Rua das)

Ligava as ruas do Arco da Graça e Nova da Palma. Ostenta o seu nome actual (Travessa da Palma) em consequência de edital de 1859 Setembro 1.

Era formada por 4 propriedades no lado direito e 7 no esquerdo.

Passo do Benfornoso (Rua do) — V. Benfornoso (Rua do Passo do).

Porciles (Pátio do)

Abria-se no lado direito da Rua de S. Lázaro, constituindo os 3.º a 6.º prédios desta.

Júlio de Castilho (*Lisboa Antiga — O Bairro Alto*, III, 13) identifica o palácio dos Porciles como «o actual palácio que pertenceu ao Barão de Folgosa» e diz que a «entrada era por um portão defronte da igreja paroquial do Socorro, antes da abertura do 2.º lanço da rua Nova da Palma». Anota Matos Sequeira que o palácio foi comprado pela Câmara em 1932 e que depois nele se instalaram vários serviços camarários.

S. Domingos (Rua detrás do Convento de)

Era constituída, no seu lado esquerdo, por 6 propriedades e, no direito, por 3 propriedades dos padres de S. Domingos.

Englobava o que depois se chamou Travessa de S. Domingos e hoje se denomina Rua de Barros Queirós e a actual Rua de D. Duarte.

S. Lázaro (Rua de)

A parte do arruamento que pertencia a esta freguesia era constituída por 5 propriedades no lado esquerdo e por 6 no direito (formando as 3.ª a 6.ª o pátio do Porciles).

S. Vicente (Porta de) — V. Mouraria (Rua Direita da)

S. Vicente (Rua de)

Também chamada Rua de S. Vicente à Guia, ligava o pequeno adro desta ermida ao da Senhora da Saúde, na Rua da Mouraria.

Informa Pastor de Macedo (*História de uma horta no arrabalde dos mouros*, pág. 19) que foi «depois Rua Martim Moniz».

Estão indicadas propriedades (9) unicamente no lado indicado como direito. Desaparecida em virtude das demolições que estiveram na origem da zona de Martim Moniz.

Silva e Albuquerque (Largo, rua e travessa de) — V. Canos (Rua dos)

Socorro (Carreirinha do) — V. Carreirinha do Socorro (Rua da)

Socorro (Largo do) — V. Atafonas (Rua das)

Socorro de Baixo (Rua do) — V. Atafonas (Rua das)

Suja (Rua)

Não deve ser confundida com a do Capelão (V.) e é a actual Rua da Guia. Os dois arruamentos aparecem indicados distintamente quer nos registos da Décima quer na planta do Socorro devida a Monteiro de Carvalho (como, aliás, na descrição da paróquia integrada nos textos descritivos das diversas freguesias em 1755, descrição essa que acompanha a coleção de plantas).

Tinha 14 propriedades no lado direito e 8 no esquerdo.

Tendas (Rua das)

Aproximadamente a localiza Castilho (*Lisboa Antiga — O Bairro Alto*, I, 74) quando diz que a primeira residência fixa dos jesuitas «foi a que se chama ainda o *Coleginho*, por trás da Mouraria, junto à Rua das Tendas». É a actual Rua do Marquês de Ponte de Lima.

Era constituída por 3 propriedades no lado direito e 7 no esquerdo.

1800	
Arruamento da Rúa da Guia	
Rua de S. Vicente	
1. Propriedade de S. Vicente	24000
2. Propriedade de S. Vicente	10000
3. Propriedade de S. Vicente	18000
4. Propriedade de S. Vicente	18000
5. Propriedade de S. Vicente	18000
6. Propriedade de S. Vicente	18000
7. Propriedade de S. Vicente	18000
8. Propriedade de S. Vicente	18000
9. Propriedade de S. Vicente	18000
Total	114000

4.	Quinta de Santa Joana	
	Quinta de Santa Joana em Santa Joana	38 \$000
	Quinta de Santa Joana em Santa Joana	38 \$000
	Quinta de Santa Joana em Santa Joana	48 \$000
	Quinta de Santa Joana em Santa Joana	38 \$000
	Quinta de Santa Joana em Santa Joana	31 \$200
	Quinta de Santa Joana em Santa Joana	18 \$000
	Quinta de Santa Joana em Santa Joana	214 \$000
		272
5.	Quinta de Santa Joana em Santa Joana	

Três Engenhos (Beco dos)

Era constituído, no seu lado direito, por 4 propriedades; «Ditta rua lado esqrda não tem propr. alguma».

NOTAS

(¹) Alzira Teixeira Leite Moreira, *A importância da «Décima da Cidade de Lisboa e seu Termo para a Odisipografia*, in «Revista da Biblioteca Nacional», n.º 1 (1982).

(²) Cfr. Augusto Vieira da Silva, *As freguesias de Lisboa*, Lisboa, 1943, pp. 15, 16 e 58.

(³) Francisco Santana, *Lisboa na 2.ª metade do séc. XVIII (Plantas e descrições das suas freguesias)*, pág. 8.

(⁴) «Esta divisão é a que fundamentalmente ainda está em vigor», diz Vieira da Silva, ob. cit., pág. 20.

(⁵) *A freguesia de Nossa Senhora das Mercês de Lisboa no tempo de Pombal*, sep. da «Revista Municipal», n.º 120-121 (1969).

(⁶) *Problemas de História da Indústria Portuguesa no Século XVIII*, Lisboa, 1963, pp. 90 e ss.

(⁷) Jorge Borges de Macedo, ob. cit., pág. 304.

(⁸) O facto e a sua importância negativa são sublinhados pelo Prof. Borges de Macedo na ob. cit., pág. 80 e 84.

(⁹) Os andares são também frequentemente designados como *quartos*; estas expressões são equivalentes ou, pelo menos, bastante mais próximas do que hoje.

(¹⁰) Por exemplo, na derrama do imposto a satisfazer pelos negociantes da praça de Lisboa, respeitante a 1771, são indicados, no Socorro, 10 negociantes e 3 caixeiros (cfr. Francisco Santana, *Documentos do cartório da Junta do Comércio respeitantes a Lisboa*, vol. I, págs. 223 e 241).

(¹¹) Este destaque dado a arruamentos do Socorro não se verifica só na passagem citada (pág. 75); ele repete-se, quase monotonamente, a pp. 90, 104, 109, 112, 124, 125, 156, 158, 160, 210, 211, 236, 237, 238, 244, 252, 253. Louvando-se em Santos Cruz mas também em diversas outras fontes, idênticas afirmações produz José Machado Pais, a pp. 94, 102, 105 e 106 do seu sugestivo trabalho, publicado em 1985, *A prostituição e a Lisboa boémia do século XIX aos inícios do século XX*.

(¹²) Partindo dos valores fornecidos por Santos Cruz, verifica-se que o número de prostitutas representava, em relação ao total dos habitantes da cidade, um valor de 0,4%, enquanto que, considerada só a paróquia do Socorro, esse valor era de 1,74%.

(¹³) Cfr. Livro de Prédios, F. 71.

(¹⁴) É Carlos Olavo, em *A vida turbulenta do Padre José Agostinho de Macedo*, que dá esta notícia, indicando o arruamento com denominação que nunca ostentou, Rua Velha da Palma.

A CASA VEVA DE LIMA

– UM PROJECTO CULTURAL

Situado próximo das Amoreiras, o edifício hoje conhecido por Palácio Ulrich, foi construído nos últimos anos do século passado, em moldes clássicos.

Há poucos anos um novo edifício veio enriquecer o património comum da cidade. Trata-se do palacete Ulrich. Situa-se frente ao complexo das Amoreiras e à zona de edifícios que recentemente têm vindo a ser ali construídos, integrado embora num outro espírito urbanístico, numa área de grandes tradições.

O edifício, agora restaurado pela Câmara, foi durante muitos anos residência do embaixador Ruy Ennes Ulrich e de sua mulher Geneveva de Lima Mayer — familiarmente conhecida por Veva de Lima — bem como de sua filha Maria Ulrich, que o legou à cidade. Nele funcionou o último salão de Lisboa, na tradi-





Veva de Lima foi a personalidade carismática que deu vida à Casa. Aqui retratada por Sir Cecil Beaton.

Por iniciativa de Maria Ulrich, veio a ser possível ao Município a aquisição do palacete, hoje em dia utilizado para iniciativas de âmbito cultural.

ção romântica dos centros de reunião de figuras relevantes do mundo artístico, literário e político. Neste género de encontros era preponderante a importância do elemento feminino. É em torno da personalidade carismática da dona de casa, figura polarizadora fundamental, que giram os frequentadores e se estabelece o convívio.

A fortíssima personalidade das duas mulheres que habitaram esta casa e que de forma bem diversa marcaram as suas épocas, se deve aquilo que ela hoje é.

Filha de Carlos Mayer, um dos «vencidos da vida», a actividade literária e polemicista de Veva de Lima corporizou-se em vários livros de poesia, peças de teatro, crónicas de viagens, artigos de jornais e inúmeras conferências, tendo alcançado alguma notoriedade na sua época. Foi porém como dama da sociedade que as suas lides conheceram maior relevo. Casada com Ruy Ulrich, distinto professor universitário de Direito, a passagem do casal pela Embaixada de Portugal em Londres, entre 1933 e 1936 e de novo, mais tarde, nos anos 50, ficou famosa ao tempo não só por alguns importantes sucessos diplomáticos como, acima de tudo, pelo brilho mundano das festas e recepções que organizava e pelo êxito que, nessa roda, impôs Veva de Lima.

Ao lustre das festas que abrilhantaram o palacete das Amoreiras nos anos 20, 30 e 40, sucedeu-se um período mais tranquilo, sob a orientação de Maria Ulrich, profundamente empenhada nas suas actividades educativas e na Acção Católica. Acreditando sinceramente que a sociedade portuguesa necessitava de revalorizar ideais ou de reinventá-los, numa tradição humanista e de pensamento global, entendia que do diálogo e da troca de ideias advêm mais benefícios para o engrandecimento dos espíritos e para a acção dos homens que do isolacionismo estéril. Daí que tenha entendido dedicar esta Casa, sob o patrocínio do Município, ao convívio cultural.

COLECÇÃO VALE PELO CONJUNTO

O edifício foi construído na última década do século passado (em 1894), na então denominada Rua de S. João dos Bem-Casados, acompanhando o crescimento geral da cidade que então começava a expandir-se rapidamente por zonas marginais ainda ermas. As terras pertenciam ao Conde de Vilar-Secco que fez construir o edifício em moldes clássi-

Parte superior, correspondente ao primeiro andar,
da escadaria principal.

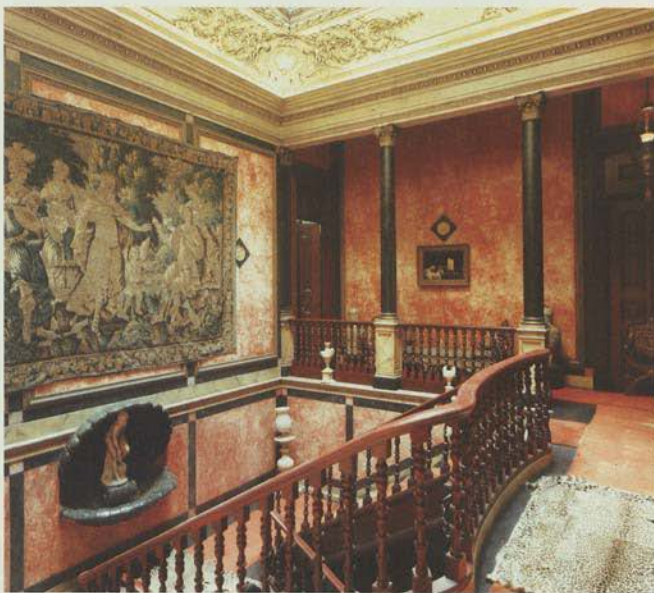


Primeiro andar.
Aspecto da Galeria sobre a
escadaria principal.

cos, como então se usava, elegante conjunto que compreendia igualmente uma cavalariça e cocheira anexas, em traça semelhante, hoje já desaparecidas.

Em 1920 Ruy Ulrich aluga esta casa para residência da família que antes habitava um prédio na Travessa dos Ferreiros. Na época, a sua localização era excelente, antes da construção dos vários edifícios à volta, nomeadamente os altos prédios da Rua D. João V que fazem barreira para o rio. Das janelas das traseiras, sobre o jardim, a vista estendia-se dos dois lados do Tejo, do nascente até à barra. Algumas décadas mais tarde, com a urbanização da área circundante e o crescimento da cidade em direcção ao norte, o panorama começou a ser abafado.

Sem dúvida que a colecção que este palacete alberga vale sobretudo pelo conjunto, mais que pelo valor artístico das peças isoladas. Indiscutivelmente, manifesta-se na decoração interior e na escolha dos objectos que a compõem a personalidade única de quem o habitou. Ainda hoje podemos constatar a marca do gosto inconfundível de Veva de Lima. Os objectos reunidos são testemunho de um percurso pessoal — recordações de viagens, temas de pessoalíssima escolha, a defesa de alguns ideais — tudo





Aspecto geral do Salão principal.
De notar, no friso espelhado, por cima da porta,
o conjunto da borboleta ladeada por dois cisnes,
símbolo de Veva de Lima.



Outro ângulo do Salão principal.
Ao longo das suas paredes
desenrola-se a história de Psyche.

marcado por um forte carácter que, propositadamente, desafiava e contrariava certas convenções usuais.

ORNAMENTAÇÃO E EXOTISMO

As linhas austeras do edifício foram reforçadas por uma ornamentação sóbria e grave, propositadamente discordante, em um ou outro pormenor, a forçar uma observação mais atenta.

Esse gosto começa a revelar-se logo na entrada e escadaria principal e resulta da conjugação, entre outras coisas, de um pesado reposteiro de veludo brasonado e da proximidade de uma grade de ferro forjado, com aplicações de vidro, em estilo déco. Mas o toque mais surpreendente é, sem dúvida, o exotismo das peles de leopardo que foram, de alto a baixo, os degraus da dupla escadaria.

O grande número de peles de variados tipos de animais — leopardos, tigres, zebras e antílopes — que ainda hoje se guardam e foram trazidos de África pela própria Veva de Lima, numa viagem que por lá realizou nos anos 20, são o testemunho da sua atracção por este tipo de exotismos. Durante algum tempo fez mesmo furor em Lisboa a notícia da existência de um leopardo vivo — trazido de África por um seu irmão — e que se passeava livremente no interior da casa e proximidades para espanto e alguma apreensão de visitas e vizinhança.

DECORAÇÃO ORIGINAL

Mas pertencem ao andar nobre as divisões mais importantes da casa. A principal, e também aquela onde foi conseguida uma decoração mais original, é o salão. Nele se destaca a excelente integração dos painéis de papel pintado, com cenas neoclássicas, no conjunto da ornamentação da sala. Em doze painéis, de diferentes dimensões, é relatada a história de Psyché. Este tema mitológico conta como Psyché (personificação simbólica da alma), que era uma jovem famosa pela sua beleza e virtudes, despertou a atenção de Eros. Após várias tribulações, entre as quais uma descida aos infernos e a perseguição de Afrodite, Eros tornou-a imortal, libertando-a assim da morte.

Esta série de composições foi originalmente pintada em 1814 por Laffitte, um famoso desenhador e pintor francês da primeira metade do século XIX, na

técnica de «grisaille», então muito utilizada neste género de trabalhos.

A origem destas composições, de variados temas das galerias mitológicas e que se tornam mais extensas à medida que o papel intervém como único ou quase único elemento de decoração de todas as paredes de uma divisão, remonta aos finais do século XVIII, tornando-se muito populares em França nas primeiras décadas do XIX, no período do Império.

A popularidade dos papéis pintados, produzidos em série através de técnicas cada vez mais aperfeiçoadas — inicialmente, a duração média deste tipo de painéis feitos num papel bastante fibroso e relativamente pouco resistente, era bastante limitada devido à humidade e a outros condicionamentos de preservação, devendo ser substituídos de tempos a tempos — fez com que tivessem reedições sucessivas, muitos deles até ao início do nosso século.

A narrativa é feita por figuras de inspiração clássica enquadradas num cenário de elementos neoclássicos — grinaldas, festões, armas. Mas o toque de originalidade conseguido consiste na forma como se operou a integração dos painéis na sala. Entre cada dois deles criou-se uma zona intermédia através de uma pi-

Neste pormenor se vê como foi feito um excelente trabalho de integração dos papéis pintados na decoração geral da sala, através da utilização de uma decoração neoclássica sobre fundo de espelho no intervalo entre os painéis de papel pintado.





Pormenor da decoração em papel com cenas do tema Eros e Psyché

lastra de estuque, de recorte clássico, nas quais se incrustou uma estreita faixa de espelho. Sobre estes foi justaposta uma ornamentação em «papier machée» prateado na qual se repetem os temas ornamentais que se encontram nos próprios painéis. Este pormenor, muito discreto, resulta numa excelente integração ambiental.

A decoração da sala é feita, em parte, com peças de mobiliário de estilo Império e outras de sóbrio recorte que se coadunam com o ambiente geral. No tecto, dois curiosos candelabros, imaginados por Veva de Lima, para se harmonizarem com a decoração geral.

GABINETE DE ESTILO ORIENTAL

Outra divisão que ressalta, no conjunto da casa, é uma pequena biblioteca ou gabinete de trabalho decorado em estilo oriental: as paredes forradas com biombo de madeira pintados e com incrustações, os móveis lacados e decorados com desenhos tipicamente orientais. Este tipo de decoração exótica esteve em grande voga nos finais do século passado, sendo esta sala uma sobrevivência já tardia deste tipo de gosto.

Além dos importantes conjuntos apresentados em algumas salas, são ainda

de referir diferentes peças soltas da colecção. Entre elas, três curiosos artefactos em ferro forjado — um lampadário, uma braseira e um «lectus» — da autoria de um artesão de Coimbra, Lourenço Chaves de Almeida, cuja obra era completamente desconhecida na capital e que Veva de Lima conheceu por intermédio de um seu amigo, o poeta Afonso Lopes Vieira. O grande entusiasmo que lhe causou aquele tipo de trabalho levou-a a lançar-se numa campanha pública, através de jornais e de conferências, para divulgação da arte do ferro forjado e daquele artista. A propósito da execução de um sofá, por encomenda de Veva de Lima, em que na malha do ferro forjado foram aplicados esmaltes e gemas de várias cores, chegou mesmo a abrir as portas do palacete para uma exposição pública da peça.

Mas outras peças isoladas chamam também a atenção. Refira-se um singular banco de faiança branca em forma de macaco, da fábrica do Rato, peça extremamente rara. Destaque-se igualmente uma curiosa estatueta de bronze retratando Eça de Queiroz, em corpo inteiro, assinada por F. da Silva Gouveia e executada em Paris, em 1901.

PINTURA: PREFERÊNCIA POR ESTRANGEIROS

Quanto à pintura, a colecção reunida atesta o mesmo gosto sóbrio e tradicional, com preferência por pintores estrangeiros e completa exclusão de trabalhos modernistas. Alguns retratos atribuídos à escola de Franz Halls e uma cena de género assinada por David Tenier, contam-se entre os quadros mais significativos. A quase total ausência de artistas portugueses é apenas exceptuada por uma pequena cena naturalista da autoria de Silva Porto — «A Nora» — e duas gravuras de Sousa Lopes com cenas da guerra de 1914-18.

Este pintor, que viria a ser director do Museu de Arte Contemporânea a partir de 1929, foi, aliás, alvo de outra entusiástica campanha de apoio por parte de Veva de Lima, tendo-se dedicado a pintar cenas da 1.ª Guerra Mundial, especialmente acções em que entrou o Corpo Expedicionário Português. Em 1919, por altura de uma exposição na qual mostrava alguns desses trabalhos, Veva de Lima escreve um artigo expressando a sua rendida admiração por estas obras. As duas gravuras que hoje se guardam na Casa pertencem exactamente a essa



Pequeno gabinete de trabalho onde se misturam elementos decorativos orientais com vários outros de proveniências muito variadas.



fase dos seus trabalhos. São cenas de combate, vendo-se numa delas soldados a rastejar enquanto na outra soldados arrastam cavalos que puxam baterias (1).

COMPROMISSO COM O FUTURO

Como já referi, a decoração do palacete foi conduzida pessoalmente por Veva de Lima e nela está fortemente impressa a marca do seu gosto. Assim sendo, é de realçar o aparecimento frequente do seu tema preferido, que utilizou como símbolo pessoal. Trata-se da conjugação de dois cisnes ladeando uma borboleta que, obsessivamente, vemos aparecer pela casa, impondo a sua presença, embutido, desenhado, bordado ou esculpido. Encontramos este símbolo sobreposto num espelho que domina o salão, nos candeeiros, nas incrustações de marfim das mesas, pintado nas portas, bordado nos tapetes, em colchas ou numa multiplicidade de pequenos objectos de bric-a-brac espalhados pelas salas e reunidos quase com requintes de colecionador. «Borboleta» se chamou um dos seus livros de poesia; com a graciosidade do cisne e a fragilidade da borboleta se compara Veva de Lima, num preciosismo poético de gosto ultra-romântico.

Tendo a casa sido decorada no início da década de 20, a mesma decoração aparece deslocada no tempo, caracterizada por um sóbrio gosto clássico que internacionalmente havia desaparecido com o fim da I Guerra Mundial. Do gosto em vigor na altura — *art déco* — nada ou quase nada nos apresenta esta colecção, ficando-se por uma ou duas peças de menor valor artístico, embora no caso de uma delas se trate de uma formosíssima pequena peça de vidro, representando dois jovens cisnes geminados, possivelmente um pisa-papéis, assinado Lalique.

Sabe-se que Veva de Lima esteve na famosíssima Exposição das Artes Decorativas que se realizou em Paris, em 1925, e que marcou o triunfo de um novo estilo que iria dominar nos anos seguintes vindo a substituir, definitivamente, os últimos vestígios da Arte Nova. Mas o seu gosto, aferido em padrões internacionais, buscava, sem dúvida, modelos mais clássicos e imutáveis, de carácter aristocratizante que se opunham aos estilos mais recentes, desenvolvidos pela burguesia europeia do pós-guerra. A au-

sência de referências tipicamente portuguesas nas artes decorativas, à excepção, como já vimos, de um ou outro caso pontual, pode ser, senão de estranhar, pelo menos de assinalar numa época de defesa dos valores nacionalistas e em quem fazia da sua apologia uma bandeira. Isto pode-nos levar a concluir que mesmo a defesa do nacionalismo, corrente então generalizada por toda a Europa, era uma questão importada, moldada por ideias semelhantes, vindas de fora.

Da vivência desta casa faz parte um longo historial de acontecimentos mundanos. De recepções e bailes, a concursos de música e conferências até a um sarau dedicado às realidades que nos anos 40, viviam em Portugal, a lista é enorme. Nestes salões foram recebidos e conviveram figuras como Afonso Lopes Vieira, Alberto de Monsaraz, Alfredo Pimenta, Hipólito Raposo, Sousa Lopes, António Ferro e Fernanda de Castro, Reynaldo dos Santos e Calouste Gulbenkian, entre muitos outros nomes de escritores, artistas plásticos, músicos e políticos. Tão grande tradição e importante memória da cidade não queria a sua herdeira, Maria Ulrich, deixar perder, tendo sido seu desejo que, ao passar para a posse do Município, a sua vocação pudesse manter-se. Daqui que Maria Ulrich contrariasse a ideia de que esta viesse a ser uma simples casa-museu, sem imaginação e sem actividade. Para impedir que isso acontecesse, fundou uma Associação, que tem como objectivo homenagear a pessoa e a acção de sua Mãe, preservando a integridade do património e o espírito da Casa, destinada a manter em funcionamento um centro de convívio cultural dedicado ao estudo e valorização da vida literária e artística da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. Mas, acima de tudo, que continuasse a ser uma casa viva, onde o debate e a germinação das ideias pudessem constituir um compromisso com o futuro.

NOTA: A segunda gravura tem a seguinte legenda:

«19 5 Abril /

O Capitão Beleza dos Santos consegue atravessar uma decisiva barreira de artilharia, conseguindo escapar ao inimigo com a sua bateria de 75»

e no outro canto a dedicatória:

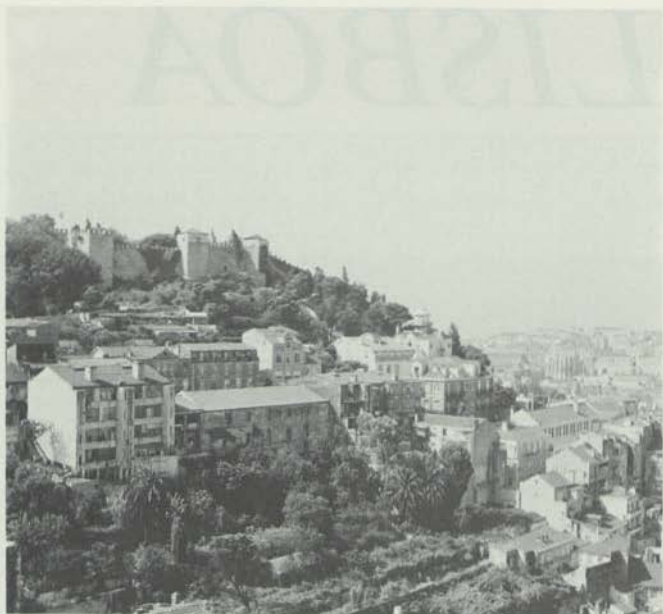
«A Veva de Lima homenagem respeitosa do seu grande admirador Sousa-Lopes».



Uma bela peça de ferro forjado – um «lectus»
da autoria de Chaves de Almeida | 71

Um candelabro de ferro forjado
da autoria de Chaves de Almeida





SEMANA PROMOCIONAL DE LISBOA NA HOLANDA

Destinada a divulgar um programa turístico especial para o inverno 88/89, a Câmara de Lisboa realizou na Holanda de 3 a 7 de Outubro uma semana promocional da Cidade, numa acção conjunta

com a TAP — Air Portugal e o Centro de Turismo de Portugal no Benelux e que teve por destinatários operadores turísticos e órgãos de comunicação social.

Para acompanhar as diversas actividades a desenvolver, deslocou-se a Amesterdão e Roterdão um grupo de trabalho integrado, nomeadamente, pelo Vereador do Pelouro do Turismo, Dr. Victor Gonçalves, e por técnicos da CML para a área do turismo, tendo sido exemplificado ao «trade» turístico e à imprensa local o programa turístico da cidade de Lisboa, através de mostras de vinhos e gastronomia e exibição de fado e folclore.

Esta acção destinou-se, numa óptica de diversificação de mercados, a incentivar a tendência já verificada no aumento de entradas de turistas holandeses, da ordem dos 34% no ano de 1987, aproveitando para tal os condicionalismos próprios da época baixa.



CERIMÓNIA COMEMORATIVA DA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

Realizou-se no dia 5 de Outubro a habitual cerimónia comemorativa da proclamação da República, tendo assistido ao acto solene do hastear da bandeira nacional o Comandante Homem Gouveia, em representação do Presidente da República, e o Presidente da Câmara, Eng.º Nuno Abecasis, que na ocasião proferiu um discurso alusivo ao significado da efeméride.

A tradição de comemorar a implantação da República da mesma varanda onde ela foi proclamada reveste-se de profundo significado, tanto mais que já anteriormente à revolução de 5 de Outubro a Câmara de Lisboa era de maioria republicana, tendo a Guarda Municipal desempenhado papel de relevo no desenrolar dos acontecimentos. Foi ainda do edifício dos Paços do Concelho que saiu o funeral das vítimas do movimento, Dr. Miguel Bombarda e Almirante Cândido dos Reis, cujos corpos estiveram em câmara ardente no Salão Nobre.

LISBOA E LUANDA CIDADES GÊMEAS

O Presidente da Câmara, Eng.º Nuno Abecasis, visitou Luanda entre 7 e 12 de Outubro, tendo assinado com o seu homólogo do Commissariado Provincial de Luanda, Luís Gonzaga Wawutti, um acordo de geminação entre as duas cidades, de cujo programa ressalta o desejo de incrementar o intercâmbio nas áreas de cultura, educação, economia e turismo, no sentido da difusão recíproca da cultura dos dois povos e da cooperação em programas de desenvolvimento de ambos os municípios.

Segundo referiu o Presidente da Câmara de Lisboa, o acto de geminação representa a «recuperação das feridas da guerra», pelos contributos que Lisboa poderá prestar à capital angolana, entre outros no apoio técnico a nível do sistema de esgotos, abastecimento de água, recuperação urbana e transportes.

No âmbito deste protocolo foi de imediato formalizada a entrada de Luanda na UCCLA (União das Cidades Capitais Luso-Afro-Américo-Asiáticas), completando-se assim o universo possível da União, que conta agora por membros todas as cidades capitais de língua portuguesa.

Luanda





O Autocarro Cultural na Praça do Município

AUTOCARRO CULTURAL

Um «autocarro cultural» vem percorrendo diariamente a cidade de Lisboa desde Outubro, possibilitando a visita de centenas de crianças do ensino primário, preparatório e secundário a espaços municipais, museus e monumentos da Cidade.

Para o efeito, a CML assinou no dia 10 de Outubro um protocolo com a Carris, nos termos do qual esta empresa cede um autocarro que, adaptado e com uma pintura alusiva a Lisboa, percorrerá diariamente vários locais históricos da Cidade, sendo as crianças acompanhadas por monitores da CML.

PRIMEIRO-MINISTRO BELGA RECEBIDO NA CÂMARA

No decurso da sua visita oficial a Portugal o Primeiro-Ministro belga, Wilfried Martens, foi recebido pelo Presidente da Câmara, em cerimónia realizada no Salão Nobre dos Paços do Concelho no dia 14 de Outubro.

Seguidamente, o Primeiro-Ministro belga, acompanhado pelo Presidente, Vereadores e Técnicos da Câmara visitou a área sinistrada do Chiado, onde se inteirou das características do incêndio e dos trabalhos em curso e planos de reconstrução.

Em resposta às afirmações do Eng.º Nuno Abecasis, que afirmou constituir o incêndio do Chiado uma lição para as cidades da Europa e ao compromisso assumido de enviar os resultados do inquérito aos seus homólogos europeus, Wilfried Martens referiu a sua «simpatia e solidariedade», assegurando que a reconstrução do Chiado deverá ser também um esforço europeu.



O Primeiro-Ministro belga, Wilfried Martens, ao assinar o Livro de Honra.

LISBOA RECEBE BANDEIRA DE HONRA DO CONSELHO DA EUROPA

O Conselho da Europa outorgou à cidade de Lisboa a sua Bandeira de Honra, visando assim distinguir a contribuição do Município em favor do ideal europeu, nomeadamente pelo sua participação em organizações internacionais, como a UCCLA (União das Capitais Lusófonas) e a UCCE (União das Capitais da Comunidade Europeia).

A Bandeira de Honra foi entregue na pessoa do Presidente da Câmara, Eng.º Nuno Abecasis, pelo sr. Wolfgang Blenk, parlamentar do Conselho da Europa, em cerimónia realizada dia 15 de Outubro no Salão Nobre dos Paços do Concelho, tendo sido seguidamente hasteada numa janela da Sala da República.

Para assinalar a entrega do galardão,



O Presidente da Câmara, Eng.º Nuno Abecasis, ao receber das mãos do parlamentar europeu Wolfgang Blenk a Bandeira de Honra do Conselho da Europa.

foram desenvolvidas diversas actividades paralelas ao programa oficial, nomeadamente concertos em jardins, abertura gratuita de museus, uma regata

no Tejo, desfile de marchas populares e exibição de jogos tradicionais, entre outras manifestações culturais e desportivas.



O Presidente da Câmara, Eng.º Nuno Abecasis, e uma filha do Arqt.º Bairrada no acto da inauguração.

HOMENAGEM DO MUNICÍPIO A EDUARDO BARRADA

Realizou-se no dia 15 de Outubro a cerimónia da inauguração da Av.ª Eduardo Bairrada, artéria que liga o Rio Seco à Rua do Cruzeiro.

Com a atribuição do seu nome à nova Avenida, foi assim homenageado o Arqt.º Eduardo Martins Bairrada, falecido em Janeiro de 1987, funcionário dos quadros técnicos do Município e autor de vários trabalhos sobre a capital, nomeadamente a obra «Empedrados Artísticos de Lisboa», premiado pela Academia Nacional de Belas-Artes com o prémio «José de Figueiredo» e pela CML com o prémio «Júlio de Castilho».

O ilustre arquitecto participou em numerosas acções culturais e patrimoniais de repercussão além-fronteiras, tendo desenvolvido intenso trabalho de investigação, propaganda e divulgação sobre a cidade de Lisboa, sendo à data da sua morte Director do Gabinete de Estudos Olisiponenses, membro efectivo da Academia Nacional de Belas-Artes e da Marinha e correspondente da Academia Portuguesa de História, que representava no Conselho Municipal.

Entre as várias condecorações nacionais e estrangeiras que recebeu figurava a Comenda da Ordem Militar de Santiago da Espada (Ciências, Artes e Letras) e, a título póstumo, a Medalha de Honra da Cidade com o título de Benemérito.

**PRESIDENTE DA CÂMARA
PARTICIPA EM
CONFERÊNCIA INTERNACIONAL
SOBRE ARQUITECTURA**

A convite da União Internacional de Arquitectos, deslocou-se a Estrasburgo o Presidente da Câmara, Eng.º Nuno Abecasis, a fim de participar numa conferência internacional subordinada ao tema «Poderes Locais, o Arquitecto e a Comunidade», organizada no âmbito do Conselho da Europa.

Na conferência, que se prolongou pelos dias 18, 19 e 20 de Outubro, o Presidente da Câmara apresentou uma importante comunicação sobre o melhoramento das condições de vida no meio urbano, intitulada «Cooperação entre as Autoridades Locais, o Arquitecto e a Comunidade».

Ainda no âmbito dos trabalhos, o Eng.º Nuno Abecasis participou numa reunião da Comissão de Ambiente e Urbanismo do Conselho da Europa, na qual apresentou o projecto do relatório para 1989 da Comissão dos Poderes Locais da Europa.

Estrasburgo



NOVAS ESCOLAS PRIMÁRIAS

Em conferência de imprensa realizada nos Paços do Concelho no dia 19 de Outubro, a Vereadora Ana Sara de Brito anunciou o plano da intervenção do Pelouro da Educação para a melhoria das condições físicas e humanas nos estabelecimentos de ensino primário oficial, destacando-se a abertura de novas escolas primárias nas freguesias de Marvila, Campolide e Benfica.

No âmbito da acção social escolar foram anunciadas importantes medidas, tais como a atribuição de subsídio de alimentação a alunos economicamente carenciados, fornecimento de material e manuais escolares, transporte de crianças deficientes e apoio a actividades complementares dos planos pedagógicos.

A Câmara irá ainda prosseguir o seu programa de equipamento das Escolas e



Momento da conferência, com a Vereadora Ana Sara de Brito no uso da palavra.

Jardins de Infância da Rede Pública e de investimento na construção de Jardins de Infância com ensino pré-primário, desenvolvendo por outro lado, em colabo-

ração com o Ministério da Educação e outras instituições, as acções necessárias ao aumento da segurança nas escolas.

LISBOA CONVIDA

Visando incrementar o fluxo de turistas nacionais para a capital durante os fins-de-semana da época baixa, os Serviços de Turismo da Câmara de Lisboa lançaram uma campanha de turismo interno, denominada «Lisboa Convida», cujas principais características foram apresentadas pelo Vereador do respectivo pelouro, Dr. Victor Gonçalves, em conferência de imprensa realizada no dia 20 de Outubro.

Assim, para o efeito, será desenvolvida uma série de incentivos, que passam por descontos, quer no alojamento (em hotéis de 5, 4 e 3 estrelas e pensões de 4 estrelas), quer em variados serviços, como «rent-a-car», teatros, futebol, restaurantes, bares e discotecas, bingo, jardim zoológico, lojas de centros comerciais, circuitos turísticos e entradas gratuitas nos museus e na Estufa Fria.

A nível local, esta campanha terá o apoio directo das Câmaras Municipais e das Comissões Regionais de Turismo, sendo distribuídos e validados nos postos de turismo de todo o país os cartões «Lisboa Convida» que darão acesso aos respectivos descontos.



Aspecto da conferência de imprensa em que o Vereador Dr. Victor Gonçalves apresentou a campanha «Lisboa Convida».

ACESSO DOS CONSUMIDORES À JUSTIÇA

Um protocolo de acordo para um projecto-piloto de arbitragem, que pretende facilitar o acesso dos consumidores à justiça na resolução de pequenos litígios, foi assinado entre a Câmara Municipal de Lisboa, o Instituto Nacional de Defesa do Consumidor, a Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor (DECO) e a União das Associações de Comerciantes do Distrito de Lisboa, em cerimónia realizada no dia 28 de Outubro no Salão Nobre dos Paços do Concelho, na qual esteve presente o Secretário de Estado do Ambiente, Eng.º Macário Correia.

Este projecto visa fundamentalmente a resolução de pequenos litígios de con-

sumo na cidade de Lisboa, considerando-se que as necessidades dos consumidores em matéria de apoio jurídico implicam, antes de tudo, a tomada de consciência por parte destes dos seus próprios direitos, a informação e a educação e, num segundo momento, a mediação, a conciliação e a arbitragem, incluindo a resolução dos conflitos pela via judicial.

Será constituída uma Comissão de Coordenação, que integrará representantes dos consumidores, dos Comerciantes de Lisboa e da CML, que coordenará. Por outro lado, o Tribunal Arbitral será constituído por um árbitro, nomeado pelo Ministério da Justiça ou escolhido por consenso das partes intervenientes no Protocolo.

Os consumidores poderão assim optar por estabelecimentos que venham a aderir ao projecto sabendo que, em caso de litígio, os comerciantes deverão cumprir as decisões emanadas do Tribunal Arbitral, o que oferece maior segurança ao consumidor e incentivará o consumo no comércio que aderir ao projecto.

Entretanto, será organizado pela DECO um serviço de acolhimento aos consumidores dotado de pessoal especializado, que acolherá e informará os consumidores, dispondo nomeadamente dum «Telefone do Consumidor» para fornecer informações e receber reclamações.

Esta experiência-piloto terá a duração de 3 anos, sendo depois institucionalizado um Centro de Arbitragem, caso se verifique a utilidade dos resultados pretendidos.

Assinatura do Protocolo.





Dublin

LISBOA TRANSMITE A DUBLIN PRESIDÊNCIA NA UCCE

Decorreu em Dublin, em finais de Outubro, a 27.ª Assembleia Plenária da UCCE — União das Capitais da Comunidade Europeia, subordinada ao tema «Espaços Abertos e Áreas de Recreio para os Cidadãos», no decorrer da qual o Presidente da Câmara, Eng.º Nuno Abecasis, transmitiu ao seu homólogo daquela cidade a presidência da União, que vinha exercendo desde Outubro de 1987.

No decurso dos trabalhos, o Eng.º Nuno Abecasis apresentou uma comunicação onde deu conta do papel desenvolvido nos últimos anos pela CML no fomento da vivência dos espaços exteriores, recuperando-os para os peões, na abertura de ruas pedonais, no alargamento de passeios e na disseminação de esplanadas, com polarização da vivência em áreas desertificadas ou como apoio à actividade comercial.

CML ORGANIZA CURSO DE FORMAÇÃO PARA JOVENS COMERCIANTES

Decorreu nos meses de Outubro, Novembro e Dezembro o 1.º Curso de Formação para Jovens Comerciantes, visando temas como noções gerais de comércio, «marketing» e vendas, legisla-

ção comercial e fiscalidade, técnicas de decoração e «merchandising».

Este curso, que contou com o apoio das associações de comerciantes e do Fundo Social Europeu, destinou-se a formar e qualificar jovens dos 18 aos 24 anos, preferentemente filhos de comerciantes dos mercados municipais, no sentido da modernização do comércio da Cidade.



Cerimónia de entrega de diplomas aos jovens comerciantes.



**CIDADES CAPITAIS
DE LÍNGUA PORTUGUESA**

ATRIBUÍDO PRÉMIO INTERNACIONAL LUÍS DE CAMÕES

Foi este ano pela primeira vez atribuído o Prémio Internacional Luís de Camões que, instituído pela UCCLA (União das Capitais Lusófonas), se destina a galardoar anualmente o aluno melhor classificado na disciplina de língua portuguesa no último ano do ensino secundário.

O aluno contemplado foi Paulo Jorge Duarte Pires Ferreira, da cidade da Praia (Cabo Verde), tendo o prémio consistido numa viagem e estadia de uma semana em Lisboa e visitas a outras zonas do país, com o apoio da CML, do Ministério da Educação e da TAP-Air Portugal.

Este prémio tem por objectivo incrementar o ensino da língua portuguesa e contribuir para a manutenção dos laços de amizade e cooperação desenvolvidos entre as cidades membros da União.

No próximo ano, o Prémio Luís de Camões será implementado em toda a sua extensão, devendo deslocar-se a Lisboa alunos premiados de todas as capitais da UCCLA.

CALÇADA TRADICIONAL PORTUGUESA NA RUA AUGUSTA

Tiveram início no mês de Novembro as obras de repavimentação da Rua Augusta com calçada tradicional portuguesa, segundo um projecto baseado em projecto prévio do Arqt.º Caldeira Cabral.

A remodelação da Rua Augusta, iniciada com o encerramento ao trânsito automóvel, insere-se na política municipal seguida nos últimos anos, no sentido de melhorar os espaços de circulação para peões e, no caso presente, recuperando uma artéria das mais nobres da Cidade.

Calçada tradicional portuguesa na Rua Augusta – aspecto dos trabalhos.





Lisboa na Rota do Comércio:
encontro de reflexão sobre o fenómeno dos hipermercados.

LISBOA NA ROTA DO COMÉRCIO

Com organização da Câmara Municipal de Lisboa, realizou-se no dia 11 de Novembro um encontro sobre o fenómeno dos hipermercados e do seu impacto no comércio da cidade, que contou com a presença de diversos investigadores e especialistas da actividade comercial.

Esta foi a primeira duma série de jornadas de reflexão que, sob o nome genérico de «Lisboa na Rota do Comércio», se irão realizar nos próximos meses, no intuito de analisar e acompanhar a dinâmica do comércio da Cidade, e onde irão ser abordados temas como a actividade dos centros comerciais, supermercados, comércio de especialização, «franchising» e, ainda, a criação do mercado interno europeu.

III JOGOS DESPORTIVOS DA CIDADE

A cerimónia de abertura dos III Jogos Desportivos da Cidade realizou-se no Parque Municipal S. João de Brito, no dia 13 de Novembro, tendo presidido ao acto inaugural o Vereador do Pelouro do Desporto, Dr. Victor Gonçalves.

Na ocasião, os presentes assistiram ao desfile das equipas participantes, a que se seguiu o primeiro jogo na modalidade de futebol de salão.

Recorde-se que, a exemplo das anteriores edições, os Jogos Desportivos da Cidade destinam-se a jovens dos 9 aos 16 anos nas modalidades de futebol de salão, atletismo, andebol, basquetebol, natação e ainda, este ano, em voleibol e xadrez.



Dr. Victor Gonçalves,
Vereador do Desporto e Turismo,
na cerimónia de abertura
dos III Jogos Desportivos.



O Vereador do Pelouro, Dr. Victor Gonçalves, ao entregar o troféu ao Presidente da Direcção do Grupo Desportivo do Castelo.

MARCHAS POPULARES/88 - CERIMÓNIA DE ENTREGA DOS PRÉMIOS

Realizou-se no dia 16 de Novembro no Páteo Alfacinha a entrega de prémios referentes às Marchas Populares de 1988, em cerimónia presidida pelo Vereador do Pelouro do Turismo, Dr. Victor Gonçalves e na qual estiveram presen-

tes representantes de todos os bairros participantes.

No corrente ano desfilaram 16 bairros, tendo-se classificado em primeiro lugar a marcha do Castelo, em segundo a Madragoa, em terceiro Marvila e, em quarto lugar, S. Vicente. A marcha do Castelo conquistou ainda os prémios de graciosidade, canto e coreografia e Marvila o prémio de coreografia.



Orq.t. Victor Reis, Vereador da Cultura, na cerimónia de atribuição das bibliotecas.

CÂMARA ATRIBUI BIBLIOTECAS

Vinte bibliotecas, num total de 6000 volumes, foram entregues pela Câmara de Lisboa a diversas escolas primárias, juntas de freguesia e outras instituições da Cidade, em cerimónia realizada no Palácio Galveias no dia 24 de Novembro

e presidida pelo Vereador do Pelouro da Cultura, Arqt. Victor Reis.

Esta acção do Município de Lisboa surge na sequência de uma política cultural de divulgação do livro e da leitura que tem vindo a ser seguida nos últimos anos, consubstanciada normalmente neste tipo de apoio, após um estudo prévio do perfil do leitor ou potencial utilizador da biblioteca.



O Presidente-Substituto da Câmara, Dr. Lívio Borges, na homenagem aos Restauradores.

COMEMORAÇÕES DO DIA DA INDEPENDÊNCIA

No âmbito das comemorações do 1.º de Dezembro, esteve a Câmara representada pelo seu Presidente-Substituto, Dr. Lívio Borges, na tradicional cerimónia evocativa, realizada junto ao Monumento aos Restauradores.

Na sua intervenção, o Dr. Lívio Borges teve oportunidade de recordar o carácter colectivo do movimento que conduziu à Restauração da Independência, assinando por similitude que «do mesmo modo que em 1640 foi possível a mobilização voluntária de todos os estratos sociais, o Portugal moderno exige de todos nós o consenso necessário para a mobi-

lização geral e voluntária de todos os portugueses, para que sejam atingidos os objectivos comuns de mudança nesta época de interdependência das independências nacionais em vastos espaços económicos e culturais».

O General Themudo Barata, Presidente da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, lembrou por seu lado que «a independência de uma Pátria não se exalta e não se defende por estar em risco, mas precisamente para que o não esteja».

Estiveram presentes às comemorações diversas autoridades civis e militares, e ainda representações das academias e escolas militares e dos bombeiros, que depuseram flores na base do Monumento aos Restauradores.

FORUM DAS CIDADES COM ZONAS DE SALVAGUARDA

Como convidado de honra do governo francês, o Presidente da Câmara, Eng.º Nuno Abecasis, deslocou-se a Nimes nos dias 1 e 2 de Dezembro onde produziu, no Forum das Cidades com Zonas de Salvaguarda, uma intervenção sobre a recuperação da área sinistrada do Chiado.

Na sua alocução, o Eng.º Nuno Abecasis realçou o carácter integrado e não pontual das medidas tomadas e do trabalho a desenvolver, como via de resolução dos problemas decorrentes do incêndio que atingiu aquela zona histórica de Lisboa.

O Eng.º Nuno Abecasis encontrou-se ainda com o seu homólogo de Paris, Jacques Chirac, com quem analisou o intercâmbio cultural entre as duas capitais e foi recebido em audiência pelo Ministro francês do Equipamento e da Habitação, Maurice Faure, na qual foi abordada a cooperação entre o governo francês e a cidade de Lisboa no âmbito da recuperação do Chiado.

Operações de combate
ao incêndio do Chiado.



XVII SALÃO DE VELHARIAS E OBJECTOS DE COLECÇÃO

O XVII Salão de Velharias e Objectos de Coleção, uma iniciativa já tradicional que conta com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa, foi inaugurado no dia 2 de Dezembro na nave de exposições da Estufa Fria.

O certame, onde os coleccionadores e amantes de antiguidades puderam comprar, vender e trocar os mais variados objectos, da simples caixinha aos móveis no valor de centenas de contos, prolongou-se até 11 de Dezembro, sempre com grande afluência de público.

Aspecto da Exposição



PROTOCOLO DE ACORDO ENTRE A CML, RTP E RDP

A Câmara de Lisboa assinou com a RTP — Radiotelevisão Portuguesa e com a RDP — Radiodifusão Portuguesa um protocolo de acordo que viabiliza a instalação conjunta das sedes centrais e operacionais destas duas empresas públicas, em cerimónia realizada no Salão Nobre dos Paços do Concelho no dia 14 de Dezembro e na qual estiveram presentes o Presidente da Câmara, Eng.º Nuno Abecasis, e os Presidentes dos Conselhos de Administração da RTP e RDP, respectivamente, Coelho Ribeiro e Arlindo Carvalho.

Esta instalação conjunta, que terá lugar num terreno com a área de oito hectares, situado na Estrada da Luz com gaveto para a segunda circular, vai implicar grande economia de meios e melhoria na qualidade dos serviços prestados, porquanto permitirá concentrar num único local um conjunto de serviços dispersos por 12 edifícios, no caso da RDP, e proporcionar a instalação de serviços operacionais, no caso da RTP.

A Câmara incluiu já anteriormente, no estudo daquela zona, uma reserva urbanística para este efeito e propõe-se acompanhar os estudos de instalação das duas entidades, colaborando no apoio ao projecto e nas operações de disponibilização dos terrenos necessários.

Assinatura do Protocolo



Vista da Estação de Tratamento de Águas Residuais de Alcântara, em construção.

OBRAS DE SANEAMENTO

Na sua reunião do dia 19 de Dezembro, a Câmara deliberou abrir um concurso público internacional no âmbito da CEE para a empreitada de concepção/ construção do Sistema Interceptor das Águas Residuais de Lisboa na frente Algés-Alcântara e Drenagem das Águas Pluviais da zona baixa de Alcântara.

Este Sistema Interceptor, cuja obra está estimada em um milhão e quinhentos mil contos, irá actuar numa área carenciada de infra-estruturas, constituída por todas as zonas cujos caudais afluem ao troço do rio Tejo compreendido entre o Caneiro de Algés e a ETAR de Alcântara.

Com a sua execução, ficará completo o Sistema Interceptor de Esgotos da Cidade de Lisboa, o seu tratamento e destino final, orçado na globalidade em cerca de 5 milhões de contos, o qual permitirá uma drástica redução dos níveis de poluição no rio Tejo.



EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

NÚMERO AVULSO: 500\$00